

# GEORGE R.R. MARTIN

AS CRÓNICAS DE GELO E FOGO - LIVRO QUATRO

## O DESPERTAR DA MAGIA



TRADUÇÃO DE JORGE CANDEIAS





O monte projectava-se por cima do denso emaranhado de floresta, erguendo-se solitário e súbito, deixando ver as suas alturas varridas pelo vento de milhas em redor. Os patrulheiros diziam que os selvagens lhe chamavam Punho dos Primeiros Homens. Jon pensou que *realmente* se parecia com um punho, atravessando a terra e a floresta, com as vertentes nuas e castanhas encimadas por pedra.

Cavalgou até ao topo com o Lorde Mormont e os oficiais, deixando o Fantasma lá em baixo, entre as árvores. O lobo gigante fugira por três vezes enquanto subiam, regressando relutantemente por duas dessas vezes ao som do assobio de Jon. Da terceira, o Senhor Comandante perdera a paciência e exclamara:

— Deixa-o ir, rapaz. Quero alcançar o cume antes do ocaso. Procura o lobo mais tarde.

O caminho era íngreme e pedregoso, e o cume estava coroado com um muro de pedras desprendidas dos rochedos que chegava ao peito. O grupo foi forçado a dar uma larga volta para oeste até encontrar uma brecha suficientemente larga para deixar passar os cavalos.

— Isto é uma boa posição, Thoren — proclamou o Velho Urso quando atingiram por fim o topo. — Dificilmente encontraremos melhor. Faremos aqui o acampamento para esperar pelo Meia-Mão. — O Senhor Comandante saltou da sela, desalojando o corvo do ombro. Queixando-se sonoramente, a ave levantou voo.

A vista do topo do monte era abrangente, mas o que atraiu os olhos de Jon foi o muro circular, as pedras cinzentas desgastadas com as suas manchas brancas de líquenes, as suas barbas de musgo verde. Dizia-se que o Punho tinha sido um forte anelar dos Primeiros Homens, na Idade da Alvorada.

— Um lugar velho e forte — disse Thoren Smallwood.

“*Velho*”, gritou o corvo de Mormont, batendo as asas em círculos ruidosos em volta das cabeças dos homens. “*Velho, velho, velho*”.

— Cala-te — rosou Mormont para a ave. O Velho Urso era demasiado orgulhoso para admitir fraqueza, mas Jon não se deixava enganar. O esforço de acompanhar os homens mais novos estava a cobrar o seu preço.

— Esta elevação será fácil de defender, se for necessário — fez notar

Thoren enquanto levava o cavalo ao longo do anel de pedras, com o vento a agitar-lhe o manto forrado a zibelina.

— Sim, este lugar servirá. — O Velho Urso ergueu uma mão para o vento, e o corvo aterrou-lhe no antebraço, arranhando com as garras a cota de malha negra.

— E a água, senhor? — quis saber Jon.

— Atravessámos um riacho no sopé do monte.

— Uma longa subida para beber água — fez notar Jon — e fora do anel de pedra.

Thoren disse:

— És demasiado preguiçoso para subir um monte, rapaz?

O Lorde Mormont disse:

— Não é provável que encontremos outro sítio tão forte como este. Transportaremos água e assegurar-nos-emos de estar bem abastecidos — e Jon sabia que não devia discutir. E assim a ordem foi dada e os irmãos da Patrulha da Noite montaram o acampamento por trás do anel de pedra que os Primeiros Homens tinham feito. Tendas negras nasceram como cogumelos depois de uma chuvada, e cobertores e colchões de enrolar cobriram o terreno nu. Intendentes ataram os garranos em longas fileiras, e deram-lhes água e alimento. Lenhadores levaram os seus machados até às árvores, à luz da tarde que se escoava, a fim de colher madeira suficiente para a noite. Uma vintena de construtores pôs-se a limpar a vegetação rasteira, a cavar latrinas e a desatar os feixes de estacas endurecidas pelo fogo que tinham trazido.

— Quero ver fosso e estacas em todas as aberturas do muro antes de cair a noite — ordenara o Velho Urso.

Depois de erguer a tenda do Senhor Comandante e de cuidar dos cavalos, Jon Snow desceu o monte em busca do Fantasma. O lobo gigante veio de imediato, num silêncio total. Num momento, Jon caminhava a passos largos por entre as árvores, assobiando e gritando, sozinho na verdura, com pinhas e folhas caídas sob os pés; no seguinte, o grande lobo gigante branco caminhava a seu lado, alvo como a neblina da manhã.

Mas quando chegaram ao forte anelar, Fantasma voltou a mostrar-se renitente. Avançou com cautela para farejar a abertura nas pedras, e depois recuou, como se não tivesse gostado do que cheirara. Jon tentou agarrá-lo pelo cachaço e arrastá-lo à força para dentro do anel, o que não era tarefa fácil; o lobo pesava tanto como ele, e era muito mais forte.

— Fantasma, que se passa contigo? — Não era dele mostrar-se tão perturbado. Por fim, Jon teve de desistir. — Como queiras — disse ao lobo. — Vai, caça. — Os olhos vermelhos ficaram a observá-lo enquanto abria caminho por entre as pedras cobertas de musgo.

Deviam estar ali em segurança. O monte tinha uma posição dominante, e as vertentes norte e oeste formavam precipícios e eram apenas um pouco mais suaves para leste. E no entanto, à medida que o ocaso se aprofundava e a escuridão deslizava pelos espaços vazios entre as árvores, a sensação de mau agouro que Jon trazia cresceu. *Isto é a floresta assombrada*, disse a si próprio. *Talvez haja aqui fantasmas, os espíritos dos Primeiros Homens. Em tempos, este lugar pertenceu-lhes.*

— Pára de agir como um rapaz — murmurou. Trepando para cima das pedras empilhadas, Jon dirigiu o olhar para o Sol poente. Conseguia ver a luz a tremeluzir como ouro martelado na superfície do Guadeleite no ponto em que o rio curvava para sul. A montante, o terreno era mais irregular, com a floresta densa a dar lugar a uma série de montes pedregosos e nus que se erguiam, altos e bravios, para norte e oeste. No horizonte, as montanhas erguiam-se como uma grande sombra, cordilheira após cordilheira a estender-se na distância azul-acinzentada, com os picos recortados perpetuamente revestidos de neve. Mesmo de longe, pareciam vastas, frias e inóspitas.

Mais perto dali, eram as árvores que governavam. Para sul e para leste, a floresta estendia-se até ao horizonte, um vasto emaranhado de raízes e ramos pintado num milhar de tons de verde, com uma mancha de vermelho aqui e ali, onde um represeiro abria caminho por entre os pinheiros e árvores-sentinela, ou uma gota de amarelo nos locais em que algumas árvores de folha caduca tinham começado a mudar de cor. Quando o vento soprou, conseguiu ouvir o estalar e ranger de ramos mais velhos do que ele. Mil folhas esvoaçaram e por um momento a floresta pareceu um mar de um verde profundo, tempestuoso e palpitante, eterno e impossível de conhecer.

Reflectiu que não era provável que o Fantasma estivesse sozinho lá em baixo. Qualquer coisa podia estar em movimento sob aquele mar, rastejando através da escuridão dos bosques na direcção do forte anelar, escondida sob aquelas árvores. *Qualquer coisa*. Como poderiam chegar a saber? Ficou ali por longo tempo, até o Sol desaparecer por trás dos picos serrados das montanhas e a escuridão começar a deslizar pela floresta.

— Jon? — chamou Samwell Tarly. — Bem me parecia seres tu. Estás bem?

— Suficientemente bem. — Jon saltou para baixo. — Como passaste hoje o dia?

— Bem. Passei bem. De verdade.

Jon não ia partilhar as suas inquietações com o amigo, em especial no momento em que Samwell Tarly parecia por fim começar a encontrar a sua coragem.

— O Velho Urso tenciona esperar aqui por Qhorin Meia-Mão e pelos homens vindos da Torre Sombria.

— Parece um sítio forte — disse Sam. — Um forte anelar dos Primeiros Homens. Achas que houve batalhas travadas aqui?

— Sem dúvida que sim. É melhor que prepares uma ave. Mormont vai querer enviar notícias.

— Bem gostava de poder enviá-las a todas. Detestam estar engaioladas.

— Também detestarias, se pudesses voar.

— Se eu pudesse voar, estaria de volta a Castelo Negro, a comer um empadão de porco — disse Sam.

Jon deu-lhe uma palmada no ombro com a mão queimada. Atravessaram juntos o acampamento. Fogueiras para cozinhar eram acesas por todo o lado. Em cima, as estrelas iam aparecendo. A longa cauda vermelha do Archote de Mormont ardia, luminosa como a Lua. Jon ouviu os corvos antes de os ver. Alguns chamavam pelo seu nome. As aves não se acanhavam quando tocava a fazer barulho.

*Eles também o sentem.*

— É melhor que vá atender ao Velho Urso — disse. — Ele também fica barulhento quando não é alimentado.

Foi encontrar Mormont a conversar com Thoren Smallwood e meia dúzia de outros oficiais.

— Aqui estás tu — disse o velho em tom rabugento. — Traz-nos um pouco de vinho quente, por favor. A noite está gelada.

— Sim, senhor. — Jon acendeu uma fogueira para cozinhar, requisitou aos abastecimentos um casco do tinto encorpado que Mormont preferia e despejou-o numa chaleira. Pendurou-a sobre as chamas enquanto reunia o resto dos ingredientes. O Velho Urso era exigente com o vinho quente condimentado. Tanto de canela, tanto de noz-moscada e tanto de mel, nem uma gota mais. Passas, nozes e bagas secas sim, mas nada de limão, isso era o mais asqueroso tipo de heresia sulista... o que era estranho, uma vez que ele punha sempre limão na cerveja matinal. A bebida devia estar quente para aquecer devidamente um homem, insistia o Senhor Comandante, mas nunca se podia permitir que o vinho começasse a ferver. Jon vigiou a chaleira com olho cuidadoso.

Enquanto trabalhava, conseguia ouvir as vozes que vinham de dentro da tenda. Jarman Buckwell disse:

— O caminho mais fácil para subir os Colmilhos de Gelo é seguindo o Guadeleite até à nascente. Mas se formos por aí, Rayder saberá da nossa aproximação, tão certo como o nascer do Sol.

— A Escada do Gigante pode servir — disse Sor Mallador Locke — ou o Passo dos Guinchos, se estiver limpo.

O vinho fumegava. Jon tirou a chaleira do fogo, encheu oito taças e levou-as para a tenda. O Velho Urso espreitava o mapa rudimentar que Sam desenhara para ele na Fortaleza de Craster. Tirou uma taça do tabuleiro de Jon, experimentou o vinho e fez um aceno brusco de aprovação. O corvo saltou-lhe do braço. “Grão”, disse. “Grão. Grão.”

Sor Ottyn Wythers recusou o vinho com um aceno.

— Eu preferia não entrar de todo nas montanhas — disse numa voz fraca e fatigada. — Os Colmilhos de Gelo mordem cruelmente mesmo de Verão, e agora... se formos apanhados por uma tempestade...

— Não tenciono arriscar os Colmilhos, a menos que tenhamos de o fazer — disse Mormont. — Os selvagens não são mais capazes de viver de neve e pedra do que nós. Irão emergir das alturas em breve, e para qualquer hoste de um tamanho razoável, a única rota possível segue o Guadeleite. Se assim for, temos aqui uma posição forte. Eles não podem esperar passar por nós à socapa.

— Podem não o querer fazer. São milhares, e nós seremos trezentos quando o Meia-Mão nos alcançar. — Sor Mallador aceitou a taça que Jon lhe oferecia.

— Se chegar a haver batalha, não podíamos desejar posição melhor do que esta — declarou Mormont. — Reforçaremos as defesas. Fossos e espigões, estrepes espalhadas pelas vertentes, com todos os ramos preparados. Jarman, quero os teus olhos mais aguçados como vigias. Dispostos em anel, à nossa volta e ao longo do rio, para nos prevenirem de qualquer aproximação. Esconde-os nas árvores. E é melhor começarmos também a trazer água para cima, mais do que a que nos faz falta. Escavaremos cisternas. Isso manterá os homens ocupados, e pode mostrar-se necessário mais tarde.

— Os meus patrulheiros... — começou Thoren Smallwood.

— Os teus patrulheiros limitarão as patrulhas a este lado do rio até que o Meia-Mão nos alcance. Depois disso, veremos. Não perderei mais dos meus homens.

— Mance Ryder pode estar a reunir a sua hoste a um dia de viagem daqui e nunca o saberemos — protestou Smallwood.

— Nós sabemos onde os selvagens se estão a juntar — retorquiu Mormont. — Craster disse-nos. Não gosto do homem, mas não me parece que nos tenha mentido quanto a isso.

— Às vossas ordens. — Smallwood saiu carrancudo. Os outros terminaram o vinho e seguiram-no, com mais cortesia.

— Deverei trazer-vos o jantar, senhor? — perguntou Jon.

“Grão”, gritou o corvo. Mormont não respondeu logo. Quando o fez, disse apenas:

— O teu lobo encontrou caça hoje?  
— Ainda não voltou.  
— Seria bom termos carne fresca. — Mormont enfiou a mão num saco e ofereceu uma mão-cheia de milho ao corvo. — Achas que faço mal em manter os patrulheiros por perto?  
— Isso não me cabe a mim dizer, senhor.  
— Cabe, se eu perguntar.  
— Se os patrulheiros tiverem de permanecer à vista do Punho, não vejo como podem esperar encontrar o meu tio — admitiu Jon.  
— Não podem. — O corvo debicou os grãos da mão do Velho Urso.  
— Sejam duzentos homens ou dez mil, esta terra é demasiado vasta. — Desaparecido o milho, Mormont virou a mão.  
— Não estais a pensar desistir da busca?  
— O Mestre Aemon pensa que és esperto. — Mormont deslocou o corvo para o ombro. A ave inclinou a cabeça para um lado, com os olhinhos a brilhar.

A resposta encontrava-se ali.

— É... parece-me que pode ser mais fácil a um homem encontrar duzentos do que a duzentos encontrarem um.

O corvo soltou um guincho zombeteiro, mas o Velho Urso sorriu por entre o cinzento da barba.

— Todos estes homens e cavalos deixam um rasto que até Aemon seria capaz de seguir. Neste monte, as nossas fogueiras devem ser visíveis até às faldas dos Colmilhos de Gelo. Se Ben Stark estiver vivo e livre, virá ter connosco, não tenho qualquer dúvida.

— Sim — disse Jon — mas... e se...

— ...estiver morto? — perguntou Mormont, num tom que não era desprovido de gentileza.

Jon confirmou relutantemente com a cabeça.

“Morto,” disse o corvo. “Morto. Morto.”

— Poderá vir na mesma ter connosco — disse o Velho Urso. — Como fez Othor, e Jafer Flowers. Temo isso tanto como tu, Jon, mas temos de admitir a possibilidade.

“Morto,” crocitou o corvo, sacudindo as asas. A voz da ave subiu de intensidade e tornou-se mais estridente. “Morto”.

Mormont afagou as penas negras da ave, e abafou um súbito bocejo com as costas da mão.

— Creio que vou dispensar o jantar. O descanso servir-me-á melhor. Acorda-me à primeira luz da aurora.

— Dormi bem, senhor. — Jon recolheu as taças vazias e saiu. Ouviu risos distantes, o som lamentoso de uma gaita. Uma grande fogueira esta-



lejava no centro do acampamento, e conseguia sentir o cheiro do estufado que se encontrava ao lume. O Velho Urso podia não ter fome, mas Jon tinha. Aproximou-se calmamente do fogo.

Dywen discorria, de colher na mão.

— Conheço esta floresta tão bem como qualquer homem vivo, e digo-vos que não quereria percorrê-la sozinho esta noite. Não sentis o cheiro?

Grenn olhava-o de olhos muito abertos, mas o Edd Doloroso disse:

— O cheiro que eu sinto é o da merda de duzentos cavalos. E deste estufado. Que tem um aroma parecido, agora que o cheiro bem.

— Tenho o teu *aroma parecido* mesmo aqui. — Hake deu uma palmadinha na adaga. Resmungando, encheu a tigela de Jon.

O estufado era engrossado com cevada, cenoura e cebola, com um farrapo de carne de vaca salgada aqui e ali, amaciado pela fervura.

— Que é que cheiras, Dywen? — perguntou Grenn.

O lenhador chupou a colher por um momento. Tinha tirado os dentes. Possuía um rosto enrugado semelhante a couro, e mãos nodosas como velhas raízes.

— Parece-me que cheira... bem... a *frio*.

— A tua cabeça é tão feita de madeira como os dentes — disse-lhe Hake. — Não existe cheiro a *frio*.

*Existe*, pensou Jon, lembrando-se da noite nos aposentos do Senhor Comandante. *Cheira a morte*. De súbito, deixara de sentir fome. Deu o estufado a Grenn, que parecia precisar de um jantar extra para se aquecer contra a noite.

O vento soprava fresco quando saiu. De manhã, geada cobriria o chão e as cordas das tendas estariam rígidas e congeladas. Alguns dedos de vinho condimentado sacolejavam dentro da chaleira. Jon alimentou a fogueira com madeira fresca e pôs a chaleira sobre as chamas, para voltar a aquecê-la. Flexionou os dedos enquanto esperava, fechando-os e esticando-os até a mão começar a formigar. O primeiro turno de vigia tinha ocupado os seus lugares em volta do perímetro do acampamento. Tremeluziam archotes ao longo da muralha anelar. A noite não tinha Lua, mas mil estrelas brilhavam por cima da sua cabeça.

Um som ergueu-se da escuridão, ténue e distante, mas inconfundível: os uivos de lobos. As suas vozes subiam e desciam, uma canção gelada e solitária. Fazia com que os pêlos na parte de trás do pescoço se lhe eriçassem. Do outro lado da fogueira, um par de olhos vermelhos olhou-o das sombras. A luz das chamas fazia-os cintilar.

— Fantasma — suspirou Jon, surpreendido. — Então afinal entraste, há? — Era frequente que o lobo branco levasse a caçar toda a noite; não

esperara voltar a vê-lo antes do nascer do dia. — A caça foi assim tão má? — perguntou. — Vem cá. A mim, Fantasma.

O lobo gigante deu a volta à fogueira, farejando Jon, farejando o vento, sem nunca ficar quieto. Não parecia desejar carne naquele momento. *Quando os mortos se ergueram, o Fantasma soube. Acordou-me, preveniu-me.* Alarmado, pôs-se em pé.

— Está alguma coisa lá fora? Fantasma, apanhaste um cheiro? — *Dywen disse que cheirava a frio.*

O lobo gigante afastou-se com um salto, parou, olhou para trás. *Ele quer que o siga.* Puxando o capuz do manto para cima, Jon afastou-se das tendas, do calor da sua fogueira, passou pelas fileiras dos pequenos garranos hirsutos. Um dos cavalos relinchou nervosamente quando Fantasma passou perto dele. Jon acalmou-o com uma palavra e fez uma pausa para lhe afagar o focinho. Conseguiu ouvir o vento a assobiar através das fendas entre as pedras quando se aproximaram do muro circular. Uma voz proferiu um desafio. Jon saiu para a luz do archote.

— Tenho de ir buscar água para o Senhor Comandante.

— Então vai — disse o guarda. — E despacha-te. — Aninhado no interior do manto branco, com o capuz erguido contra o vento, o homem nem olhou para ele para ver se trazia um balde.

Jon deslizou de lado entre duas estacas aguçadas, enquanto Fantasma se esgueirava por baixo delas. Um archote tinha sido atirado para dentro de uma fenda, e as suas chamas eram como bandeiras de um tom claro de laranja quando as rajadas de vento sopravam. Jon pegou nele enquanto se encolhia pela fenda entre as pedras. Fantasma desceu o monte a correr. Jon seguiu-o mais devagar, com o archote erguido à frente enquanto ia descendo. Os sons do acampamento desvaneceram-se nas suas costas. A noite estava negra, e a encosta era íngreme, pedregosa e irregular. Uma desatenção momentânea seria uma maneira segura de partir um tornozelo... ou o pescoço. *Que estou eu a fazer?*, perguntou a si próprio enquanto procurava o caminho.

As árvores erguiam-se por baixo, guerreiros com armaduras de casca e folha, alinhados nas suas fileiras silenciosas à espera da ordem de atacar o monte. Pareciam negras... era só quando a luz do archote por elas raspava que Jon vislumbrava um clarão de verde. Tenuemente, ouvia o som de água a fluir sobre rochas. O Fantasma desapareceu na vegetação rasteira. Jon lutou para o seguir, escutando o chamado do riacho, os suspiros das folhas ao vento. Raminhos agarraram-se-lhe ao manto, enquanto por cima da sua cabeça ramos mais grossos se entrelaçavam e escondiam as estrelas.

Encontrou Fantasma a beber do riacho

— *Fantasma* — chamou — a mim. *Já.* — Quando o lobo gigante er-

gheu a cabeça, os seus olhos brilharam, vermelhos e sinistros, e água escorreu das suas mandíbulas como saliva. Havia nele naquele instante algo de feroz e terrível. E então partiu, passando por Jon aos saltos, correndo através das árvores. — Fantasma, *não*, fica — gritou, mas o lobo não lhe prestou atenção. A esguia silhueta branca foi engolida pela escuridão, e Jon ficou apenas com duas possibilidades... voltar a subir o monte, sozinho, ou segui-lo.

Seguiu-o, zangado, segurando o archote em baixo para conseguir ver as pedras que ameaçavam fazê-lo tropeçar a cada passo, as espessas raízes que pareciam agarrar-se aos seus pés, os buracos onde um homem podia torcer um tornozelo. A cada par de metros voltava a chamar por Fantasma, mas o vento nocturno rodopiava por entre as árvores e bebia as palavras. *Isto é uma loucura*, pensou enquanto mergulhava mais profundamente nas árvores. Estava quase a voltar para trás quando vislumbrou um clarão branco mais à frente e à direita, na direcção do monte. Correu atrás dele, praguejando em surdina.

Perseguiu o lobo ao longo de um quarto de volta em redor do Punho antes de o voltar a perder de vista. Por fim, parou para recuperar o fôlego por entre os arbustos, espinheiros e pedras tombadas no sopé do monte. Para lá da luz do archote, a escuridão apertava-se.

Um som suave de esgravatar fê-lo virar-se. Dirigiu-se ao som, pondo os pés com cuidado entre pedregulhos e espinheiros. Atrás de uma árvore caída, voltou a encontrar o Fantasma. O lobo gigante cavava furiosamente, arremessando terra para todos os lados.

— Que encontraste? — Jon baixou o archote, revelando um montículo arredondado de terra mole. *Uma sepultura*, pensou. *Mas de quem?*

Ajoelhou-se e espetou o archote na terra a seu lado. O solo era solto, arenoso. Jon apanhou-o às mãos-cheias. Não havia pedras nem raízes. O que quer que ali estivesse tinha sido lá colocado recentemente. Meio metro mais abaixo, os dedos tocaram em tecido. Esperara encontrar um cadáver, temera encontrar um cadáver, mas isto era outra coisa. Fez força contra o tecido e sentiu por baixo formas pequenas e duras, que não cediam. Não havia nenhum cheiro, nenhum sinal de vermes. O Fantasma recuou e sentou-se, observando.

Jon sacudiu o solo solto para revelar uma trouxa arredondada com cerca de meio metro de diâmetro. Enfiou os dedos ao longo da periferia e conseguiu soltá-la. Quando a puxou, o que quer que estivesse lá dentro deslocou-se e tiniu. *Um tesouro*, pensou, mas as formas eram erradas para se tratar de moedas, e o *som* era errado para metal.

Um bocado de corda gasta atava a trouxa. Jon desembainhou o punhal e cortou-a, procurou às apalpadelas as extremidades do tecido e pu-

xou. A trouxa virou-se, e o seu conteúdo espalhou-se no chão, cintilando, escuro e brilhante. Viu uma dúzia de facas, pontas de lança em forma de folha, numerosas pontas de seta. Jon pegou numa lâmina de punhal, leve como uma pena e de um negro brilhante, sem cabo. A luz do archote correu ao longo do seu gume, uma fina linha cor-de-laranja que falava de algo afiado como uma navalha. *Vidro de dragão. Aquilo a que os mestres chamam obsidiana.* Teria o Fantasma descoberto algum antigo esconderijo dos filhos da floresta, ali enterrado durante milhares de anos? O Punho dos Primeiros Homens era um lugar antigo, mas...

Por baixo do vidro de dragão estava um velho corno de guerra, feito de um corno de auroque e ligado com bronze. Jon sacudiu-o e um rio de pontas de seta jorrou lá de dentro. Deixou-as cair, e puxou por um canto do pano em que as armas tinham sido envolvidas, esfregando-o entre os dedos. *Boa lã, espessa, de malha dupla, húmida mas não apodrecida.* Não podia ter ficado muito tempo no chão. E era *escura*. Agarrou numa mão-cheia e aproximou-a do archote. *Escuro, não. Negra.*

Mesmo antes de Jon se pôr em pé e sacudir o que tinha na mão, sabia o que era: o manto negro de um Irmão Ajuramentado da Patrulha da Noite.

Alebelly foi encontrá-lo na forja, a trabalhar nos foles para Mikken.

— O Mestre quer-vos no torreão, s'nhor príncipe. Chegou uma ave do rei.

— De Robb? — Excitado, Bran não esperou por Hodor, e deixou que Alebelly subisse os degraus levando-o ao colo. Era um homem grande, embora não tão grande como Hodor e nem de longe tão forte. Quando chegaram ao torreão do Mestre, tinha a cara vermelha e arquejava. Rickon chegara antes deles, e ambos os Walder Frey também.

O Mestre Luwin mandou embora Alebelly e fechou a porta.

— Senhores — disse em tom grave —, recebemos uma mensagem de Sua Graça, com boas e más notícias. Consegui uma grande vitória no Oeste, desbaratando um exército Lannister num lugar chamado Cruzaboi, e tomou também vários castelos. Escreve-nos de Cinzamarca, anteriormente o castro da Casa Marbrand.

Rickon puxou pela toga do Mestre.

— Robb vem para casa?

— Temo que ainda não. Ainda há batalhas a travar.

— Foi o Lorde Tywin que ele derrotou? — perguntou Bran.

— Não — disse o Mestre. — Quem comandava a hoste inimiga era Sor Stafford Lannister. Foi morto na batalha.

Bran nunca tinha ouvido falar de Sor Stafford Lannister. Deu por si a concordar com o Grande Walder quando ele disse:

— O Lorde Tywin é o único que importa.

— Dizei a Robb que quero que venha para casa — disse Rickon. — Também pode trazer o lobo dele, e a mãe e o pai. — Embora soubesse que Lorde Eddard estava morto, por vezes Rickon esquecia-se... e Bran suspeitava que o fazia de propósito. O irmão mais novo era teimoso como só um rapaz de quatro anos sabia ser.

Bran sentia-se contente pela vitória de Robb, mas também inquieto. Lembrou-se do que Osha dissera no dia em que o irmão saíra de Winterfell à frente do seu exército. *Ele marcha na direcção errada*, insistira a selvagem.

— Infelizmente, não há vitória que não tenha o seu preço. — O Mestre Luwin virou-se para os Walder. — Senhores, o vosso tio, Sor Stevron Frey, está entre aqueles que perderam a vida em Cruzaboi. Robb escreve

que foi ferido na batalha. Não se pensava que fosse coisa séria, mas três dias mais tarde morreu na tenda enquanto dormia.

O Grande Walder encolheu os ombros.

— Era muito velho. Sessenta e cinco anos, acho eu. Velho de mais para batalhas. Andava sempre a dizer que estava cansado.

O Pequeno Walder soltou um assobio.

— Cansado de esperar que o nosso avô morra, queres tu dizer. Isso significa que Sor Emmon é agora o herdeiro?

— Não sejas estúpido — disse o primo. — Os filhos do primogénito vêm antes do segundo filho. O seguinte na linha de sucessão é Sor Ryman, e depois Edwyn e o Walder Negro e Petyr Borbulha. E depois Aegon e todos os filhos *dele*.

— Ryman também é velho — disse o Pequeno Walder. — Já passa dos quarenta, aposto. E tem uma barriga má. Achas que ele será senhor?

— *Eu* serei senhor. Não me interessa se ele é ou não.

O Mestre Luwin interrompeu vivamente.

— Devíeis ter vergonha dessa conversa, senhores. Onde está o vosso desgosto? O vosso tio está morto.

— Sim — disse o Pequeno Walder. — Estamos muito tristes.

Mas não estavam. Bran sentiu uma sensação de agonia na barriga. *Gostam mais do sabor deste prato do que eu*. Pediu ao Mestre Luwin licença para se retirar.

— Muito bem. — O Mestre fez soar a sineta para que a ajuda viesse. Hodor devia estar ocupado nos estábulos. Foi Osha quem veio. Mas a mulher era mais forte do que Alebelly, e não teve problemas em erguer Bran nos braços e em levá-lo pelos degraus abaixo.

— Osha — perguntou Bran enquanto atravessavam o pátio. — Conhecês o caminho para Norte? Até à Muralha e... e mesmo para lá dela?

— O caminho é simples. Procura-se o Dragão de Gelo e segue-se a estrela azul no olho do cavaleiro. — Atravessou uma porta às arrecuas e começou a subir os degraus em espiral.

— E ainda há lá gigantes, e... o resto... os Outros, e também os filhos da floresta?

— Gigantes, vi-os, dos filhos ouvi contar histórias, e os caminhantes brancos... porque queres saber?

— Alguma vez viste um corvo com três olhos?

— Não. — Ela riu-se. — E não posso dizer que o queira ver. — Osha abriu a porta do quarto de Bran com um pontapé e pousou-o no banco de janela, de onde podia observar o pátio, lá em baixo.

Pareceu não se passar mais do que alguns instantes antes de a porta

se voltar a abrir e Jojen Reed entrar sem ser convidado, com a irmã Meera logo atrás.

— Ouviste falar da ave? — perguntou Bran. — Não foi um jantar, como disseste. Foi uma carta de Robb, e não a comemos, mas...

— Os sonhos verdes tomam estranhas formas, por vezes — admitiu Jojen. — A verdade que contém nem sempre é fácil de compreender.

— Conta-me a coisa má que sonhaste — disse Bran. — A coisa má que vem a caminho de Winterfell.

— O senhor meu príncipe acredita agora em mim? Irá confiar nas minhas palavras, por mais estranhas que pareçam aos seus ouvidos?

Bran confirmou com um aceno.

— O que vem a caminho é o mar.

— O *mar*?

— Sonhei que o mar ondulava em redor de Winterfell. Vi ondas negras a esmagar-se contra os portões e torres, e depois a água salgada entrou por cima das muralhas e encheu o castelo. Homens afogados flutuavam no pátio. Quando sonhei o sonho pela primeira vez, ainda na Água Cinzenta, não lhes conhecia os rostos, mas agora conheço. Aquele Alebelly é um deles, o guarda que gritou os nossos nomes no banquete. O vosso septão é outro. O ferreiro também.

— Mikken? — Bran sentia-se tão confuso como consternado. — Mas o mar fica a centenas e centenas de milhas daqui, e as muralhas de Winterfell são tão altas que a água não poderia entrar, mesmo se viesse.

— Na noite cerrada, o mar salgado fluirá sobre essas muralhas — disse Jojen. — Vi os mortos, inchados e afogados.

— Temos de lhes dizer — disse Bran. — A Alebelly, a Mikken e ao Septão Chayle. Dizer-lhes para não se afogarem.

— Isso não os salvará — respondeu o rapaz vestido de verde.

Meera veio até ao banco de janela e pousou-lhe uma mão no ombro.

— Eles não acreditarão, Bran. Não acreditarão mais do que tu.

Jojen sentou-se na cama de Bran.

— Contai-me o que *vós* sonhais.

Bran sentia-se assustado, mesmo então, mas tinha jurado confiar neles, e um Stark de Winterfell mantém a palavra dada.

— Há vários tipos de sonhos — disse lentamente. — Há os sonhos de lobo, esses não são tão maus como os outros. Corro, caço e mato esquilos. E há sonhos em que o corvo vem e me diz para voar. Por vezes, a árvore também está nesses sonhos, a chamar pelo meu nome. Isso assusta-me. Mas os piores sonhos são quando caio. — Olhou para baixo, para o pátio, sentindo-se infeliz. — Antes nunca caía. Quando trepava. Ia a todo o lado, pelos telhados e ao longo das paredes, costumava alimentar os corvos na

Torre Queimada. A mãe tinha medo que eu caísse, mas eu sabia que nunca cairia. Só que caí, e agora quando durmo, caio sempre.

Meera deu-lhe um apertão no ombro.

— É tudo?

— Acho que sim.

— *Warg* — disse Jojen Reed.

Bran olhou-o, com os olhos dilatados.

— O quê?

— *Warg*. Transmorfo. Lobisomem. É o que vos chamarão, se alguma vez ouvirem falar dos sonhos de lobo.

Os nomes deixaram-no de novo com medo.

— *Quem* me chamará isso?

— O vosso próprio povo. Com medo. Alguns odiar-vos-ão se souberem o que sois. Alguns tentarão mesmo matar-vos.

A Velha Ama contava por vezes histórias assustadoras sobre lobisomens e transmorfos. Nas histórias eram sempre malignos.

— Eu não sou assim — disse Bran. — *Não* sou. São só sonhos.

— Os sonhos de lobo não são verdadeiros sonhos. Tendes o olho bem fechado sempre que estais acordado, mas, quando adormeceis, ele abre-se e a vossa alma procura a sua outra metade. O poder é forte em vós.

— Não o quero. Quero ser um *cavaleiro*.

— Um cavaleiro é o que quereis ser. Um *warg* é o que sois. Não podeis mudar isso, Bran, não podeis negá-lo ou empurrá-lo para longe. Sois o lobo alado, mas nunca voareis. — Jojen ergueu-se e caminhou até à janela. — A menos que *abraís o vosso olho*. — Juntou dois dedos e bateu na testa de Bran, com força.

Quando levou a mão ao local, Bran sentiu apenas a pele lisa e contínua. Não havia nenhum olho, nem mesmo um olho fechado.

— Como posso eu abri-lo se não está lá?

— Nunca encontrareis o olho com os dedos, Bran. Tendes de procurá-lo com o coração. — Jojen estudou o rosto de Bran com aqueles estranhos olhos verdes. — Ou será que tendes medo?

— O Mestre Luwin diz que não existe nada nos sonhos que um homem deva temer.

— Existe, sim — disse Jojen.

— O quê?

— O passado. O futuro. A verdade.

Deixaram-no mais desorientado do que nunca. Quando ficou sozinho, Bran tentou abrir o terceiro olho, mas não sabia como. Por mais que enrugasse a testa e espetasse nela os dedos, não via de modo diferente do que antes. Nos dias que se seguiram, tentou prevenir os outros acerca do



que Jojen dissera, mas as coisas não correram como pretendia. Mikken achou a história engraçada.

— O mar, é? Ora acontece que sempre quis ver o mar. Mas nunca fui onde pudesse fazer isso. Então ele vem ter comigo, é? Os deuses são bons, para se incomodarem tanto com um pobre ferreiro.

— Os deuses levar-me-ão quando acharem por bem fazê-lo — disse calmamente o Septão Chayle — embora pense ser pouco provável que me afogue, Bran. Cresci nas margens do Faca Branca, sabeis? Sou bastante bom nadador.

O Alebelly foi o único que prestou alguma atenção ao aviso. Foi falar com Jojen, e depois deixou de tomar banho e recusou-se a aproximar-se do poço. Por fim, ficou tão malcheiroso que os outros guardas o atiraram para dentro de uma banheira de água a esquentar e o esfregaram até ficar com a pele em carne viva enquanto ele gritava que o iam afogar como o rapaz-rã tinha dito. Depois daquilo começou a franzir o sobrolho sempre que via Bran ou Jojen no castelo, e resmungava em surdina.

Foi alguns dias depois do banho de Alebelly que Sor Rodrik regressou a Winterfell com o prisioneiro, um jovem carnudo com lábios gordos e húmidos e cabelo longo que cheirava como uma latrina, ainda pior do que Alebelly.

— Chamam-lhe Cheirete — disse Hayhead quando Bran perguntou quem era. — Nunca ouvi o seu nome verdadeiro. Servia o Bastardo de Bolton e ajudou-o a assassinar a Senhora Hornwood, segundo dizem.

Naquela noite, ao jantar, Bran soube que o próprio bastardo estava morto. Os homens de Sor Rodrik tinham-no apanhado nas terras dos Hornwood a fazer qualquer coisa de horrível (Bran não tinha bem a certeza o quê, mas parecia ser algo que se fazia sem roupas) e tinham-no abatido com setas quando tentara escapar. Mas tinham chegado tarde de mais para a própria Senhora Hornwood. Depois do casamento, o Bastardo trancara-a numa torre e negligenciara a sua alimentação. Bran ouvira homens dizer que, quando Sor Rodrik arrombara a porta, a encontrara com a boca ensanguentada e os dedos arrancados à dentada.

— O monstro deixou-nos um nó cheio de espinhos — disse o velho cavaleiro ao Mestre Luwin. — Quisesse ou não, a Senhora Hornwood era sua esposa. Obrigou-a a proferir os votos junto quer dum septão quer duma árvore-coração, e deitou-se com ela nessa mesma noite, perante testemunhas. Ela assinou um testamento nomeando-o herdeiro e afixou-lhe o seu selo.

— Votos proferidos sob a ameaça de uma espada não são válidos — contestou o Mestre.

— Roose Bolton pode não concordar. Em especial quando há terras

em questão. — Sor Rodrik fez uma expressão infeliz. — Gostaria de ter cortado também a cabeça deste criado, ele é tão mau como o seu senhor. Mas temo que tenhamos de o manter vivo até que Robb regresse das suas guerras. É a única testemunha dos piores crimes do bastardo. Talvez que quando o Lorde Bolton ouça a sua história abandone a pretensão, mas entretanto temos cavaleiros Manderly e homens do Forte do Pavor a matar-se uns aos outros nas florestas dos Hornwood, e faltam-me as forças para os obrigar a parar. — O velho cavaleiro virou-se na cadeira e deitou a Bran um olhar severo. — E que tendes andado a fazer enquanto eu estive fora, senhor meu príncipe? Ordenando aos nossos guardas que não se lavem? Quereis que cheirem como este Cheirete, é isso?

— O mar está a vir até aqui — disse Bran. — Jojen viu-o num sonho verde. Alebelly vai afogar-se.

O Mestre Luwin puxou pela sua corrente.

— O rapaz Reed crê que vê o futuro nos sonhos, Sor Rodrik. Conversei com Bran sobre a incerteza de tais profecias, mas em boa verdade há problemas ao longo da Costa Pedregosa. Corsários em dracares, a saquear aldeias de pescadores. Violando e queimando. Leobald Tallhart enviou o sobrinho Benfred para lidar com eles, mas suponho que embarcarão nos seus navios e fugirão assim que virem homens com armaduras.

— Pois, para atacar noutro sítio qualquer. Que os Outros levem todos esses cobardes. Nunca se atreveriam, tal como o Bastardo de Bolton, se a nossa força principal não estivesse a mil léguas para sul. — Sor Rodrik olhou para Bran. — Que mais vos disse o rapaz?

— Disse que a água fluiria sobre as muralhas. Viu Alebelly afogado, e também Mikken e o Septão Chayle.

Sor Rodrik franziu o sobrolho.

— Bem, assim sendo, caso tenha de avançar em pessoa contra esses corsários, não levarei o Alebelly. Ele não me viu a *mim* afogado, pois não? Não? Ótimo.

Ouvir aquilo encorajou Bran. *Assim eles talvez não se afoguem*, pensou. *Se ficarem longe do mar.*

Meera achou o mesmo, mais tarde naquela noite quando ela e Jojen se encontraram com Bran no seu quarto para jogar um jogo de pedras a três, mas o irmão abanou a cabeça.

— As coisas que vejo nos sonhos verdes não podem ser alteradas.

Aquilo irritou a irmã.

— Porque haveriam os deuses de enviar um aviso se não lhe podermos prestar atenção e mudar o que está para vir?

— Não sei — disse Jojen em voz triste.

— Se fosses o Alebelly, provavelmente atirar-te-ias a um poço para resolver o assunto! Devíamos *lutar*, e Bran também.

— Eu? — Bran sentiu-se de súbito com medo. — Com o que devia eu lutar? Também me vou afogar?

Meera olhou-o com um ar de culpa.

— Eu não devia ter dito...

Bran percebeu que ela estava a esconder alguma coisa.

— Viste-me num sonho verde? — perguntou nervosamente a Jojen.  
— Estava afogado?

— Afogado, não. — Jojen falava como se cada palavra lhe doesse.

— Sonhei com o homem que chegou hoje, aquele a quem chamam Cheirete. Vós e o vosso irmão jazíeis mortos a seus pés e ele estava a esfolar as vossas caras com uma longa lâmina vermelha.

Meera pôs-se em pé.

— Se eu fosse à masmorra, podia enfiar-lhe uma lança no coração. Como poderia ele assassinar Bran se estivesse morto?

— Os carcereiros impedir-te-iam — disse Jojen. — Os guardas. E se lhes disseses o motivo por que o querias morto, nunca acreditariam.

— Eu também tenho guardas — lembrou-lhes Bran. — O Alebelly, o Poxy Tym, o Hayhead e os outros.

Os olhos de musgo de Jojen estavam cheios de piedade.

— Eles não serão capazes de o impedir, Bran. Não consegui ver porquê, mas vi o fim. Vi-vos e a Rickon na vossa cripta, lá em baixo, no escuro, com todos os reis mortos e os seus lobos de pedra.

*Não*, pensou Bran. *Não*.

— Se eu me fosse embora... para a Água Cinzenta, ou para o Corvo, para algum lugar distante onde não consigam encontrar-me...

— Não fará diferença. O sonho era verde, Bran, e os sonhos verdes não mentem.

## TYRION

Varys estava em pé junto ao braseiro, aquecendo as suas mãos suaves.

— Parece que Renly foi assassinado de forma muito terrível no meio do seu exército. A sua garganta foi aberta de orelha a orelha por uma lâmina que passou por aço e osso como se fossem queijo mole.

— Assassinado pela mão de quem? — quis saber Cersei.

— Já alguma vez haveis pensado que demasiadas respostas são o mesmo que nenhuma resposta? Os meus informadores nem sempre estão colocados em posições tão elevadas como se poderia desejar. Quando um rei morre, as fantasias germinam como cogumelos na escuridão. Um palafreireiro diz que Renly foi morto por um cavaleiro da sua própria Guarda Arco-Íris. Uma lavadeira afirma que Stannis se esgueirou até ao coração do exército do irmão com a sua espada mágica. Vários homens de armas crêem que foi uma mulher quem cometeu o terrível acto, mas não conseguem concordar quanto a *que* mulher. Uma donzela que Renly desprezara, afirma um. Uma seguidora de acampamentos trazida para servir a sua vontade na véspera da batalha, diz um segundo. Um terceiro sugere que pode ter sido a Senhora Catelyn Stark.

A rainha não ficou contente.

— Tendes de desperdiçar o nosso tempo com todos os rumores que aos tolos apetece contar?

— Pagais-me bem por esses rumores, minha graciosa rainha.

— Pagamo-vos pela verdade, Lorde Varys. Lembrai-vos disso, caso contrário este pequeno conselho pode ficar ainda mais pequeno.

Varys soltou um risinho nervoso.

— Vós e o vosso nobre irmão acabareis por deixar Sua Graça sem conselho algum se continuardes assim.

— Atrevo-me a dizer que o reino pode sobreviver a alguns conselheiros a menos — disse o Mindinho com um sorriso.

— Meu muito querido Petyr — disse Varys —, não estais preocupado com a possibilidade de o vosso nome ser o próximo na listinha da Mão?

— Antes do vosso, Varys? Nunca sonharia com tal coisa.

— Talvez nos tornemos irmãos na Muralha, os dois juntos, vós e eu.

— Varys voltou a soltar um risinho.

— Mais depressa do que gostaríeis, se as próximas palavras a saírem

da vossa boca não forem algo de útil, eunuco. — Ajuizando pelos seus olhos, Cersei estava pronta a voltar a castrar Varys.

— Poderá isto ser algum estratagema? — perguntou o Mindinho.

— Se for, é um estratagema de suprema esperteza — disse Varys. — A mim ludibriou-me por completo.

Tyrion já ouvira o suficiente.

— Joff ficará tão desiludido — disse. — Estava a guardar um espigão tão agradável para a cabeça de Renly. Mas seja quem for que cometeu o acto, temos de assumir que Stannis esteve por detrás. O ganho é claramente seu. — Não gostava daquela notícia; contara que os irmãos Baratheon se dizimassem numa batalha sangrenta. Sentia o cotovelo a latejar no local em que a maça o abrisa. Por vezes fazia isso, quando o tempo estava húmido. Apertou-o inutilmente com a mão e perguntou: — E a hoste de Renly?

— A maior parte da sua infantaria permanece em Pontamarga. — Varys abandonou o braseiro para tomar o seu lugar à mesa. — A maioria dos senhores que acompanharam o Lorde Renly até Ponta Tempestade passou-se para o lado de Stannis, com toda a sua cavalaria.

— Liderados pelos Florent, aposto — disse o Mindinho.

Varys dirigiu-lhe um sorriso afectado.

— Ganharíeis, senhor. O Lorde Alester foi de facto o primeiro a dobrar o joelho. Muitos outros o seguiram.

— Muitos — disse Tyrion com intenção — mas não todos?

— Não todos — concordou o eunuco. — Nem Loras Tyrell, nem Randyll Tarly, nem Mathis Rowan. E a própria Ponta Tempestade não se rendeu. Sor Cortnay Penrose detém o castelo em nome de Renly, e não quer acreditar que o seu suserano está morto. Exige ver os restos mortais antes de abrir os portões, mas parece que o cadáver de Renly desapareceu inexplicavelmente. O mais provável é que tenha sido levado. Um quinto dos cavaleiros de Renly preferiu partir com Sor Loras a dobrar o joelho perante Stannis. Diz-se que o Cavaleiro das Flores enlouqueceu quando viu o corpo do rei e matou três dos guardas de Renly na sua ira, entre eles Emmon Cuy e Robar Royce.

*Uma pena que se tenha ficado por três, pensou Tyrion.*

— Sor Loras vai provavelmente a caminho de Pontamarga — prosseguiu Varys. — A irmã, a rainha de Renly, encontra-se lá, bem como muitos soldados que de repente deram por si sem rei. Que lado escolherão agora? Uma questão delicada. Muitos servem os senhores que permaneceram em Ponta Tempestade, e esses senhores pertencem agora a Stannis.

Tyrion inclinou-se para a frente.

— Há aqui uma oportunidade, parece-me. Se conquistarmos Loras Tyrell para a nossa causa, o Lorde Mace Tyrell e os seus vassalos poderão

juntar-se-nos também. Podem ter jurado as espadas a Stannis de momento, mas não é possível que gostem do homem, caso contrário teriam sido seus desde o início.

— Será o amor deles por nós maior? — perguntou Cersei.

— Dificilmente — disse Tyrion. — Era claro que amavam Renly, mas Renly está morto. Talvez lhes possamos dar motivos bons e suficientes para preferir Joffrey a Stannis... *se jogarmos depressa.*

— Que tipo de motivos tencionas dar-lhes?

— Motivos de ouro — sugeriu o Mindinho de imediato.

Varys soltou um *tsc.*

— Querido Petyr, certamente não estais a sugerir que aqueles poderosos senhores e nobres cavaleiros podem ser *comprados* como outras tantas galinhas no mercado?

— Tendes ido aos nossos mercados nos últimos tempos, Lorde Varys? — perguntou o Mindinho. — Atrevo-me a dizer que descobriríeis que é mais fácil comprar um senhor do que uma galinha. Os senhores cacarejam mais orgulhosamente do que as galinhas, naturalmente, e levam a mal se lhes for oferecida moeda como a um mercador, mas raramente mostram aversão a receber presentes... honrarias, terras, castelos...

— Subornos podem trazer até nós alguns dos senhores menores — disse Tyrion — mas nunca Jardim de Cima.

— É verdade — admitiu o Mindinho. — O Cavaleiro das Flores é aí a chave. Mace Tyrell tem dois filhos mais velhos, mas Loras sempre foi o seu preferido. Conquistai-o, e Jardim de Cima será vosso.

*Sim*, pensou Tyrion.

— Parece-me que devíamos receber um ensinamento do falecido Lorde Renly. Podemos conquistar a aliança dos Tyrell como ele fez. Com um casamento.

Varys foi o primeiro a compreender.

— Estais a pensar em casar o Rei Joffrey com Margaery Tyrell.

— Estou. — Julgava recordar que a jovem rainha de Renly não teria mais do que quinze ou dezasseis anos... mais velha do que Joffrey, mas alguns anos não eram nada, o arranjo era tão limpo e doce que era capaz de saboreá-lo.

— Joffrey está prometido a Sansa Stark — objectou Cersei.

— Contratos de casamento podem ser quebrados. Que vantagem há em casar o rei com a filha de um traidor morto?

O Mindinho interveio.

— Podeis fazer notar a Sua Graça que os Tyrell são muito mais ricos do que os Stark, e que se diz que Margaery é adorável... e além disso, alguém com quem se pode deitar.

— Sim — disse Tyrion —, Joff deve gostar bastante disso.

— O meu filho é novo de mais para se interessar por essas coisas.

— Achas que sim? — perguntou Tyrion. — Tem treze anos, Cersei. A mesma idade que eu tinha quando me casei.

— Envergonhaste-nos a todos com esse lamentável episódio. Joffrey é feito de material de melhor qualidade.

— Tão boa que ordenou a Sor Boros que arrancasse o vestido a Sansa.

— Estava zangado com a rapariga.

— Também estava zangado com o aprendiz de cozinheiro que derramou a sopa ontem à noite, mas não o pôs nu.

— Aquilo não era questão de um pouco de sopa derramada. . .

*Não, era questão de um pouco de teta bonita.* Depois do que se passara no pátio, Tyrion conversara com Varys acerca de como poderiam arranjar as coisas para que Joffrey visitasse a casa de Chataya. Esperava que provar um pouco de mel pudesse adoçar o rapaz. Até podia ficar *grato*, por amor dos deuses, e Tyrion não se importaria de receber um tudo-nada mais de gratidão do seu soberano. Teria de ser feito em segredo, naturalmente. A parte mais complicada seria separá-lo do Cão de Caça.

— O cão nunca está longe dos calcanhares do dono — observara a Varys — mas todos os homens dormem. E alguns também jogam, e frequentam prostitutas e tabernas.

— O Cão de Caça faz todas essas coisas, se é essa a vossa pergunta.

— Não — dissera Tyrion. — A minha pergunta é *quando*.

Varys pusera um dedo na cara, sorrindo enigmaticamente.

— Senhor, um homem suspicaz poderia pensar que vós desejais encontrar uma altura em que Sandor Clegane não está a proteger o Rei Joffrey, a fim de melhor fazer algum mal ao rapaz.

— Decerto me conheceis melhor do que isso, Lorde Varys — dissera Tyrion. — Ora, tudo o que quero é que Joffrey goste de mim.

O eunuco prometera debruçar-se sobre o assunto. Mas a guerra tinha as suas exigências; a iniciação de Joffrey à condição viril teria de esperar.

— Sem dúvida que conheces o teu filho melhor do que eu — obrigou-se a dizer a Cersei — mas seja como for, há muito a dizer em favor de um casamento com os Tyrell. Pode ser a única maneira de Joffrey viver tempo suficiente para chegar à noite de núpcias.

O Mindinho concordou.

— A rapariga Stark não traz a Joffrey nada a não ser o corpo, por agradável que seja. Margaery Tyrell traz cinquenta mil espadas e todo o poderio de Jardim de Cima.

— É verdade. — Varys pousou uma mão suave na manga da rainha.

— Tendes um coração de mãe, e eu sei que Sua Graça ama a sua queridinha. Mas os reis têm de aprender a pôr as necessidades do reino à frente dos seus desejos. Afirmo que esta proposta tem de ser feita.

A rainha afastou-se do toque do eunuco.

— Não falaríeis assim se fôsseis mulheres. Dizei o que quiserdes, senhores, mas Joffrey é demasiado orgulhoso para se contentar com as sobras de Renly. Ele nunca consentirá.

Tyrion encolheu os ombros.

— Quando o rei chegar à idade adulta, dentro de três anos, pode dar ou retirar o seu consentimento ao que entender. Até lá, vós sois a sua regente e eu a sua Mão, e ele casará com quem quer que lhe dissermos para casar. Com sobras ou sem elas.

A aljava de Cersei estava vazia.

— Fazei então a vossa proposta, mas que os deuses vos salvem a todos se Joffrey não gostar desta rapariga.

— Estou tão contente por concordarmos — disse Tyrion. — E agora, qual de nós irá a Pontamarga? Temos de chegar com a proposta a Sor Loras antes que o seu sangue arrefeça.

— Tencionas mandar um membro do conselho?

— Não tenho grande esperança de que o Cavaleiro das Flores lide com Bronn ou Shagga, pois não? Os Tyrell são orgulhosos.

A irmã não perdeu tempo para tentar virar a situação em seu proveito.

— Sor Jacelyn Bywater é de nascimento nobre. Envia-o a ele.

Tyrion abanou a cabeça.

— Precisamos de alguém que possa fazer algo mais do que repetir as nossas palavras e trazer de volta uma resposta. O nosso enviado deve falar pelo rei e pelo conselho e arrumar o assunto rapidamente.

— A Mão fala com a voz do rei. — A luz das velas brilhava verde como fogovivo nos olhos de Cersei. — Se te enviarmos a ti, Tyrion, seria como se Joffrey fosse em pessoa. E quem haverá de mais adequado? Brandes palavras com tanta habilidade como Jaime brande a espada.

*Estás assim tão ansiosa por me tirares da cidade, Cersei?*

— É demasiada bondade tua, irmã, mas parece-me que a mãe de um rapaz está em melhores condições para lhe combinar o casamento do que um tio qualquer. E tens um dom para conquistar amigos que eu nunca poderei ter esperança de igualar.

Os olhos dela estreitaram-se.

— Joff precisa de mim a seu lado.

— Vossa Graça, senhor Mão — disse o Mindinho —, o rei precisa de ambos aqui. Deixai-me ir no vosso lugar.



— Vós? — *Que vantagem vê ele nisto?*, perguntou Tyrion a si próprio.

— Pertenço ao conselho do rei, mas não sou do seu sangue, portanto seria fraco refém. Conheci Sor Loras razoavelmente bem quando ele esteve aqui na corte, e não lhe dei motivo para não simpatizar comigo. Mace Tyrell não tem inimizade por mim, que eu saiba, e gabo-me de possuir uma certa habilidade para a negociação.

*Ele tem-nos na mão.* Tyrion não confiava em Petyr Baelish, nem queria ver o homem longe da sua vista, mas que outra possibilidade lhe restava? Tinha de ser o Mindinho ou o próprio Tyrion, e sabia perfeitamente bem que se deixasse Porto Real durante algum tempo, tudo o que conseguira realizar seria desfeito.

— Luta-se entre Porto Real e Pontamarga — disse cautelosamente. — E podeis ter absoluta certeza de que o Lorde Stannis irá enviar os seus próprios pastores a fim de reunir os cordeiros transviados do irmão.

— Nunca me assustei com pastores. São as ovelhas que me perturbam. Mesmo assim, suponho que uma escolta possa ser necessária.

— Posso dispor de uma centena de mantos dourados — disse Tyrion.

— Quinhentos.

— Trezentos.

— E mais quarenta... vinte cavaleiros com outros tantos escudeiros. Se chegar sem comitiva de cavaleiros, os Tyrell julgar-me-ão de pequena importância.

Era verdade.

— De acordo.

— Incluirei no grupo o Babeiro e o Horror, e mandá-los-ei depois ao senhor seu pai. Um gesto de boa vontade. Precisamos de Paxter Redwyne, ele é o mais velho amigo de Mace Tyrell, e um grande poder em si mesmo.

— E um traidor — disse a rainha, contrariada. — A Árvore ter-se-ia declarado por Renly como todos os outros se esse Redwyne não soubesse perfeitamente que as suas crias sofreriam por isso.

— Renly está morto, Vossa Graça — fez notar o Mindinho — e nem Stannis nem o Lorde Paxter terão esquecido o modo como as galés Redwyne fecharam o mar durante o cerco a Ponta Tempestade. Devolvi-lhe os gémeos e talvez consigamos ganhar a amizade dos Redwyne.

Cersei não ficou convencida.

— Os Outros podem ficar com a sua amizade, eu quero é as espadas e velas. Agarrar-nos bem a esses gémeos é a melhor forma de termos a certeza de que as obteremos.

Tyrion tinha resposta para aquilo.

— Então enviemos Sor Hobber para a Árvore e fiquemos com Sor

Horas aqui. O Lorde Paxter deverá ser suficientemente inteligente para descortinar o significado que isso tem, julgo eu.

A sugestão foi aceite sem protestos, mas o Mindinho não tinha terminado.

— Vamos precisar de cavalos. Rápidos e fortes. A luta tornará as mudas difíceis de encontrar. Um amplo fornecimento de ouro também será necessário, para aqueles presentes de que falámos antes.

— Levai tanto quanto necessário. Se a cidade cair, Stannis roubá-lo-á todo, de qualquer forma.

— Vou querer a minha incumbência por escrito. Um documento que não deixe qualquer dúvida a Mace Tyrell quanto à minha autoridade, dando-me plenos poderes para negociar com ele aquilo que diz respeito a este casamento e a quaisquer outras disposições que possam ser necessárias e para dar garantias seguras em nome do rei. Deverá ser assinado por Joffrey e por todos os membros deste conselho e deverá levar todos os nossos selos.

Tyrion moveu-se desconfortavelmente na cadeira.

— De acordo. É tudo? Lembro-vos de que a estrada daqui a Pontamarga é longa.

— Estarei a cavalgar por ela antes do romper da aurora. — O Mindinho pôs-se em pé. — Confio que no meu regresso o rei trate de me recomendar adequadamente pelos valentes esforços despendidos em prol da sua causa?

Varys soltou um risinho.

— Joffrey é um soberano tão cheio de gratidão que estou certo de que não tereis razões de queixa, meu bom e bravo senhor.

A rainha era mais directa.

— Que quereis, Petyr?

O Mindinho olhou de relance para Tyrion com um sorriso astuto.

— Terei de pesar o assunto durante algum tempo. Não tenho dúvidas de que pensarei em algo. — Esboçou uma vénia petulante e retirou-se de uma forma tão casual como se se dirigisse a um dos seus bordéis.

Tyrion olhou de relance pela janela. O nevoeiro era tão denso que nem conseguia ver a muralha exterior do outro lado do pátio. Algumas luzes ténues brilhavam, indistintas, através de todo esse cinzento. *Um dia desagradável para viajar*, pensou. Não invejava Petyr Baelish.

— É melhor que tratemos de compor esses documentos. Lorde Varys, mandai buscar pergaminho e penas. E alguém terá de acordar Joffrey.

Ainda estava cinzento e escuro quando a reunião finalmente chegou ao fim. Varys debandou sozinho, com os chinelos moles a apressar-se pelo chão fora. Os Lannister demoraram-se um momento junto à porta.

— Como anda a tua corrente, irmão? — perguntou a rainha enquanto Sor Preston lhe prendia aos ombros um manto de pano de prata forrado a veiro.

— Elo a elo, vai crescendo. Devíamos agradecer aos deuses por Sor Cortnay Penrose ser tão teimoso como é. Stannis nunca marchará para norte deixando Ponta Tempestade por tomar na retaguarda.

— Tyrion, eu sei que nem sempre concordamos quanto aos planos de acção, mas parece-me que me enganei a teu respeito. Não és um tolo tão grande como imaginava. Na verdade, apercebo-me agora de que tens sido uma grande ajuda. Por isso, agradeço-te. Tens de me perdoar se te falei de forma desagradável no passado.

— Ah tenho? — Dirigiu-lhe um encolher de ombros, um sorriso. — Querida irmã, não disseste nada que precise de perdão.

— Referes-te a hoje? — Ambos se riram... e Cersei inclinou-se e plantou um beijo rápido e suave na testa do irmão.

Demasiado espantado para falar, Tyrion só conseguiu ficar a vê-la a sair da sala em passos largos, com Sor Preston a seu lado.

— Perdi o juízo, ou a minha irmã acabou de me dar um beijo? — perguntou a Bronn depois de ela sair.

— Foi assim tão bom?

— Foi... inesperado. — Cersei tinha andado a comportar-se estranhamente nos últimos tempos. Tyrion achava esse facto muito perturbador. — Estou a tentar lembrar-me da última vez que me beijou. Não podia ter mais de seis ou sete anos. O Jaime desafiara-a a fazê-lo.

— A mulher reparou finalmente nos teus encantos.

— Não — disse Tyrion. — Não, a mulher está a chocar alguma. É melhor descobrir o quê, Bronn. Sabes que eu detesto surpresas.

## THEON

Theon limpou o cuspo da cara com as costas da mão.

— Robb há-de esventrar-te, Greyjoy — gritou Benfred Tallhart. — Há-de dar o teu coração de vira-casaca ao lobo para comer, seu bocado de estrume de ovelha.

A voz de Aeron Cabelo-Molhado cortou através dos insultos como uma espada corta queijo.

— Agora tens de matá-lo.

— Tenho primeiro perguntas a fazer-lhe — disse Theon.

— Que se *fodam* as tuas perguntas. — Benfred pendia, sangrando e impotente, entre Stygg e Werlag. — Hás-de engasgar-te com elas antes de receberes respostas de mim, cobarde. Vira-casaca.

O tio Aeron mostrou-se inflexível.

— Quando cospe em ti, cospe em todos nós. Cospe no Deus Afogado. Tem de morrer.

— O meu pai deu-me *a mim* o comando aqui, tio.

— E enviou-me para te aconselhar.

*E para me vigiar.* Theon não se atrevia a levar as coisas longe de mais com o tio. O comando era seu, sim, mas os homens tinham uma fé no Deus Afogado que não tinham nele, e Aeron Cabelo-Molhado apavorava-os. *Não posso censurá-los por isso.*

— Hás-de perder a cabeça por isto, Greyjoy. Os corvos hão-de comer a geleia dos teus olhos. — Benfred tentou voltar a cuspir, mas só conseguiu lançar um pouco de sangue. — Que os Outros enrabem o teu deus molhado.

*Tallhart, deitaste a vida fora à cuspidela,* pensou Theon.

— Stygg, silencia-o — disse.

Forçaram Benfred a ajoelhar-se. Werlag arrancou a pele de coelho do seu cinto e enfiou-lha entre os dentes para lhe calar os gritos. Stygg preparou o machado.

— Não — declarou Aeron Cabelo-Molhado. — Ele deve ser dado ao deus. Pelo costume antigo.

*Que importa? Morte é morte.*

— Então levai-o.

— Também virás. Aqui comandas. A oferenda deve vir de ti. Aquilo era mais do que Theon era capaz de aguentar.

— Sois vós o sacerdote, tio, deixo o deus convosco. Fazei-me a mesma delicadeza e deixai as batalhas comigo. — Fez um gesto com a mão e Werlag e Stygg puseram-se a caminho da costa, arrastando o prisioneiro. Aeron Cabelo-Molhado deitou ao sobrinho um olhar de reprovação e depois seguiu-os. Iriam até à praia de cascalho, a fim de afogar Benfred Talhart em água salgada. Pelo costume antigo.

*Talvez seja um bem que lhe é feito*, disse Theon a si próprio enquanto se afastava a passos largos na outra direcção. Stygg não era, nem de longe, o mais hábil dos decapitadores, e Benfred tinha um pescoço grosso como o de um touro, cheio de músculo e gordura. *Costumava troçar dele por causa disso, só para ver até que ponto conseguia irritá-lo*, recordou. Isso fora, quando, há três anos? Quando Ned Stark fora a Praça de Torrhen visitar Sor Helman, Theon acompanhara-o e passara uma quinzena na companhia de Benfred.

Ouvia os rudes sons da vitória, vindos da curva na estrada onde a batalha fora travada... se é que se podia chamar àquilo uma batalha. *Em boa verdade, foi mais uma matança de ovelhas. Ovelhas cobertas de aço, mas ovelhas na mesma.*

Trepano um monte de pedras, Theon olhou para os homens mortos e cavalos moribundos em baixo. Os cavalos mereciam melhor do que aquilo. Tymor e os irmãos reuniam as montadas que tinham saído incólumes da luta, enquanto Urzen e o Lorren Negro silenciavam os animais demasiado feridos para serem salvos. O resto dos seus homens pilhava os cadáveres. Gevin Harlaw ajoelhou sobre o peito de um morto, cortando-lhe um dedo para obter um anel. *Pagando o preço de ferro. O senhor meu pai aprovaria.* Theon pensou em vasculhar os bolsos dos dois homens que matara para ver se possuíam algumas jóias que valessem a pena levar, mas a ideia deixou-lhe um gosto amargo na boca. Era capaz de imaginar o que Eddard Stark teria dito. Mas esse pensamento também o zangou. *O Stark está morto e apodrece, e não me é nada*, recordou a si próprio.

O Velho Botley, a quem chamavam Barbas-de-Peixe, sentava-se de cenho franzido junto à sua pilha de despojos enquanto os três filhos lhe acrescentavam mais coisas. Um deles estava num jogo do empurra com um gordo chamado Todric, que cambaleava entre os mortos com um corno de cerveja numa mão e um machado na outra, vestido com um manto de pele branca de raposa só ligeiramente manchado pelo sangue do seu anterior dono. *Bêbado*, decidiu Theon, vendo-o berrar. Dizia-se que os homens de ferro de antigamente tinham estado frequentemente bêbados de sangue em batalha, tão enlouquecidos que não sentiam dor e não temiam nenhum inimigo, mas aquela era uma comum bebedeira de cerveja.

— Wex, o meu arco e a aljava. — O rapaz correu a trazer o que lhe

fora pedido. Theon dobrou o aço e enfiou a corda nos entalhes no momento em que Todric atirava o filho de Botley ao chão e lhe atirava cerveja aos olhos. O Barbas-de-Peixe pôs-se em pé de um salto, praguejando, mas Theon foi mais rápido. Apontou para a mão que segurava o corno de beber, planeando mostrar-lhes um tiro digno de ser comentado, mas Todric estragou-o inclinando-se para um lado no momento em que Theon largava a corda. A seta apanhou-o na barriga.

Os homens pararam a pilhagem e abriram as bocas. Theon baixou o arco.

— Eu disse que não queria bêbados nem querelas por causa do saque. — De joelhos, Todric morria ruidosamente. — Botley, silencia-o. — O Barbas-de-Peixe e os filhos foram rápidos a obedecer. Abriram a garganta de Todric enquanto ele escoiceava debilmente e começaram a despojá-lo do manto e anéis antes ainda de estar morto.

*Agora sabem que o que digo é a sério.* O Lorde Balon podia ter-lhe dado o comando, mas Theon sabia que alguns dos seus homens viam apenas um rapaz mole das terras verdes quando olhavam para ele.

— Alguém mais tem sede? — Ninguém respondeu. — Ótimo. — Deu um pontapé no estandarte caído de Benfred, preso à mão morta do escudeiro que o transportara. Uma pele de coelho tinha sido atada por baixo da bandeira. *Porquê peles de coelho?* quisera perguntar, mas apanhar com cuspo fizera-o esquecer-se das perguntas. Atirou o arco a Wex e afastou-se a passos largos, lembrando-se de como se sentira exultante após o Bosque dos Murmúrios, e perguntando a si próprio por que motivo isto não sabia tão bem. *Tallhart, seu maldito tolo demasiado orgulhoso, nem sequer enviaste um homem para bater o terreno.*

Vinham a trocar piadas e até a *cantar* enquanto se aproximavam, com as três árvores de Tallhart a flutuar acima deles enquanto peles de coelho oscilavam estupidamente, presas às pontas das lanças. Os arqueiros escondidos por detrás das giestas tinham estragado a canção com uma chuva de setas, e o próprio Theon liderara o ataque dos homens de armas para acabar a carnificina com punhais, machados e martelos de guerra. Ordenara que o líder fosse poupado para ser interrogado.

Só que não esperara que fosse Benfred Tallhart.

O seu corpo sem vida estava a ser arrastado para fora das ondas quando Theon regressou à *Cadela do Mar*. Os mastros dos seus dracares delineavam-se contra o céu ao longo da praia pedregosa. Da aldeia de pescadores nada restava além de cinzas frias que fediam quando chovia. Os homens tinham sido passados pela espada, todos excepto um punhado que Theon deixara fugir a fim de levarem a notícia a Praça de Torrhen. As esposas e filhas, aquelas que eram suficientemente jovens e bonitas, tinham sido

mantidas vivas como esposas de sal. As velhas e as feias foram simplesmente violadas e mortas, ou capturadas como servas se possuísem aptidões úteis e não parecesse provável que viessem a causar problemas.

Theon também planeava aquele ataque, trazendo os navios ao longo da costa na escuridão gelada que antecederia a alvorada e saltando da proa com um machado de cabo longo na mão para liderar os seus homens no ataque à aldeia adormecida. Não gostara do sabor de nada daquilo, mas que escolha tinha?

A sua três vezes maldita irmã conduzia o *Vento Negro* para norte naquele preciso instante, certa de conquistar para si um castelo. O Lorde Balon não deixara que nenhuma notícia sobre a reunião da frota se escapasse das Ilhas de Ferro, e o trabalho sangrento de Theon ao longo da Costa Pedregosa seria atribuído a piratas em busca de saque. Os nortenhos não se aperceberiam do verdadeiro perigo em que se encontravam antes que os martelos caíssem sobre Bosque Profundo e Fosso Cailin. *E depois de tudo feito e conquistado, farão canções para aquela cadela da Asha e esquecer-se-ão de que eu estive aqui.* Isto é, se o permitisse.

Dagmer Boca-Fendida encontrava-se ao lado da grande proa esculpida do seu dracar, *Bebedor de Espuma*. Theon confiara-lhe a tarefa de guardar os navios; de outra forma os homens teriam dito que aquela era uma vitória de Dagmer, e não sua. Um homem mais susceptível teria tomado aquilo como uma desfeita, mas o Boca-Fendida só se rira.

— O dia está ganho — gritou Dagmer para baixo. — E, no entanto, não sorris, rapaz. Os vivos devem sorrir, porque os mortos não podem. — E sorriu, para mostrar como se fazia. Era uma visão hedionda. Sob uma cabeleira branca como a neve, Dagmer Boca-Fendida tinha a cicatriz mais capaz de dar a volta às tripas que Theon alguma vez vira, o legado do machado que quase o matara em rapaz. O golpe rachara-lhe o maxilar, estilhaçara-lhe os dentes da frente e deixara-o com quatro lábios onde os outros homens não tinham mais de dois. Uma barba hirsuta cobria-lhe a cara e o pescoço, mas os pêlos não cresciam sobre a cicatriz, e um veio brilhante de carne pregueada e retorcida dividia-lhe o rosto como uma fenda num campo de neve. — Conseguíamos ouvi-los a cantar — disse o velho guerreiro. — Era uma boa canção e cantaram-na bravamente.

— Cantavam melhor do que lutavam. Harpas ter-lhes-iam servido tão bem como as lanças.

— Quantos homens se perderam?

— Dos nossos? — Theon encolheu os ombros. — Todric. Matei-o por se embebedar e lutar pelo saque.

— Há homens que nasceram para serem mortos. — Um homem menor teria tido receio de mostrar um sorriso tão assustador como o dele, mas

Dagmer sorria mais frequente e largamente do que o Lorde Balon alguma vez sorrira.

Feio como era, aquele sorriso trazia de volta cem recordações. Theon vira-o frequentemente em rapaz, quando saltava a cavalo por cima de um muro coberto de musgo, ou atirava um machado e rachava um alvo. Vira-o quando bloqueara um golpe da espada de Dagmer, quando atingira uma gaiivota em voo com uma seta, quando tomara a cana do leme na mão e guiara um dracar em segurança por entre um emaranhado de rochedos cobertos de espuma. *Ele deu-me mais sorrisos do que o meu pai e Eddard Stark juntos.* Até Robb... devia ter ganhado um sorriso naquele dia em que salvara Bran daquele selvagem, mas em vez disso recebera uma descompostura, como se fosse algum cozinheiro que tivesse deixado queimar o estufado.

— Vós e eu temos de conversar, tio — disse Theon. Dagmer não era um tio verdadeiro, só um homem ajuramentado com talvez uma pitada de sangue Greyjoy de há quatro ou cinco vidas, e ainda por cima vindo do lado errado da manta. Mas apesar disso, Theon sempre lhe chamara tio.

— Então sobe ao meu convés. — Não havia *s'nhores* vindos de Dagmer, em especial quando ele se encontrava no seu convés. Nas Ilhas de Ferro, cada capitão era um rei a bordo do seu navio.

Subiu a prancha que levava ao convés do *Bebedor de Espuma* em quatro longas passadas, e Dagmer levou-o até à pequena cabina de popa, onde se serviu de um corno de cerveja amarga e ofereceu o mesmo a Theon. O jovem declinou.

— Não capturámos cavalos suficientes. Alguns, mas... bem, suponho que o que tenho terá de servir. Menos homens significam mais glória.

— Que necessidade temos de cavalos? — Tal como a maior parte dos homens de ferro, Dagmer preferia lutar a pé ou a partir do convés de um navio. — Os cavalos só irão cagar nos nossos conveses e meter-se na nossa frente.

— Se nos fizéssemos ao mar, sim — admitiu Theon. — Tenho outro plano. — Observou o outro com cuidado para ver como encarava aquilo. Sem o Boca-Fendida não podia ter esperança de ser bem sucedido. Com ou sem comando, os homens nunca o seguiriam se tanto Aeron como Dagmer se lhe opusessem, e não tinha esperança de conquistar o sacerdote de cara amarga.

— O senhor teu pai ordenou-nos que assolássemos a costa, nada mais. — Olhos claros como espuma marinha observaram Theon por baixo daquelas hirsutas sobranceiras brancas. Seria desaprovação que ali via, ou uma cintilação de interesse? Esta última, pensava... esperava...

— Sois um homem do meu pai.

— O seu *melhor* homem, e sempre o fui.



*Orgulho*, pensou Theon. *Ele é orgulhoso, tenho de usar isso, o seu orgulho será a chave.*

— Não há nenhum homem nas Ilhas de Ferro com metade da perícia com a lança ou a espada.

— Estiveste demasiado tempo longe, rapaz. Quando partiste, era como dizes, mas envelheci ao serviço do Lorde Greyjoy. Os cantores dizem agora que Andrik é o melhor. Andrik, O Que Não Sorri, chamam-lhe. Um homem gigantesco. Serve o Lorde Drumm da Velha Wyk. E o Lorren Negro e Qarl, o Donzela, são quase igualmente terríveis.

— Esse Andrik pode ser um grande guerreiro, mas os homens não o temem como vos temem a vós.

— Sim, é verdade — disse Dagmer. Os dedos enrolados em volta do corno de beber estavam ajouçados de anéis, de ouro, prata e bronze, incrustados com bocados de safira, granada e vidro de dragão. Theon sabia que pagara o preço de ferro por cada um deles.

— Se tivesse um homem como vós ao meu serviço, não o desperdiçaria nesta criancice de saquear e queimar. Isto não é serviço para o melhor homem de Lorde Balon...

O sorriso de Dagmer retorceu-lhe os lábios e afastou-os para mostrar as lascas castanhas dos seus dentes.

— Nem para o seu filho legítimo? — Soltou uma exclamação. — Conheço-te bem de mais, Theon. Vi-te dar o primeiro passo, ajudei-te a dobrar o teu primeiro arco. Não sou eu quem se sente desperdiçado.

— Pelo direito, eu devia ter o comando da minha irmã — admitiu, desconfortavelmente consciente de como aquilo soava a choraminguice.

— Levas este assunto demasiado a peito, rapaz. É só que o senhor teu pai não te conhece. Com os teus irmãos mortos e tu levado pelos lobos, a tua irmã foi o consolo dele. Aprendeu a confiar nela, e ela nunca lhe falhou.

— Nem eu. Os Stark conhecem o meu valor. Fui um dos batedores seleccionados por Brynden Peixe Negro, e participei na primeira carga no Bosque dos Murmúrios. Fiquei a *esta* distância de cruzar espadas com o próprio Regicida. — Theon separou as mãos meio metro. — Daryn Hornwood interpôs-se entre nós e morreu por isso.

— Porque me contas isso? — perguntou Dagmer. — Fui eu quem te pus a primeira espada na mão. Sei que não és nenhum cobarde.

— E o meu pai, sabe?

O velho e encanecido guerreiro pareceu ter mordido alguma coisa cujo sabor não lhe agradava.

— É só que... Theon, o Rapaz Lobo é teu amigo, e esses Stark tiveram-te durante dez anos.

— Não sou nenhum Stark. — *O Lorde Eddard assegurou-se disso.* — Sou um Greyjoy, e tenciono ser herdeiro do meu pai. Como posso fazer isso a menos que prove o meu valor com algum grande feito?

— És jovem. Outras guerras virão, e farás os teus grandes feitos. Por agora, foi-nos ordenado que assolemos a Costa Pedregosa.

— Que o meu tio Aeron trate disso. Dar-lhe-ei seis navios, todos menos o *Bebedor de Espuma* e a *Cadela do Mar*, e poderá queimar e afogar gente até deixar o seu deus empanturrado.

— O comando foi-te dado a ti, não a Aeron Cabelo-Molhado.

— Desde que a pilhagem aconteça, que importa? Nenhum sacerdote seria capaz de realizar o que tenciono fazer, nem a incumbência que vos dou. Tenho uma tarefa que só Dagmer Boca-Fendida pode realizar.

Dagmer bebeu um grande gole do seu corno.

— Conta-me.

*Está tentado*, pensou Theon. *Não gosta deste trabalho de corsário mais do que eu.*

— Se a minha irmã pode tomar um castelo, também eu posso.

— Asha tem quatro ou cinco vezes mais homens do que nós.

Theon permitiu-se um sorriso astuto.

— Mas nós temos quatro vezes mais inteligência, e cinco vezes mais coragem.

— O teu pai...

— ... agradecer-me-á, quando lhe entregar o seu reino. Tenciono realizar um feito sobre o qual os harpistas cantarão durante mil anos.

Sabia que aquilo faria Dagmer hesitar. Um cantor fizera uma canção sobre o machado que lhe rachara o maxilar ao meio, e o velho adorava ouvi-la. Sempre que estava com os copos, gritava por uma canção de saque, algo sonoro e tempestuoso que falasse de heróis mortos e feitos de grande valor. *Tem cabelos brancos e dentes podres, mas ainda possui gosto pela glória.*

— Qual seria o meu papel nesse teu plano, rapaz? — perguntou Dagmer Boca-Fendida após um longo silêncio, e Theon soube que tinha ganhado.

— Inspirar o terror no coração do inimigo, como só alguém com o vosso nome será capaz de fazer. Levareis a maior parte das nossas forças e marchareis contra Praça de Torrhen. Helman Tallhart levou os melhores homens para sul, e Benfred morreu aqui com os filhos deles. O tio Leobald ainda estará lá, com uma pequena guarnição. — *Se tivesse tido oportunidade de interrogar Benfred, saberia precisamente quão pequena.* — Não façais segredo da vossa aproximação. Cantai todas as bravas canções que quiserdes. Quero que fechem os portões.

— Esta Praça de Torrhen é uma fortaleza forte?

— Bastante forte. As muralhas são de pedra, com nove metros de altura, torres quadradas em cada canto e uma fortaleza quadrada lá dentro.

— Não é possível incendiar muralhas de pedra. Como havemos de tomá-las? Nem sequer temos homens suficientes para assaltar um castelo pequeno.

— Montareis acampamento junto às muralhas e começareis a construir catapultas e máquinas de cerco.

— Isso não é o Costume Antigo. Esqueceste-te? Os homens de ferro lutam com espadas e machados, não com o arremesso de pedras. Não há qualquer glória em matar um inimigo à fome.

— Leobald não saberá disso. Quando vos vir a erguer torres de cerco, o seu sangue de velha gelará e balirá por ajuda. Refreai os arqueiros, tio, e deixai o corvo voar. O castelão em Winterfell é um homem corajoso, mas a idade endureceu-lhe a inteligência tanto quanto os membros. Quando souber que um dos vassalos do seu rei está sob ataque do temível Dagmer Boca-Fendida, reunirá as suas forças para ir em auxílio de Tallhart. É o seu dever. Se Sor Rodrik é alguma coisa, essa coisa é cumpridor.

— Qualquer força que ele reúna será maior do que a minha — disse Dagmer — e esses velhos cavaleiros são mais astuciosos do que tu pensas, caso contrário nunca teriam sobrevivido até ver o primeiro cabelo branco. Envias-nos para uma batalha que não podemos esperar vencer, Theon. Essa Praça de Torrhen nunca cairá.

Theon sorriu.

— Não é Praça de Torrhen que tenciono tomar.

A confusão e o ruído dominavam o castelo. Havia homens em pé em carroças a carregar cascos de vinho, sacas de farinha e feixes de setas acabadas de fazer. Ferreiros endireitavam espadas, removiam amolgadelas de placas de peito e ferravam tanto corcéis como mulas de carga. Lorigões eram atirados para dentro de barris de areia e rolados pela superfície granulosa do Pátio das Lâminas para serem limpos. As mulheres de Weese tinham vinte mantos para remendar e mais cem para lavar. Os grandes e os humildes aglomeravam-se juntos no septo para rezar. Fora das muralhas, tendas e pavilhões eram desmontados. Escudeiros atiravam selhas de água para fogueiras, enquanto soldados puxavam pelas pedras a fim de dar às suas lâminas uma última e boa amoladela. O ruído era uma maré enchente: cavalos a resfolegar e a relinchar, senhores a gritar ordens, homens de armas a trocar pragas, seguidoras de acampamentos a discutir.

O Lorde Tywin Lannister ia por fim pôr-se em marcha.

Sor Addam Marbrand foi o primeiro dos capitães a partir, um dia antes dos outros. Fez disso um galante espectáculo, montando um temperamental corcel vermelho, cuja crina tinha a mesma cor acobreada do cabelo longo que fluía até abaixo dos ombros de Sor Addam. O cavalo usava arreios bronzeados, tingidos para combinar com o manto do cavaleiro e decorados com a árvore ardente. Algumas das mulheres do castelo soluçaram ao vê-lo partir. Weese disse que era um grande cavaleiro e espadachim, o mais ousado dos comandantes de Lorde Tywin.

*Espero que morra*, pensou Arya enquanto o via sair pelo portão, com os homens a fluir atrás numa coluna dupla. *Espero que morram todos*. Sabia que iam lutar contra Robb. Escutando as conversas enquanto ia trabalhando, Arya ficara a saber que Robb conquistara uma grande vitória qualquer no Ocidente. Que queimara Lannisporto, diziam alguns, ou que tencionara queimá-lo. Que capturara Rochedo Casterly e passara toda a gente pela espada, ou que estava a cercar o Dente Dourado... mas *alguma coisa* aconteceria, pelo menos isso era certo.

Weese pusera-a a entregar mensagens da alvorada ao ocaso. Algumas até a levaram para lá das muralhas do castelo, até ao meio da lama e loucura do acampamento. *Podia fugir*, pensou quando uma carroça passou por si com estrondo. *Podia saltar para a parte de trás de uma carroça e esconder-me, ou juntar-me às seguidoras de acampamentos, ninguém me impediria*. Poderia

tê-lo feito se não fosse Weese. Dissera-lhe mais de uma vez o que faria a quem quer que lhe tentasse escapar.

— Não há-de ser um espancamento, oh, não. Não te toco com um dedo. Só te guardo para o qohorano, ah pois guardo, guardo-te para o Estropiador. O nome dele é Vargo Hoat, e quando voltar, há-de cortar-te os pés. — *Talvez se Weese estivesse morto*, pensava Arya... mas não quando ele estava presente. Era capaz de olhar e cheirar o que se estava a pensar, dizia-o sempre.

Mas Weese nunca imaginou que ela soubesse ler, e nunca se incomodou em selar as mensagens que lhe dava. Arya espreitava-as a todas, mas nunca eram nada de bom, só coisas estúpidas, enviar este carro para o celeiro e aquele para o armeiro. Uma era uma exigência de pagamento de uma dívida de jogo, mas o cavaleiro a quem a deu não sabia ler. Quando lhe disse o que dizia, tentou bater-lhe, mas Arya esquivou-se ao golpe, baixando-se, tirou-lhe da sela um corno de beber ligado a prata, e fugiu. O cavaleiro rugiu e veio atrás dela, mas ela esgueirou-se por entre dois carros, abriu caminho pelo meio de um aglomerado de arqueiros e saltou por cima de uma fossa. Com a cota de malha vestida, ele não conseguiu acompanhá-la. Quando deu o corno a Weese, este disse-lhe que uma pequena Doninha esperta como ela merecia uma recompensa.

— Tenho o olho num capão rechonchudo e estaladiço para o jantar de hoje. Vamos partilhá-lo, tu e eu. Vais gostar.

Onde quer que fosse, Arya procurava por Jaqen H'ghar, desejando sussurrar-lhe outro nome antes que aqueles que odiava estivessem todos para lá do seu alcance, mas no meio do caos e confusão, o mercenário de Lorath não se encontrava em parte alguma. Ainda lhe devia duas mortes, e ela preocupava-se com a hipótese de nunca as obter se ele partisse para a batalha com os outros. Por fim, arranjou coragem para perguntar a um dos guardas do portão se ele tinha partido.

— É um dos homens de Lorch, não é? — perguntou o homem. — Então não vai. Sua senhoria nomeou Sor Amory castelão de Harrenhal. Esses tipos vão todos ficar aqui, para defender o castelo. Os Saltimbancos Sangrentos também vão ser cá deixados, para tratar dos abastecimentos. Aquele bode do Vargo Hoat é capaz de ir parar ao espigão, ele e Lorch sempre se odiaram.

Mas a Montanha partiria com Lorde Tywin. Iria comandar a vanguarda na batalha, o que queria dizer que Dunsen, Polliver e Raff escorremariam todos entre os seus dedos, a menos que conseguisse encontrar Jaqen e o mandasse matar um deles antes de partirem.

— Doninha — disse Weese nessa tarde. — Vai ao armeiro e diz a Lucan que Sor Lyonel fez um entalhe na espada durante o treino e precisa de

uma nova. Está aqui o sinal dele. — Entregou-lhe um quadrado de papel. — E despacha-te, que ele deve partir com Sor Kevan Lannister.

Arya pegou no papel e correu. O armeiro ficava junto das forjas do castelo, um longo edifício de tecto elevado que mais parecia um túnel, com vinte forjas construídas nas paredes e longas cubas de água em pedra para temperar o aço. Metade das forjas estavam a laborar quando entrou. As paredes ressoavam com o som dos martelos, e homens corpulentos com aventais de couro suavam no calor sombrio enquanto se debruçavam sobre foles e bigornas. Quando vislumbrou Gendry, viu-lhe o peito nu lustroso de suor, mas os olhos azuis sob o pesado cabelo negro possuíam a expressão teimosa que recordava. Arya nem soubera que queria falar com ele. Fora por sua culpa que tinham sido apanhados.

— Qual deles é Lucan? — Mostrou-lhe o papel. — Tenho de arranjar uma espada nova para Sor Lyonel.

— Deixa lá o Sor Lyonel. — Puxou-a para o lado pelo braço. — Na noite passada, o Tarte Quente perguntou-me se te tinha ouvido a gritar *Winterfell* lá no castro, quando estávamos todos a lutar na muralha.

— Nunca fiz isso.

— Fizeste, sim. Eu também te ouvi.

— Toda a gente estava a gritar coisas — disse Arya em tom defensivo. — O Tarte Quente gritou *tarte quente*. Deve ter gritado isso cem vezes.

— O que importa é o que *tu* gritaste. Eu disse ao Tarte Quente que devia limpar a cera dos ouvidos, e que tudo o que gritaste foi *Salva a pele!* Se ele te perguntar, é melhor que respondas a mesma coisa.

— Respondo — disse ela, embora pensasse que *salva a pele* era uma coisa estúpida para se gritar. Não se atrevia a dizer ao Tarte Quente quem realmente era. *Talvez devesse dizer o nome do Tarte Quente ao Jaqen.*

— Vou buscar Lucan — disse Gendry.

Lucan soltou um grunhido quando viu o que estava escrito no papel (embora Arya achasse que ele não era capaz de o ler), e pegou numa pesada espada longa.

— Isto é bom de mais para aquele idiota, e tu diz-lhe que eu disse isto — disse, enquanto lhe entregava a lâmina.

— Eu digo — mentiu ela. Se fizesse tal coisa, Weese espancá-la-ia até a deixar em sangue. Lucan que entregasse ele próprio os seus insultos.

A espada longa era muito mais pesada do que a Agulha, mas Arya gostou de lhe pegar. O peso do aço nas mãos fazia-a sentir-se mais forte. *Talvez não seja ainda uma dançarina de água, mas também não sou um rato. Um rato não poderia usar uma espada, mas eu posso.* Os portões estavam abertos, com soldados a entrar e a sair, carroças a entrar vazias e a sair a ranger e a oscilar sob o peso das suas cargas. Pensou em ir até aos estábulos e

dizer-lhes que Sor Lyonel queria um cavalo novo. Tinha o papel, os moços de estrebaria não seriam mais capazes de o ler do que Lucan. *Podia levar o cavalo e a espada e simplesmente sair. Se os guardas me tentassem parar, mostrar-lhes-ia o papel e diria que estava a levar tudo a Sor Lyonel.* Mas não tinha ideia alguma do aspecto de Sor Lyonel ou de onde poderia ser encontrado. Se a interrogassem, saberiam, e então Weese... Weese...

Enquanto mordida o lábio, tentando não pensar no que sentiria se lhe cortassem os pés, um grupo de arqueiros com justilhos de couro e elmos de ferro passou por ela, com os arcos a tiracolo. Arya ouviu fragmentos das conversas.

— ...gigantes, digo-te eu, ele tem *gigantes* com seis metros de altura, vindos de lá da Muralha, que o seguem como cães...

— ...não é natural, caindo sobre eles tão depressa, de noite e tudo. É mais lobo do que homem, todos aqueles Stark são...

— ...caguei nos teus lobos e gigantes, o rapaz mijava-se nas calças se soubesse que íamos a caminho. Não foi homem bastante para marchar sobre Harrenhal, pois não? Fugiu p'ró outro lado, não foi? É melhor que fuja agora, se souber o que é melhor p'ra ele.

— Tu dizes isso, mas pode ser que o rapaz saiba alguma coisa que nós não sabemos, se calhar somos *nós* quem devia fugir...

*Sim, pensou Arya. Sim, sois vós quem devia fugir, vós e o Lorde Tywin, a Montanha, Sor Addam, Sor Amory e o estúpido do Sor Lyonel, seja ele quem for, é melhor que todos vós fujais ou o meu irmão matar-vos-á, ele é um Stark, é mais lobo do que homem, e eu também.*

— Doninha. — A voz de Weese estalou como um chicote. Não chegou a ver de onde ele viera, mas de súbito estava mesmo na sua frente. — Dá cá isso. Demoraste bastante tempo. — Arrancou-lhe a espada dos dedos, e deu-lhe uma forte bofetada com as costas da mão. — Da próxima vez, despacha-te mais.

Por um momento, voltara a ser uma loba, mas a bofetada de Weese roubou-lhe tudo e deixou-a sem nada a não ser o sabor do seu próprio sangue na boca. Mordera a língua quando ele lhe batera. Odiou-o por isso.

— Queres outra? — perguntou Weese. — Vais levar com ela. Não quero ver os teus olhares insolentes. Vai à cervejaria e diz ao Tuffleberry que tenho duas dúzias de barris para ele, mas é melhor que mande os rapazes buscá-los, senão eu encontro alguém que os queira mais. — Arya pôs-se a caminho, mas não suficientemente depressa para Weese. — E tu *corre*, se quiseres comer esta noite — gritou, já esquecido das promessas de capão rechonchudo e estaladiço. — E não te percas outra vez, ou juro que te vou bater até sangrar.

*Não vais, não,* pensou Arya. *Nunca mais o farás.* Mas correu. Os ve-

lhos deuses do Norte deviam ter-lhe guiado os passos. A meio caminho da cervejaria, ao passar sob a ponte de pedra que se arqueava entre a Torre da Viúva e a Pira do Rei, ouviu um riso rude e rosnado. Rorge dobrou uma esquina com outros três homens, todos eles com o símbolo da mantícora de Sor Amory cosido sobre o coração. Quando a viu, parou e sorriu, mostrando uma boca cheia de dentes tortos e castanhos sob a aba de couro que por vezes usava para tapar o buraco que tinha na cara.

— A coninha de Yoren — chamou-lhe ele. — Parece que já sabemos porque é que aquele bastardo preto *te* queria na Muralha, não é? — Voltou a rir-se e os outros riram com ele. — Onde está agora o teu pau? — Quis saber de súbito, desaparecido o sorriso tão depressa como tinha surgido. — Parece-me que prometi foder-te com ele. — Deu um passo na direcção dela. Arya recuou. — Agora que não estou a ferros, já não és tão corajosa, pois não?

— Eu *salvei-te*. — Manteve um bom metro entre ambos, pronta para fugir rápida como uma serpente se ele tentasse agarrá-la.

— Parece que te devo outra foda por causa disso. O Yoren encheu-te a coninha, ou gostava mais desse cuzinho apertadinho?

— Ando à procura de Jaqen — disse ela. — Há uma mensagem.

Rorge parou. Algo nos seus olhos... seria possível que tivesse *medo* de Jaqen H'ghar?

— No balneário. Sai-me da frente.

Arya rodopiou e correu, ligeira como uma corça, com os pés a voar sobre as pedras arredondadas até ao balneário. Encontrou Jaqen de molho numa banheira, com vapor a erguer-se à sua volta enquanto uma criada lhe despejava água quente na cabeça. O seu longo cabelo, vermelho de um lado e branco do outro, caía-lhe sobre os ombros, molhado e pesado.

Arya aproximou-se, silenciosa como uma sombra, mas ele abriu os olhos na mesma.

— Ela vem furtiva em pequenos pés de rato, mas um homem ouve — disse. *Como pode ter-me ouvido?* perguntou ela a si própria, e foi como se ele também tivesse ouvido aquilo. — O raspar de couro em pedra canta tão alto como trombetas de guerra para um homem com os ouvidos abertos. Raparigas espertas andam descalças.

— Trago uma mensagem. — Arya olhou para a criada com incerteza. Quando lhe pareceu que não era provável que se fosse embora, inclinou-se para a frente até quase lhe tocar na orelha com a boca. — Weese — murmurou.

Jaqen H'ghar voltou a fechar os olhos, flutuando, lânguido, meio adormecido.

— Diz a sua senhoria que um homem irá servi-lo a seu tempo. —



Moveu subitamente a mão, salpicando-a de água quente, e Arya teve de saltar para trás para evitar ficar ensopada.

Quando transmitiu a Tuffleberry o que Weese dissera, o cervejeiro praguejou em voz alta.

— Diz mas é ao Weese que os meus moços têm deveres a cumprir, e diz-lhe também que é um bastardo bexigoso, e que os sete infernos hão-de congelar antes de ele provar outro corno da minha cerveja. Ou eu tenho esses barris dentro da próxima hora, ou o Lorde Tywin ouvirá falar do assunto, ele logo verá se não.

Weese também praguejou quando Arya trouxe aquela mensagem de volta, embora tivesse deixado de lado a parte sobre ele ser um bastardo bexigoso. Enfureceu-se e lançou ameaças, mas por fim reuniu seis homens e, resmungando, mandou-os levar os barris à cervejaria.

O jantar, naquela noite, foi um estufado aguado de cevada, cebola e cenouras, com uma fatia de pão castanho e duro. Uma das mulheres andava a dormir na cama de Weese, e recebeu também um bocado bom de queijo azul, e uma asa do capão de que Weese falara de manhã. Ele comeu o resto sozinho, com a gordura a correr-lhe numa fita brilhante por entre os furúnculos que ulceravam no canto da boca. A ave estava quase no fim quando ergueu o olhar da travessa e viu que Arya o fitava.

— Doninha, anda cá.

Ainda havia algumas dentadas de carne escura presas a uma coxa. *Ele esqueceu-se, mas agora lembrou-se*, pensou Arya. Sentiu-se mal por ter dito a Jaqen que o matasse. Saiu do banco e dirigiu-se ao topo da mesa.

— Vi-te a olhar para mim. — Weese limpou os dedos no peito da camisa dela. Depois agarrou-lhe na garganta com uma mão e esbofeteou-a com a outra. — Que foi que te disse? — Voltou a esbofeteá-la, com as costas da mão. — Guarda esses olhos para ti, senão da próxima vez arranco um deles com a colher e dou-o a comer à minha cadela. — Um empurrão atirou-a ao chão, aos tropeções. A bainha prendeu-se num prego solto no banco de madeira lascada e rasgou-se quando ela caiu. — E vais remendar isso antes de dormir — anunciou Weese enquanto arrancava o último bocado de carne do capão. Quando terminou, chupou sonoramente os dedos, e atirou os ossos ao seu feio cão malhado.

— Weese — murmurou Arya naquela noite enquanto se debruçava sobre o rasgão na camisa. — Dunsen, Polliver, Raff, o Querido — disse, um nome por cada vez que puxava a agulha de osso através da lã não tingida. — O Cócegas e o Cão de Caça. Sor Gregor, Sor Amory, Sor Ilyn, Sor Meryn, Rei Joffrey, Rainha Cersei. — Perguntou a si própria quanto mais tempo teria de incluir Weese na sua prece, e derivou para o sono, sonhando que no dia seguinte, quando acordasse, ele estaria morto.

Mas foi a biqueira dura da bota de Weese que a acordou, como sempre. A força principal da hoste de Lorde Tywin iria partir naquele dia, disse-lhes ele enquanto quebravam o jejum com bolos de aveia.

— Que nenhum de vós esteja a pensar que as coisas vão ficar fáceis depois do s'nhor de Lannister se ir embora — preveniu. — O castelo não vai encolher, prometo, só que agora vai haver menos mãos para cuidar dele. O vosso bando de mandriões vai aprender agora o que é o trabalho, oh se vai.

*De ti, não.* Arya debicou o seu bolo de aveia. Weese franziu-lhe o sobrolho, como se farejasse o seu segredo. Num movimento rápido, ela baixou os olhos para a comida e não se atreveu a voltar a erguê-los.

Uma luz mortiça enchia o pátio quando o Lorde Tywin Lannister se retirou de Harrenhal. Arya observou a partida de uma janela arqueada, a meia altura da Torre dos Lamentos. O seu cavalo trazia uma manta de escamas esmaltadas de carmim e crinete e testeira dourados, enquanto o próprio Lorde Tywin ostentava um espesso manto de arminho. O irmão, Sor Kevan, tinha um aspecto quase igualmente magnífico. Nada menos do que quatro porta-estandartes seguiam à frente dos dois, transportando enormes bandeiras carmim ornamentadas com o leão dourado. Atrás dos Lannister vinham os seus grandes senhores e capitães. As bandeiras cintilavam e esvoaçavam, um sumptuoso cortejo de cor: boi vermelho e montanha dourada, unicórnio purpúreo e galo bantã, javali e texugo malhados, um furão de prata e um malabarista com roupas multicolores, estrelas e esplendores, pavão e pantera, asna e punhal, capuz preto, escaravelho azul e seta verde.

No fim de todos vinha Sor Gregor Clegane com o seu aço cinzento, montado num garanhão com um temperamento tão mau como o do cavaleiro. Polliver seguia a seu lado, com o estandarte dos cães pretos na mão e o elmo com chifres de Gendry na cabeça. Era um homem alto, mas não parecia mais do que um rapaz meio crescido quando cavalgava na sombra do seu senhor.

Um arrepio subiu pela espinha de Arya quando os viu passar sob a grande porta levadiça de Harrenhal. De súbito apercebeu-se de que tinha cometido um erro terrível. *Sou tão estúpida*, pensou. Weese não importava, não importava mais do que Chiswyck. *Aqueles* eram os homens que importavam, eram aqueles que devia ter matado. Na noite anterior podia ter sussurrado a morte de qualquer um, se ao menos não tivesse estado tão furiosa com Weese por lhe ter batido e mentido a propósito do capão. *Lorde Tywin, porque foi que não disse Lorde Tywin?*

Talvez não fosse tarde de mais para mudar de ideias. Weese ainda não estava morto. Se conseguisse encontrar Jaqen, dizer-lhe...

Apressadamente, Arya correu pela escada em espiral, esquecida dos deveres. Ouviu o chocalhar de correntes que fazia a porta levadiça a ser des-cida com lentidão, os seus espigões a afundar-se profundamente no solo... e então outro som, um guincho de dor e medo.

Uma dúzia de pessoas chegou lá antes dela, embora nenhuma se aproximasse muito. Arya abriu caminho entre elas, contorcendo-se. Weese estava estatelado nas pedras, com a garganta transformada numa ruína vermelha, olhos abertos, sem ver, na direcção de um banco de nuvens cinzentas. A feia cadela malhada estava em pé sobre o seu peito, bebendo o sangue que lhe saía cadenciadamente do pescoço, e de quando em quando arrancando um bocado de carne da cara do morto.

Por fim, alguém trouxe uma besta e matou a cadela enquanto esta se entretinha com uma das orelhas de Weese.

— Que maldita coisa — ouviu um homem dizer. — Ele tinha aquela cadela desde cachorra.

— Este lugar está amaldiçoado — disse o homem com a besta.

— É o fantasma de Harren, é o que é — disse a Governanta Amabel.  
— Não durmo aqui nem mais uma noite, juro.

Arya ergueu o olhar do homem morto e do seu cão morto. Jaqen H'ghar estava encostado à parede da Torre dos Lamentos. Quando a viu a olhar, ergueu uma mão e pousou casualmente dois dedos na cara.

A dois dias de viagem de Correrrio, um batedor viu-os a dar água aos cavalos num ribeiro lamacento. Catelyn nunca se sentira tão feliz por ver o símbolo da dupla torre da Casa Frey.

Quando pediu ao homem para os levar à presença do tio, ele disse:

— O Peixe Negro foi para oeste com o rei, senhora. Martyn Rivers comanda os batedores no seu lugar.

— Estou a ver. — Conhecera Rivers nas Gémeas; um filho ilegítimo de Lorde Walder Frey, meio-irmão de Sor Perwyn. Não a surpreendia ficar a saber que Robb atacara o coração do poder dos Lannister; era claro que pensava fazer precisamente isso quando a enviara para parlamentar com Renly. — Onde está agora Rivers?

— O seu acampamento está a duas horas de viagem, senhora.

— Leva-nos até ele — ordenou. Brienne ajudou-a a subir para a sela, e puseram-se imediatamente a caminho.

— Vindes de Pontamarga, senhora? — perguntou o batedor.

— Não. — Não se atrevera. Com Renly morto, Catelyn sentira-se insegura da recepção que poderia receber da jovem viúva e dos seus protectores. Em vez disso, atravessara o coração da guerra, passando pelas férteis terras fluviais transformadas num deserto enegrecido pela fúria dos Lannister, e todas as noites os seus batedores traziam histórias que a deixavam doente. — O Lorde Renly está morto — acrescentou.

— Tínhamos a esperança de que essa história fosse alguma mentira Lannister, ou...

— Bem gostaria que fosse. O meu irmão comanda em Correrrio?

— Sim, senhora. Sua Graça deixou a Sor Edmure a defesa de Correrrio e da sua retaguarda.

*Que os deuses lhe concedam a força para o fazer, pensou Catelyn. E também a sabedoria.*

— Há notícias de Robb no Ocidente?

— Não sabeis? — O homem parecia surpreendido. — Sua Graça conquistou uma grande vitória em Cruzaboi. Sor Stafford Lannister está morto e a sua hoste desbaratada.

Sor Wendel Manderly soltou um grito de prazer, mas Catelyn limitou-se a acenar com a cabeça. As dificuldades do amanhã interessavam-lhe mais do que os triunfos de ontem.

Martyn Rivers montara o seu acampamento dentro do esqueleto de um castro despedaçado, ao lado de um estábulo sem telhado e de uma centena de sepulturas frescas. Caiu sobre um joelho quando Catelyn desmontou.

— É bom encontrar-vos, senhora. O vosso irmão encarregou-nos de manter um olho atento ao vosso grupo e de vos escoltar de volta para Correrrio a toda a pressa caso vos encontrássemos.

Catelyn gostou pouco do som daquilo.

— É o meu pai?

— Não, senhora. A condição de Lorde Hoster permanece inalterada. — Rivers era um homem ruivo, com escassa semelhança com os seus meios-irmãos. — É só por temermos que pudésseis calhar encontrar batedores Lannister. O Lorde Tywin deixou Harrenhal e marcha para oeste com todo o seu poder.

— Erguei-vos — disse a Rivers, franzindo o sobrolho. Stannis Baratheon pôr-se-ia também em marcha em breve, que os deuses os ajudassem a todos. — Temos quanto tempo até que o Lorde Tywin caia sobre nós?

— Três dias, talvez quatro; é difícil saber. Temos olhos colocados ao longo de todas as estradas, mas seria melhor não nos demorarmos.

E não demoraram. Rivers desmontou o acampamento rapidamente, subiu para a sela ao lado de Catelyn, e voltaram a partir, agora com quase cinquenta homens, voando sob o lobo gigante, a truta saltante, as torres gémeas.

Os homens dela queriam ouvir mais acerca da vitória de Robb em Cruzaboi, e Rivers fez-lhes a vontade.

— Há um cantor que veio para Correrrio, chama a si próprio Rymund, o Rimante, e fez uma canção sobre a batalha. Sem dúvida que a ouvireis cantada esta noite, senhora. “Lobo na Noite”, é como este Rymund lhe chama. — E prosseguiu, contando como os restos da hoste de Sor Stafford retiraram para Lannisporto. Sem máquinas de cerco, não havia forma de assaltar Rochedo Casterly, e o Jovem Lobo andava a pagar aos Lannister na mesma moeda a devastação que aqueles haviam infligido às terras fluviais. Os Lordes Karstark e Glover faziam investidas ao longo da costa, a Senhora Mormont capturara milhares de cabeças de gado e conduzia-as de volta para Correrrio, ao passo que o Grande-Jon apossara-se das minas de ouro em Castamere, Abismo de Nunn e nos Montes Pendric. Sor Wendel soltou uma gargalhada.

— Não há nada mais capaz de pôr um Lannister a correr do que uma ameaça ao seu ouro.

— Como foi que o rei tomou o Dente? — perguntou Sor Perwyn Frey

ao irmão bastardo. — Essa fortaleza é dura e forte, e domina a estrada de montanha.

— Não chegou a tomá-lo. Esgueirou-se em torno dele durante a noite. Diz-se que foi o lobo gigante que lhe indicou o caminho, aquele seu Vento Cinzento. O animal farejou um trilho de cabras que serpenteava por um desfiladeiro e à sombra de uma cumeada, um caminho torto e pedregoso, mas suficientemente largo para uma fila de homens a cavalo. Os Lannister, nas suas torres de vigia, nem de relance os viram. — Rivers baixou a voz. — Há quem diga que, depois da batalha, o rei arrancou o coração de Stafford Lannister e o deu a comer ao lobo.

— Eu não acreditaria em tais histórias — disse Catelyn em tom penetrante. — O meu filho não é nenhum selvagem.

— É como dizeis, senhora. Em todo o caso, não é mais do que o animal merecia. Aquilo não é nenhum lobo comum. Houve quem ouvisse o Grande-Jon dizer que os velhos deuses do Norte enviaram aqueles lobos gigantes aos vossos filhos.

Catelyn lembrou-se do dia em que os seus rapazes tinham encontrado os lobitos nas neves do fim do Verão. Houvera cinco, três machos e duas fêmeas, para os cinco filhos legítimos da Casa Stark... e um sexto, de pêlo branco e olhos vermelhos, para o filho bastardo de Ned, Jon Snow. *Não são lobos comuns, pensou. Deveras que não.*

Naquela noite, enquanto montavam o acampamento, Brienne procurou a tenda de Catelyn.

— Senhora, estais agora de volta, a salvo entre os vossos, a um dia de viagem do castelo do vosso irmão. Dai-me licença para partir.

Catelyn não se devia ter sentido surpreendida. A modesta jovem mantivera-se metida consigo ao longo de toda a viagem, passando a maior parte do tempo com os cavalos, escovando-lhes o pêlo e tirando-lhes pedras das ferraduras. Ajudara também Shadd a cozinhar e a limpar a caça, e rapidamente provara que era capaz de caçar tão bem como qualquer dos homens. Qualquer tarefa que Catelyn lhe pedisse para dar uma ajuda, Brienne cumpria com habilidade e sem queixas, e quando falavam com ela, respondia educadamente, mas nunca tagarelava, nem chorava, nem ria. Cavalgara com eles todos os dias e dormira entre eles todas as noites sem nunca se tornar verdadeiramente parte do grupo.

*Era a mesma coisa quando estava com Renly, pensou Catelyn. No banquete, no corpo a corpo, até no pavilhão de Renly com os irmãos da Guarda Arco-Íris. Há muralhas em volta desta rapariga que são mais altas do que as de Winterfell.*

— Se nos deixardes, para onde ireis? — perguntou-lhe Catelyn.

— Regressarei — disse Brienne. — Para Ponta Tempestade.

— Sozinha. — Não era uma pergunta.

A cara larga era uma lagoa de águas paradas, sem revelar nenhum indício do que poderia viver nas profundezas.

— Sim.

— Tencionais matar Stannis.

Brienne fechou os dedos grossos e cheios de calos em volta do cabo da espada. A espada que fora dele.

— Fiz um juramento. Jurei-o três vezes. Vós ouvistes-me.

— Ouvi — admitiu Catelyn. Sabia que a rapariga ficara com o manto arco-íris quando se desfizera do resto das suas roupas manchadas de sangue. Os pertences de Brienne tinham sido deixados para trás durante a fuga, e ela fora forçada a vestir-se com peças desirmanadas do traje suplementar de Sor Wendel, visto que nenhum outro membro do grupo tinha roupas suficientemente grandes para ela. — Os juramentos devem ser mantidos, concordo, mas Stannis tem uma grande hoste em seu redor, e os seus próprios guardas que juraram mantê-lo a salvo.

— Não temo os seus guardas. Sou tão boa como qualquer deles. Nunca devia ter fugido.

— É isso o que vos perturba, que algum idiota vos possa chamar co-barde? — Suspirou. — A morte de Renly não foi culpa vossa. Serviste-lo valentemente, mas quando procurais segui-lo na morte, não servis ninguém. — Estendeu uma mão, para dar o conforto que um toque podia dar. — Eu sei como é duro. . .

Brienne afastou a mão da dela.

— Ninguém sabe.

— Enganais-vos — disse Catelyn numa voz penetrante. — Todas as manhãs, quando acordo, lembro-me de que Ned partiu. Não tenho perícia com armas, mas isso não quer dizer que não sonhe em ir a cavalo até Porto Real, enrolar as mãos em volta da garganta branca de Cersei Lannister e apertá-la até que a cara dela fique preta.

A Beleza ergueu os olhos, a única parte dela que era realmente bela.

— Se sonhais com isso, porque procurais reter-me? É por causa do que Stannis disse na conferência?

*Será?* Catelyn deitou um relance ao acampamento. Dois homens patrulhavam, de sentinela, de lanças na mão.

— Ensinaaram-me que os homens bons devem lutar contra o mal neste mundo, e a morte de Renly foi maligna, para lá de qualquer dúvida. Mas também me ensinaram que são os deuses a escolher os reis, não as espadas dos homens. Se Stannis for o nosso legítimo rei. . .

— Não é. Robert também nunca foi o rei legítimo, até Renly o disse. Jaime Lannister *assassinou* o rei legítimo, depois de Robert ter matado o seu

legítimo herdeiro no Tridente. Onde estavam então os deuses? Os deuses não se importam mais com os homens do que os reis se importam com os camponeses.

— Um bom rei importa-se.

— O Lorde Renly... Sua Graça, ele... ele teria sido o *melhor* dos reis, senhora, ele era tão bom, ele...

— Ele morreu, Brienne — disse Catelyn, tão gentilmente como podia. — Restam Stannis e Joffrey... bem como o meu filho.

— Ele não... vós nunca faríeis a *paz* com Stannis, pois não? Dobrar o joelho? Vós não o faríeis...

— Vou dizer-vos a verdade, Brienne. Não sei. O meu filho pode ser um rei, mas eu não sou nenhuma rainha... sou apenas uma mãe que quer manter os filhos a salvo de todas as maneiras que puder.

— Não fui feita para ser mãe. Tenho de lutar.

— Então lutei... mas pelos vivos, não pelos mortos. Os inimigos de Renly são também inimigos de Robb.

Brienne fitou o chão e arrastou os pés.

— Eu não conheço o vosso filho, senhora. — Ergueu o olhar. — Podia servir-vos a vós. Se me aceitásseis.

Catelyn ficou surpreendida.

— Porquê a mim?

A pergunta pareceu perturbar Brienne.

— Ajudastes-me. No pavilhão... quando eles pensaram que eu tinha... que eu tinha...

— Éreis inocente.

— Mesmo assim, não era vossa obrigação fazer o que fizestes. Podíeis ter deixado que me matassem. Eu não vos era nada.

*Talvez não quisesse ser a única a conhecer a negra verdade do que aconteceu ali,* pensou Catelyn.

— Brienne, tomei muitas senhoras bem-nascidas ao meu serviço ao longo dos anos, mas nunca nenhuma como vós. Não sou comandante de batalha.

— Não, mas possúis coragem. Talvez não a coragem de batalha, mas... não sei... um tipo de coragem de *mulher*. E eu penso que, quando a altura chegar, não ireis tentar reter-me. Fazei-me essa promessa. Que não me impedireis de chegar até Stannis.

Catelyn ainda era capaz de ouvir Stannis a dizer que também a vez de Robb chegaria, a seu tempo. Era como um hálito frio a soprar-lhe na nuca.

— Quando a altura chegar, não vos impedirei de chegar até Stannis.

A rapariga alta ajoelhou-se desajeitadamente, desembainhou a espada de Renly e depositou-a aos pés de Catelyn.



— Então sou vossa, minha senhora. Vosso vassalo, ou... o que quer que desejardes que seja. Guardarei as vossas costas, aconselhar-vos-ei e darei a vida pela vossa, se for necessário. Juro pelos deuses, velhos e novos.

— E eu juro que tereis sempre um lugar à minha lareira e comida e bebida à minha mesa, e prometo não vos pedir qualquer serviço que vos possa trazer desonra. Juro pelos deuses, velhos e novos. Erguei-vos. — Enquanto apertava as mãos da outra mulher entre as suas, Catelyn não conseguiu evitar sorrir. *Quantas vezes assistiu enquanto Ned aceitava um juramento de fidelidade de um homem?* Gostaria de saber o que ele pensaria se pudesse vê-la agora.

Vadearam o Ramo Vermelho ao fim do dia seguinte, a montante de Correrrio, onde o rio fazia uma ampla curva e as águas se tornavam lamenças e pouco profundas. A travessia era guardada por uma força mista de arqueiros e piqueiros com o símbolo da águia dos Mallister. Quando viram os estandartes de Catelyn, emergiram de detrás das suas estacas afiadas e mandaram um homem da outra margem mostrar o caminho ao seu grupo.

— Devagar e com cuidado, senhora — preveniu enquanto agarrava o freio do seu cavalo. — Plantámos espigões de ferro debaixo de água, estais a ver, e há estrepes espalhadas entre aquelas rochas ali. É a mesma coisa em todos os vaus, segundo as ordens do vosso irmão.

*Edmure planeia lutar aqui.* Compreender aquele facto deixou-lhe uma sensação de náusea nas entranhas, mas segurou a língua.

Entre o Ramo Vermelho e o Pedregoso, juntaram-se a uma corrente de povo que se dirigia à segurança de Correrrio. Alguns conduziam animais à sua frente, outros puxavam carros, mas abriram caminho à passagem de Catelyn, saudando-a com gritos de “Tully!” ou “Stark!” A meia milha do castelo, atravessou um grande acampamento onde o estandarte escarlate dos Blackwood ondulava sobre a tenda do senhor. Lucas afastou-se aí do grupo, a fim de procurar o pai, Lorde Tytos. Os outros prosseguiram.

Catelyn vislumbrou um segundo acampamento, disposto ao longo da margem norte do Pedregoso, com estandartes familiares a adejar ao vento... a donzela dançante de Marq Piper, o homem com charrua de Darry, as serpentes sinuosas dos Paege, de vermelho e branco. Eram todos vassalos do pai, senhores do Tridente. A maioria tinha deixado Correrrio antes dela, a fim de defender as suas terras. Se estavam de novo ali, isso só poderia querer dizer que Edmure os chamara de volta. *Que os deuses nos salvem, é verdade, ele tenciona dar batalha ao Lorde Tywin.*

Catelyn viu à distância que havia algo escuro a oscilar contra as muralhas de Correrrio. Quando se aproximou, viu mortos que pendiam das ameias, presos nas pontas de longas cordas por laços de cânhamo bem

apertados em volta dos seus pescoços, com as caras inchadas e negras. Os corvos já se tinham alimentado, mas os mantos carmim ainda se realçavam bem contra as muralhas de arenito.

— Enforcaram alguns Lannister — observou Hal Mollen.

— Uma bela visão — disse alegremente Sor Wendel Manderly.

— Os nossos amigos começaram sem nós — gracejou Perwyn Frey. Os outros riram, todos menos Brienne, que fitou sem pestanejar a fileira de cadáveres e nem falou, nem sorriu.

*Se mataram o Regicida, então as minhas filhas estão também mortas.* Catelyn esporeou o cavalo até um meio galope. Hal Mollen e Robin Flint passaram por ela a galope, lançando saudações para a casa do portão. Os guardas nas muralhas tinham sem dúvida visto as bandeiras havia algum tempo, pois a porta levadiça estava içada quando se aproximaram.

Edmure saiu a cavalo do castelo ao seu encontro, rodeado por três dos homens ajuramentados ao pai — o muito barrigudo Sor Desmond Grell, o mestre-de-armas, Utherydes Wayn, o intendente, e Sor Robin Ryger, o grande e calvo capitão da guarda de Correrrio. Todos eram da idade de Lorde Hoster, homens que tinham passado as vidas ao serviço do pai. *Velhos*, compreendeu Catelyn.

Edmure usava um manto azul e vermelho por cima de uma túnica com peixes dourados bordados. Ajuizando pelo aspecto, não se barbeara desde que ela partira para sul; a barba era um matagal da cor do fogo.

— Cat, é bom ter-te de volta em segurança. Quando ouvimos a notícia da morte de Renly, tememos pela tua vida. E o Lorde Tywin também se pôs em marcha.

— Já me disseram. Como passa o nosso pai?

— Um dia parece mais forte, no seguinte... — Abanou a cabeça. — Perguntou por ti. Não soube o que lhe dizer.

— Irei ter com ele em breve — prometeu. — Há alguma notícia de Ponta Tempestade desde a morte de Renly? Ou de Pontamarga? — Os corvos não chegavam aos viajantes, e Catelyn sentia-se ansiosa por saber o que acontecera nas suas costas.

— Nada de Pontamarga. De Ponta Tempestade, chegaram três corvos do castelão, Sor Cortnay Penrose, transportando todos o mesmo apelo. Stannis tem-no cercado por terra e mar. Oferece a sua fidelidade a qualquer rei que quebre o cerco. Diz que teme pelo rapaz. Sabes que rapaz será esse?

— Edric Storm — disse-lhes Brienne. — O filho bastardo de Robert.

Edmure olhou-a com curiosidade.

— Stannis jurou que a guarnição podia partir em liberdade e sem ser molestada, desde que lhe entregasse o castelo antes de passada uma quinzena e lhe pusesse o rapaz nas mãos, mas Sor Cortnay não quer consentir.

*Arrisca tudo por um rapaz ilegítimo, cujo sangue nem sequer é o seu*, pensou Catelyn.

— Enviaste-lhe alguma resposta?

Edmure abanou a cabeça.

— Para quê, se nem temos ajuda nem esperança a oferecer? E Stannis não é nosso inimigo.

Sor Robin Ryger interveio.

— Senhora, podeis contar-nos o modo como o Lorde Renly morreu? As histórias que ouvimos têm sido estranhas.

— Cat — disse o irmão —, alguns dizem que foste *tu* quem matou Renly. Outros afirmam que terá sido alguma mulher do Sul. — O seu olhar pousou sobre Brienne.

— O meu rei foi assassinado — disse a rapariga em voz baixa — e não às mãos da Senhora Catelyn. Juro-o pela minha espada, pelos deuses, antigos e novos.

— Esta é Brienne de Tarth, filha de Lorde Delwyn, a Estrela da Tarde, que servia na Guarda Arco-Íris de Renly — disse-lhes Catelyn. — Brienne, tenho a honra de vos apresentar ao meu irmão, Sor Edmure Tully, herdeiro de Correrrio. O seu intendente, Utherydes Wayn. Sor Robin Ryger e Sor Desmond Grell.

— A honra é minha — disse Sor Desmond. Os outros repetiram as mesmas palavras. A rapariga corou, embaraçada até com aquela cortesia comum. Se Edmure a achara uma curiosa senhora, pelo menos teve a atenção de não o dizer.

— Brienne estava com Renly quando ele foi morto, tal como eu — disse Catelyn — mas não desempenhámos nenhum papel na sua morte. — Não queria falar da sombra, ali ao ar livre com homens a toda a volta, e indicou os cadáveres com uma mão. — Quem são aqueles homens que enforcaste?

Edmure lançou um relance desconfortável para cima.

— Vieram com Sor Cleos quando trouxe a resposta da rainha à nossa oferta de paz.

Catelyn ficou chocada.

— Mataste *enviados*?

— Falsos enviados — declarou Edmure. — Fizeram-me promessa de paz e entregaram as armas, e eu concedi-lhes liberdade de castelo, e durante três noites comeram da minha comida e beberam da minha bebida enquanto eu conversava com Sor Cleos. Na quarta noite, tentaram libertar o Regicida. — Apontou para cima. — Aquele grande brutamontes matou dois guardas apenas com aquelas suas mãos de presunto, agarrou-lhes nas gargantas e esmagou-lhes os crânios um de encontro ao outro, enquanto

o rapaz magricela que está ao seu lado abria a cela do Lannister com um bocado de arame, que os deuses o amaldiçoem. Aquele da ponta era algum maldito tipo de pantomimeiro. Usou a minha voz para ordenar que o Portão do Rio fosse aberto. É o que os guardas juram, Enger, Delp e o Lew Comprido, todos os três. Se queres que te diga, o homem não soava nada parecido comigo, e no entanto os palermas estavam a içar a porta levadiça na mesma.

Catelyn suspeitava que aquilo devia ser trabalho do Duende; fedia ao mesmo tipo de astúcia que ele exibira no Ninho de Águia. Em tempos teria indicado Tyrion como o menos perigoso dos Lannister. Agora não tinha tanta certeza.

— Como foi que os apanhaste?

— Ah, aconteceu que não estava no castelo. Tinha atravessado o Pedregoso para, ah...

— Tinhas ido às prostitutas ou às raparigas. Continua a história.

O rosto de Edmure ficou tão vermelho como a sua barba.

— Foi na hora antes da alvorada, e eu só então regressava. Quando o Lew Comprido viu o meu barco e me reconheceu, finalmente perguntou a si próprio quem estaria lá em baixo a ladrar ordens e deu o alerta.

— Diz-me que o Regicida foi recapturado.

— Sim, embora não com facilidade. Jaime arranjou uma espada, matou Poul Pempford e o escudeiro de Sor Desmond, Myles, e feriu Delp com tanta gravidade que o Mestre Wyman teme que venha também a morrer em breve. Foi uma sangrenta confusão. Ao som do aço, alguns dos outros homens de mantos vermelhos apressaram-se a juntar-se-lhes, com as mãos vazias ou não. Enforquei esses ao lado dos quatro que o libertaram e atirei o resto para as masmorras. Jaime também. Esse não tentará mais fugir. Desta vez está lá em baixo, no escuro, acorrentado de mãos e pés e preso à parede.

— E Cleos Frey?

— Jura que nada sabia do esquema. Quem poderá saber? O homem é meio Lannister, meio Frey e completamente mentiroso. Pu-lo na antiga cela de torre de Jaime.

— Disseste que ele trouxe termos de paz?

— Se é que se lhes pode chamar tal coisa. Garanto que não te agradarão mais do que a mim.

— Não podemos esperar ajuda do Sul, Senhora Stark? — perguntou Utherydes Wayn, intendente do pai. — Esta acusação de incesto... o Lorde Tywin não aceita desfeitas dessas com ligeireza. Ele irá procurar lavar a mancha do nome da filha com o sangue do acusador, Lorde Stannis deve ver isso. Não tem escolha que não seja fazer causa comum connosco.

*Stannis fez causa comum com um poder maior e mais escuro.*

— Falemos desses assuntos mais tarde. — Catelyn passou sobre a ponte levadiça a trote, deixando para trás a macabra fileira de mortos Lannister. O irmão acompanhou-a. Enquanto penetravam na azáfama do interior da muralha de Correrrio, uma criança pequena e nua correu para diante dos cavalos. Catelyn puxou as rédeas com força a fim de a evitar, olhando em volta, consternada. Centenas de plebeus tinham sido admitidos no castelo e tinha-lhes sido permitido erigir rudes abrigos junto às muralhas. Os seus filhos andavam por todo o lado, e o pátio encontrava-se repleto das suas vacas, ovelhas e galinhas. — Quem é toda esta gente?

— O meu povo — respondeu Edmure. — Estavam com medo.

*Só o meu querido irmão aglomeraria todas aquelas bocas inúteis num castelo que pode estar em breve sob cerco.* Catelyn sabia que Edmure possuía um coração mole; por vezes pensava que a sua cabeça o era ainda mais. Amava-o por isso, mas mesmo assim...

— Robb pode ser contactado por um corvo?

— Encontra-se em campo, senhora — respondeu Sor Edmund. — A ave não teria maneira de o encontrar.

Utherydes Wayn tossicou.

— Antes de nos deixar, o jovem rei deixou-nos instruções para vos enviar para as Gémeas quando regressásseis, Senhora Stark. Pede-vos que saibais mais sobre as filhas de Lorde Walder, a fim de o ajudardes a seleccionar a sua noiva quando essa altura chegar.

— Fornecer-te-emos montadas frescas e provisões — prometeu o irmão. — Quererás refrescar-te antes...

— Eu vou querer ficar — disse Catelyn, desmontando. Não tinha qualquer intenção de abandonar Correrrio e o pai moribundo para escolher a noiva de Robb em seu lugar. *Robb quer ver-me em segurança, não posso zangar-me com ele por isso, mas o pretexto está a ficar gasto.* — Rapaz — chamou, e um garoto dos estábulos correu a pegar nas rédeas do seu cavalo.

Edmure saltou da sela. Era uma cabeça mais alto do que ela, mas seria sempre o seu irmão mais pequeno.

— Cat — disse, com um ar infeliz —, o Lorde Tywin vem a caminho...

— Ele dirige-se para oeste, a fim de defender as suas terras. Se fecharmos os portões e nos abrigarmos atrás das muralhas, podemos vê-lo passar em segurança.

— Isto são terras Tully — declarou Edmure. — Se Tywin Lannister pensa cruzá-las sem verter sangue, tenciono ensinar-lhe dura lição.

*A mesma lição que ensinaste ao seu filho?* O irmão podia ser teimoso como as pedras do rio quando sentia o orgulho tocado, mas nenhum dos

dois iria esquecer-se do modo como Sor Jaime cortara a hoste de Sor Edmure em bocados sangrentos da última vez que oferecera batalha.

— Nada temos a ganhar e tudo temos a perder em enfrentar Lorde Tywin no campo de batalha — disse Catelyn, com tacto.

— O pátio não é sítio para discutir os meus planos de batalha.

— Como quiseres. Para onde vamos?

O rosto do irmão escureceu. Por um momento, Catelyn pensou que ele estava prestes a perder a calma com ela, mas por fim exclamou:

— O bosque sagrado. Se insistires.

Ela seguiu-o por uma galeria até ao portão do bosque sagrado. A ira de Edmure sempre fora uma coisa carrancuda e rabugenta. Catelyn lamentava tê-lo ferido, mas o assunto era demasiado importante para se preocupar com o seu orgulho. Quando ficaram sós sob as árvores, Edmure virou-se para encará-la.

— Não tens força suficiente para enfrentar os Lannister no campo de batalha — disse ela sem rodeios.

— Quando todas as minhas forças estiverem reunidas, deverei ter oito mil homens de infantaria e três mil de cavalaria — disse Edmure.

— O que quer dizer que Lorde Tywin terá quase o dobro dos teus homens.

— Robb venceu as suas batalhas contra vantagens maiores — replicou Edmure — e eu tenho um plano. Esqueceste-te de Roose Bolton. O Lorde Tywin derrotou-o no Ramo Verde, mas não o perseguiu. Quando o Lorde Tywin foi para Harrenhal, Bolton tomou o vau rubi e a encruzilhada. Tem dez mil homens. Mandei uma mensagem a Helman Tallhard para que se lhe junte com a guarnição que Robb deixou nas Gémeas...

— Edmure, Robb deixou esses homens para *defender* as Gémeas e assegurar-se de que o Lorde Walder permanece do nosso lado.

— Permaneceu — disse teimosamente Edmure. — Os Frey lutaram bravamente no Bosque dos Murmúrios, e o velho Sor Stevron morreu em Cruzaboi, segundo ouvimos dizer. Sor Ryman, o Walder Negro e os outros estão com Robb no Oeste, Martyn tem sido de grande utilidade com os batedores, e Sor Perwyn ajudou-te a chegar a salvo até Renly. Pela bondade dos deuses, que mais podemos pedir-lhes? Robb está prometido a uma das filhas de Lorde Walder e Roose Bolton casou com outra, segundo ouvi dizer. E não recebeste dois dos seus netos para serem criados em Winterfell?

— Um protegido pode facilmente ser transformado em refém, se a necessidade surgir. — Ela não soubera que Sor Stevron estava morto, nem do casamento de Bolton.

— Se estamos com vantagem de dois reféns, mais motivo é para que Lorde Walder não nos atraia. Bolton necessita dos homens dos Frey e

também dos de Sor Helman. Ordenei-lhes que retomassem Harrenhal.

— Isso é provável que se torne numa coisa sangrenta.

— Sim, mas uma vez que o castelo caia, o Lorde Tywin não terá retirada segura. Os meus recrutas defenderão os vaus do Ramo Vermelho contra a sua travessia. Se atacar através do rio, acabará como Rhaegar quando tentou atravessar o Tridente. Se não, ficará apanhado entre Correrrio e Harrenhal, e quando Robb regressar do Oeste, podemos acabar com ele de uma vez por todas.

A voz do irmão estava cheia de uma confiança brusca, mas Catelyn deu por si a desejar que Robb não tivesse levado consigo para Oeste o tio Brynden. O Peixe Negro era veterano de meia centena de batalhas; Edmure era veterano de uma, e essa perdera.

— O plano é bom — concluiu ele. — O Lorde Tytos afirma-o, e o Lorde Jonos também. Quando foi que Blackwood e Bracken concordaram com *qualquer coisa* que não fosse certa, pergunto eu?

— Seja como for. — Ficou subitamente cansada. Talvez estivesse errada em opor-se-lhe. Talvez aquele plano fosse magnífico e os seus pressentimentos não passassem dos temores de uma mulher. Desejou que Ned ali estivesse, ou o tio Brynden, ou... — Consultaste o pai acerca disto?

— O pai não está em estado de pesar estratégias. Há dois dias fazia planos para o teu casamento com Brandon Stark! Vai vê-lo tu, se não acreditadas em mim. Este plano resultará, Cat, verás.

— Espero que sim, Edmure. De verdade. — Beijou-o na cara para que ele soubesse que falava a sério, e foi ter com o pai.

O Lorde Hoster Tully encontrava-se num estado muito semelhante àquele em que o deixara — acamado, macilento, com a pele pálida e húmida. O quarto cheirava a doença, um odor nauseante feito de partes iguais de suor cediço e de remédios. Quando abriu as cortinas, o pai soltou um pequeno gemido e entreabriu os olhos. Fitou-a como se não conseguisse compreender quem ela era ou o que queria.

— Pai. — Beijou-o. — Regressei.

Então pareceu reconhecê-la.

— Vieste — sussurrou de forma ténue, quase sem mover os lábios.

— Sim — disse ela. — Robb enviou-me para sul, mas apressei-me a voltar.

— Sul... onde... o Ninho de Águia fica para sul, querida? Não me lembro... oh, querido coração, tive medo... perdoaste-me, filha? — Lágrimas correram-lhe pela cara.

— Nada fizestes que necessite de perdão, pai. — Catelyn afagou o cabelo branco e sem energia do pai e pôs-lhe a mão na testa. A febre ainda o queimava por dentro, apesar de todas as poções do Mestre.

— Foi o melhor — sussurrou o pai. — Jon é um bom homem, bom... forte, bondoso... tomará conta de ti... tomará... e bem-nascido, escuta-me, tens de escutar-me, sou teu pai... teu pai, casarás quando a Cat casar, *sim senhora*...

*Ele pensa que sou Lysa*, compreendeu Catelyn. *Que os deuses sejam bons, ele fala como se ainda não estivéssemos casadas.*

As mãos do pai agarraram-se às dela, tremendo como duas aves brancas e assustadas.

— Aquele rapazola... maldito rapaz... não pronuncies o seu nome na minha presença, o teu dever... a tua mãe, ela teria... — O Lorde Hoster gritou quando um espasmo de dor o subjugou. — Oh, deuses, perdoai-me, perdoai-me, *perdoai-me*. O meu remédio...

E então o Mestre Vyman estava ali, erguendo uma taça contra os seus lábios. O Lorde Hoster sugou a poção espessa e branca com a avidez de um bebé num seio, e Catelyn viu a paz cair de novo sobre ele.

— Ele irá agora dormir, senhora — disse o Mestre quando a taça ficou vazia. O leite da papoila deixara uma espessa película branca em torno da boca do pai. O Mestre Vyman limpou-a com uma manga.

Catelyn não foi capaz de ver mais. Hoster Tully fora um homem forte e orgulhoso. Doía-lhe vê-lo assim reduzido àquilo. Saiu para a varanda. O pátio, em baixo, estava repleto de refugiados e caótico com o ruído que faziam, mas para lá das muralhas os rios fluíam limpos, puros e sem fim. *Estes são os seus rios, e em breve regressará a eles, para a sua última viagem.*

O Mestre Wyman tinha-a seguido até ao exterior.

— Senhora — disse em voz baixa —, não posso continuar muito mais tempo a afastar o fim. Devíamos mandar um cavaleiro em busca do irmão. Sor Brynden gostaria de estar aqui.

— Sim — disse Catelyn, com a voz carregada de desgosto.

— E a Senhora Lysa também, talvez?

— Lysa não virá.

— Se lhe escrevésseis em pessoa, talvez...

— Porei algumas palavras num papel, se isso vos agrada. — Perguntou a si própria quem teria sido o “maldito rapazola” de Lysa. Algum jovem escudeiro ou pequeno cavaleiro, provavelmente... se bem que pela veemência com que Lorde Hoster se lhe opusera, pudesse ter sido um filho de um mercador ou um aprendiz bastardo, ou até um cantor. Lysa sempre gostara demasiado de cantores. *Não posso culpá-la. Jon Arryn era vinte anos mais velho do que o nosso pai, por mais nobre que fosse.*

A torre que o irmão pusera de parte para o seu uso era a mesma que ela e Lysa haviam partilhado enquanto donzelas. Seria bom voltar a dormir



numa cama de penas, com um fogo quente na lareira; quando estivesse descansada, o mundo parecia menos ermo.

Mas à porta dos seus aposentos, encontrou Utherydes Wayn à espera, na companhia de duas mulheres vestidas de cinzento, com as caras escondidas por capuzes deixando apenas os olhos à vista. Catelyn soube imediatamente por que motivo ali se encontravam.

— *Ned?*

As irmãs baixaram os olhos. Utherydes disse:

— Sor Cleos trouxe-o de Porto Real, senhora.

— Levai-me até ele — ordenou.

Tinham-no deitado numa mesa de montar e haviam-no coberto com um estandarte, o estandarte branco da Casa Stark com o seu símbolo do lobo gigante cinzento.

— Quero olhar para ele — disse Catelyn.

— Só restam os ossos, senhora.

— Quero olhar para ele — repetiu.

Uma das irmãs silenciosas puxou o estandarte para baixo.

Ossos, pensou Catelyn. *Isto não é Ned, não é o homem que amei, o pai dos meus filhos.* As mãos dele estavam apertadas sobre o peito, com dedos esqueléticos dobrados em torno do cabo de uma espada longa qualquer, mas não eram as mãos de Ned, tão fortes e cheias de vida. Tinham vestido os ossos com a túnica de Ned, o veludo branco e fino com o símbolo do lobo gigante sobre o coração, mas nada restava da carne quente que servira tantas noites de almofada à sua cabeça, dos braços que a tinham abraçado. A cabeça fora reunida ao corpo com fino fio de prata, mas um crânio é muito semelhante aos outros, e naquelas órbitas vazias não viu sinal dos olhos cinzentos-escuros do seu senhor, olhos que podiam ser suaves como nevoeiro ou duros como pedra. *Deram os seus olhos aos corvos,* recordou.

Catelyn virou a cara.

— Aquela não é a sua espada.

— Gelo não nos foi devolvida, senhora — disse Utherydes. — Só os ossos de Lorde Eddard.

— Suponho que deva agradecer à rainha até por isso.

— Agradecei ao Duende, senhora. Foi obra dele.

*Um dia agradecer-lhes-ei a todos.*

— Estou grata pelos vossos serviços, irmãs — disse Catelyn — mas devo atribuir-vos outra tarefa. O Lorde Eddard era um Stark, e os seus ossos devem ser postos em repouso sob Winterfell. — *Farão uma estátua dele, um retrato de pedra que se sentará no escuro com um lobo gigante aos pés e uma espada pousada nos joelhos.* — Assegurai-vos de que as irmãs tenham cavalos frescos, e qualquer outra coisa de que necessitem para a viagem — disse a

Utherydes Wayn. — Hal Mollen escoltá-las-á de regresso a Winterfell, é tarefa dele como capitão dos guardas. — Desceu os olhos para os ossos que eram tudo o que restava do seu senhor e amor. — Deixai-me agora, todos vós. Desejo ficar só com Ned esta noite.

As mulheres de cinzento inclinaram as cabeças. *As irmãs silenciosas não falam com os vivos, recordou Catelyn, entorpecida, mas há quem diga que são capazes de falar com os mortos.* E como invejava esse poder...

As cortinas mantinham afastada a poeira e o calor das ruas, mas não conseguiam afastar o desapontamento. Dany subiu para o palanquim cansada, grata por aquele refúgio contra o mar de olhos qartenos.

— Abram alas —, gritou Jhogo à multidão de cima do cavalo, fazendo estalar o chicote —, abram alas, abram alas para a Mãe de Dragões.

Reclinado em frescas almofadas de cetim, Xaro Xhoan Daxos despejou vinho da cor de rubi em cálices iguais de jade e ouro, com mãos seguras e firmes, apesar do balanço do palanquim.

— Vejo uma profunda tristeza escrita no vosso rosto, minha luz do amor. — Ofereceu-lhe um cálice. — Poderá ser a tristeza de um sonho perdido?

— De um sonho adiado, não mais do que isso. — O apertado colar de prata de Dany estava a irritar-lhe a garganta. Desprende-o e atirou-o para o lado. O colar tinha incrustada uma ametista encantada que Xaro jurava que a protegeria contra todos os venenos. Os Puronatos eram notórios por oferecerem vinho envenenado àqueles que consideravam perigosos, mas não tinham dado a Dany nem sequer uma taça de água. *Nunca viram em mim uma rainha*, pensou amargamente. *Fui apenas o divertimento de uma tarde, uma rapariga dos cavalos com um curioso animal de estimação.*

Rhaegal silvou e enterrou garras negras e aguçadas no seu ombro nu quando Dany estendeu uma mão para aceitar o vinho. Crispando-se, ela mudou-o para o outro ombro, onde podia espetar as garras no vestido em vez de na pele. Dany vestia à moda qartena. Xaro prevenira-a de que os Entronizados nunca escutariam uma dothraki, e ela tivera o cuidado de ir à sua presença vestida de samito verde solto com um seio desnudado, de sandálias prateadas nos pés, com um cinto de pérolas pretas e brancas em volta da cintura. *Por toda a ajuda que me ofereceram, bem podia ter ido nua. Talvez devesse tê-lo feito.* Bebeu um profundo trago de vinho.

Descendentes dos antigos reis e rainhas de Qarth, os Puronatos comandavam a Guarda Cívica e a frota de ornamentadas galés que dominavam os estreitos entre os mares. Daenerys Targaryen desejara aquela frota, ou parte dela, e também alguns dos seus soldados. Fizera o tradicional sacrifício no Templo da Memória, oferecera o tradicional suborno ao Guardião da Longa Lista, enviara o tradicional diospiro ao Abridor da Porta, e

por fim recebera os tradicionais chinelos de seda azul convocando-a para comparecer no Salão dos Mil Tronos.

Os Puronatos ouviram os seus apelos de cima dos grandes cadeirões de madeira dos seus ancestrais, que se erguiam em fileiras curvas do chão de mármore ao tecto em cúpula alta pintado com cenas da glória desaparecida de Qarth. Os cadeirões eram imensos, fantásticamente esculpidos, brilhando com trabalhos em ouro e guarnecidos de âmbar, ónix, lápis-lazúli e jade, todos diferentes de todos os outros, e cada um tentando ser mais fabuloso que os demais. Mas os homens que neles se sentavam pareciam tão apáticos e cansados do mundo que podiam ter estado a dormir. *Ouviram, mas não escutaram, nem se importaram, pensou. São deveras Homens de Leite. Nunca tencionaram ajudar-me. Vieram porque estavam curiosos. Vieram porque estavam aborrecidos, e o dragão no meu ombro interessou-lhes mais do que eu.*

— Contai-me as palavras dos Puronatos — sugeriu Xaro Xhoan Daxos. — Contai-me o que eles disseram para entristecer a rainha do meu coração.

— Disseram que não. — O vinho sabia a romãs e aos dias quentes do Verão. — Disseram-no com grande cortesia, com certeza, mas por baixo de todas as palavras amáveis, foi na mesma um não.

— Lisonjeaste-os?

— Desavergonhadamente.

— Chorastes?

— O sangue do dragão não chora — disse ela com irritação.

Xaro suspirou.

— Devíeis ter chorado. — Os qartenos choravam com frequência e facilidade; isso era visto como uma marca do homem civilizado. — E os homens que comprámos, o que disseram?

— Mathos não disse nada. Wendello elogiou o meu modo de falar. O Requentado recusou-me como os outros, mas depois chorou.

— É uma infelicidade que esse qarteno seja de tão pouca confiança. — O próprio Xaro não pertencia aos Puronatos, mas dissera-lhe quem subornar e quanto oferecer. — Chorai, chorai, pela deslealdade dos homens.

Dany mais depressa choraria pelo seu ouro. Os subornos que oferecera a Mathos Mallarawan, Wendello Qar Deeth e Egon Emeros, o Requentado, podiam ter-lhe servido para comprar um navio ou para contratar uma vintena de mercenários.

— Suponde que mando Sor Jorah exigir a devolução dos meus presentes? — perguntou.

— Suponde que um Homem Pesaroso vem ao meu palácio uma noite e vos mata enquanto dormis — disse Xaro. Os Homens Pesarosos eram uma antiga e sagrada guilda de assassinos, assim chamados porque sussur-

ravam sempre “lamento tanto” às vítimas antes de as matarem. Os qartenos não podiam ser acusados de não serem bem-educados. — Há quem diga, sabiamente, que é mais fácil ordenhar a Vaca de Pedra de Faros do que espremer ouro dos Puronatos.

Dany não sabia onde ficava Faros, mas parecia-lhe que Qarth estava cheia de vacas de pedra. Os príncipes mercadores, tornados extremamente ricos pelo comércio entre os mares, encontravam-se divididos em três facções invejosas: a Antiga Guilda das Especiarias, a Irmandade Turmalina, e os Treze, aos quais Xaro pertencia. Todas rivalizavam com as outras pelo domínio, e todas lutavam incessantemente com os Puronatos. E acima de todos havia os magos, com os seus lábios azuis e terríveis poderes, raramente vistos mas muito temidos.

Estaria perdida sem Xaro. O ouro que esbanjara para abrir as portas do Salão dos Mil Tronos era em boa medida produto da generosidade e esperteza rápida do mercador. Enquanto o rumor sobre dragões vivos se ia espalhando pelo Leste, cada vez mais curiosos tinham vindo saber se a história era verdadeira. . . e Xaro Xhoan Daxos assegurou-se de que tanto os grandes como os humildes oferecessem algum penhor à Mãe de Dragões.

O riacho que ele começara em breve inchava e se transformava numa inundação. Capitães mercantes traziam renda de Myr, arcas de açafão de Yi Ti, âmbar e vidro de dragão de Asshai. Mercadores ofereciam sacos de moedas, ourives anéis e colares. Tocadores de flauta tocavam para ela, acrobatas faziam acrobacias e malabaristas malabarismos, enquanto tintureiros a envolviam em cores que nunca soubera que existiam. Um par vindo de Jogos Nhai presenteou-a com um dos seus zebralos listados, pretos e brancos e ferozes. Uma viúva trouxe o cadáver do marido, coberto com uma crusta de folhas prateadas; acreditava-se que tais restos detinham grande poder, especialmente se o falecido tivesse sido um feiticeiro, como aquele fora. E a Irmandade Turmalina impôs-lhe uma coroa trabalhada na forma de um dragão de três cabeças; os anéis eram de ouro amarelo, as asas de prata, as cabeças esculpidas em jade, marfim e ónix.

A coroa era a única oferenda que guardara. O resto vendera, a fim de reunir a riqueza que desperdiçara nos Puronatos. Xaro quisera também vender a coroa — os Treze assegurar-se-iam de que tivesse outra muito melhor, jurara — mas Dany proibira-o.

— Viserys vendeu a coroa da minha mãe e os homens chamaram-lhe pedinte. Eu guardarei esta, para que os homens me chamem rainha. — E fora o que fizera, embora o peso lhe fizesse doer o pescoço.

*Mas mesmo coroada, sou ainda uma pedinte, pensou Dany. Tornei-me a mais esplêndida pedinte do mundo, mas uma pedinte na mesma. Detestava-o, tal como o irmão devia ter detestado. Todos aqueles anos a correr de cidade em*

*cidade um passo à frente das facas do Usurpador, suplicando a ajuda de arcontes, príncipes e magísteres, comprando a nossa comida com lisonjas. Deve ter sabido como troçavam dele. Pouco admira que tivesse ficado tão zangado e amargo. No fim, aquilo deixara-o louco. E far-me-á o mesmo, se eu deixar. Parte de si de nada gostaria mais do que de levar o seu povo de volta a Vaes Tolorro e fazer florescer a cidade morta. Não, isso é derrota. Tenho algo que Viserys nunca teve. Tenho os dragões. Os dragões fazem toda a diferença.*

Afagou Rhaegal. O dragão verde fechou os dentes em torno da base do polegar e mordeu-a com força. Lá fora, a grande cidade murmurava, tamborilava e fervilhava, com toda a sua miríade de vozes a fundir-se num som grave como a rebentação do mar.

— Abram alas, Homens de Leite, abram alas para a Mãe de Dragões — gritava Jhogo, e os qartenos afastavam-se, embora os bois talvez tivessem mais a ver com isso do que a voz dele. Através das cortinas oscilantes, Dany capturava vislumbres do dothraki escarranchado no seu garanhão cinzento. De tempos a tempos, dava a um dos bois um golpe com o chicote de cabo de prata que Dany lhe dera. Aggo montava guarda do outro lado, enquanto Rakharo cavalgava atrás da procissão, observando os rostos da multidão em busca de qualquer sinal de perigo. Naquele dia deixara Sor Jorah para trás, a fim de guardar os outros dragões; o cavaleiro exilado opusera-se àquela loucura desde o início. *Ele desconfia de toda a gente, reflectiu, e talvez com bons motivos.*

Quando Dany ergueu o cálice para beber, Rhaegal farejou o vinho e atirou a cabeça para trás, silvando.

— O vosso dragão tem um bom nariz. — Xaro limpou os lábios. — O vinho é ordinário. Diz-se que para lá do Mar de Jade fazem um vinho dourado tão bom que um gole faz com que todos os outros vinhos saibam a vinagre. Embarquemos na minha barca de prazer e partamos em busca dele, vós e eu.

— A Árvore faz o melhor vinho do mundo — declarou Dany. Lembra-se que o Lorde Redwyne lutara pelo pai contra o Usurpador, um dos poucos a permanecerem fiéis até ao último momento. *Lutará também por mim?* Não havia maneira de ter a certeza depois de tantos anos. — Vinde comigo para a Árvore, Xaro, e provareis as melhores colheitas da vossa vida. Mas teremos de ir num navio de guerra, não numa barca de prazer.

— Não possuo navios de guerra. A guerra é má para o comércio. Já vo-lo disse muitas vezes: Xaro Xhoan Daxos é um homem de paz.

*Xaro Xhoan Daxos é um homem de ouro, pensou ela, e o ouro servir-me-á para comprar todos os navios e espadas de que necessito.*

— Não vos pedi que pegueis numa espada, apenas que me empresteis os vossos navios.

Ele sorriu com modéstia.

— Navios mercantes, tenho alguns, é verdade. Quem saberá dizer quantos? Um pode estar a afundar-se neste preciso momento, nalgum canto tempestuoso do Mar do Verão. Amanhã, outro cairá presa de corsários. No dia seguinte, um dos meus capitães poderá olhar para as riquezas que transporta e pensar: *Tudo isto devia pertencer-me*. São estes os perigos do comércio. Ora, quanto mais tempo conversarmos, menos navios eu devo ter. Fico mais pobre a cada instante.

— Dai-me navios, e far-vos-ei de novo rico.

— Casai comigo, brilhante luz, e zarpai no navio do meu coração. Não consigo dormir à noite a pensar na vossa beleza.

Dany sorriu. As floridas afirmações de paixão de Xaro divertiam-na, mas os seus modos não coincidiam com as palavras. Enquanto Sor Jorah quase não conseguira manter os olhos afastados do seu seio nu quando a ajudara a subir para o palanquim, Xaro quase não se dignara a reparar nele, mesmo naquele confinamento apertado. E ela vira os lindos rapazes que rodeavam o príncipe mercador, adejando pelos salões do seu palácio enfiados em tufo de seda.

— Falais docemente, Xaro, mas sob as vossas palavras eu ouço mais um *não*.

— Esse Trono de Ferro de que falais parece horrivelmente frio e duro. Não consigo suportar a ideia de farpas irregulares a cortar a vossa querida pele. — As jóias no nariz de Xaro davam-lhe o aspecto de uma estranha ave cintilante. Os seus longos dedos elegantes fizeram um gesto de rejeição. — Deixai que seja este o vosso reino, ó mais requintada das rainhas, e deixai que seja eu o vosso rei. Dar-vos-ei um trono de ouro, se quiserdes. Quando Qarth começar a cansar-vos, podemos viajar em torno de Yi Ti, em busca da sonhadora cidade dos poetas, a fim de beber o vinho da sabedoria do crânio de um homem morto.

— Tenciono viajar para Westeros e beber o vinho da vingança do crânio do Usurpador. — Coçou Rhaegal por baixo de um olho, e as suas asas de verde-jade desenrolaram-se por um momento, agitando o ar parado do palanquim.

Uma única lágrima perfeita correu pela cara de Xaro Xhoran Daxos.

— Não haverá nada que vos afaste dessa loucura?

— Nada — disse ela, desejando ter tanta certeza como aparentava.

— Se cada um dos Treze me emprestasse dez navios...

— Teríeis cento e trinta navios sem tripulações que os governassem. A justiça da vossa causa nada significa para os homens comuns de Qarth. Porque haveriam os meus marinheiros de se preocupar com quem se senta no trono de um reino qualquer nos limites do mundo?

— Pagar-lhes-ei para que se preocupem.  
— Com que moedas, querida estrela do meu céu?  
— Com o ouro que trazem os que me procuram.  
— Podeis fazer isso — reconheceu Xaro — mas tanta preocupação custará cara. Tereis de lhes pagar muito mais do que eu pago, e toda a Qarth se ri da minha ruínosa generosidade.

— Se os Treze não quiserem ajudar, talvez deva pedir à Guilda das Especiarias ou à Irmandade Turmalina?

Xaro encolheu desinteressadamente os ombros.

— Não vos darão nada além de lisonjas e mentiras. Os da Guilda são hipócritas e fanfarrões e a Irmandade está cheia de piratas.

— Então terei de escutar Pyat Pree e ir ter com os magos.

O príncipe mercador ergueu o tronco em movimentos vivos.

— Pyat Pree tem lábios azuis, e diz-se com verdade que lábios azuis dizem apenas mentiras. Escutai a sabedoria daquele que vos ama. Os magos são criaturas amargas que comem poeira e bebem das sombras. Nada vos darão. Nada têm para dar.

— Não necessitaria de procurar a ajuda de feiticeiros se o meu amigo Xaro Xhoan Daxos me desse o que peço.

— Dei-vos a minha casa e o meu coração, será que nada significam para vós? Dei-vos perfume e romãs, macacos acrobáticos e cobras cuspidoras, pergaminhos da perdida Valéria, a cabeça de um ídolo e um pé de serpente. Dei-vos este palanquim de ébano e ouro, e um conjunto de bois castrados para o carregar, um deles branco como marfim, e o outro negro como ébano, com cornos incrustados de jóias.

— Sim — disse Dany. — Mas o que eu queria era navios e soldados.

— Não vos terei dado um exército, mais doce das mulheres? Um milhar de cavaleiros, todos com uma armadura reluzente.

A armadura fora feita de prata e ouro, os cavaleiros de jade, berílio, ónix e turmalina, de âmbar, opala e ametista, todos do tamanho do seu mindinho.

— Um milhar de adoráveis cavaleiros — disse ela — mas não de um tipo que os meus inimigos tenham de temer. E os meus bois castrados não me podem transportar através das águas, eu... porque estamos a parar? — Os bois tinham desacelerado notoriamente.

— *Khaleesi* — chamou Aggo por entre as cortinas enquanto o palanquim parava com uma sacudidela súbita. Dany rolou sobre um cotovelo para se inclinar para fora. Encontravam-se nos limites do bazar, com o caminho em frente bloqueado por uma muralha sólida de pessoas.

— Para onde estão eles a olhar?

Jhogo regressou para junto dela.



— Um mago de fogo, *Khaleesi*.

— Quero ver.

— Então tendes de ver. — O dothraki ofereceu-lhe uma mão. Quando ela a agarrou, ele puxou-a para cima do cavalo e sentou-a à sua frente, onde podia ver por cima das cabeças da multidão. O mago de fogo tinha conjurado uma escada no ar, uma crepitante escada cor-de-laranja, feita de chamas rodopiantes, que se erguia sem suporte do chão do bazar ao alto telhado engradado.

Dany notou que a maior parte dos espectadores não era da cidade: viu marinheiros saídos de navios mercantes, mercadores vindos em caravanas, homens poeirentos chegados do deserto vermelho, soldados errantes, artesãos, comerciantes de escravos. Jhogo fez deslizar uma mão em torno da sua cintura e inclinou-se para ela.

— Os Homens de Leite evitam-no. *Khaleesi*, vedes a rapariga com o chapéu de feltro? Ali, por detrás do sacerdote gordo. É uma...

— ...carteirista — concluiu Dany. Não era nenhuma senhora mimada, cega para tais coisas. Vira carteiristas com fartura nas ruas das Cidades Livres, durante os anos que passara com o irmão, a fugir das facas contratadas pelo Usurpador.

O mago gesticulava, instigando as chamas a subir cada vez mais com largos gestos de braços. Enquanto a assistência estendia os pescoços para cima, os carteiristas contorciam-se através da multidão, com pequenas lâminas escondidas nas palmas das mãos. Aliviavam os prósperos das suas moedas com uma mão enquanto apontavam para cima com a outra.

Quando a escada de fogo chegou aos doze metros de altura, o mago saltou para ela e pôs-se a subi-la, trepando com as mãos tão depressa como um macaco. Cada degrau que tocava dissolvia-se sem deixar mais do que um fiapo de fumo prateado. Quando chegou ao topo, a escada desapareceu e ele também.

— Um belo truque — anunciou Jhogo com admiração.

— Não é um truque — disse uma mulher no Idioma Comum.

Dany não reparara em Quaithe entre a multidão, mas ali estava ela, com olhos húmidos e reluzentes por trás da implacável máscara de laque vermelho.

— Que quereis dizer, senhora?

— Há meio ano, aquele homem quase nem conseguia despertar fogo em vidro de dragão. Possuía uma pequena habilidade com pós e fogovivo, que lhe bastava para fascinar a multidão enquanto os seus carteiristas faziam o seu trabalho. Conseguia caminhar sobre carvões quentes e fazer com que rosas ardentes desabrochassem no ar, mas não podia aspirar mais

a subir a escada de fogo do que um comum pescador podia ter esperança de apanhar uma lula gigante nas suas redes.

Dany olhou para onde estivera a escada, sentindo-se desconfortável. Mesmo o fumo tinha agora desaparecido, e a multidão desagregava-se, com cada homem a ir tratar dos seus assuntos. Dentro de mais um momento, alguns iriam encontrar as bolsas achatadas e vazias.

— E agora?

— E agora, os seus poderes crescem, *Khaleesi*. E vós sois a causa disso.

— Eu? — Ela riu. — Como pode isso ser?

A mulher aproximou-se e pousou dois dedos no pulso de Dany.

— Sois a Mãe de Dragões, não sois?

— É, e nenhum descendente das sombras pode tocá-la. — Jhogo afastou-lhe os dedos com o cabo do chicote.

A mulher deu um passo para trás.

— Deveis deixar a cidade em breve, Daenerys Targaryen, senão nunca vos será permitido partir.

Dany ainda sentia um formigueiro no pulso, no local onde Quaithe lhe tocara.

— Para onde sugeris que eu vá? — perguntou.

— Para ir para norte, deveis viajar para sul. Para alcançar o oeste, tendes de ir para leste. Para ir em frente, deveis voltar para trás, e para tocar a luz tendes de passar sob a sombra.

*Asshai*, pensou Dany. *Ela quer que eu vá para Asshai.*

— Os *asshai'i* dar-me-ão um exército? — quis saber. — Haverá ouro para mim em Asshai? Haverá navios? O que há em Asshai que não possa encontrar em Qarth?

— A verdade — disse a mulher da máscara. E, com uma vénia, voltou a desaparecer na multidão.

Rakharo soltou uma fungadela de desprezo através dos seus bigodes negros e pendentes.

— *Khaleesi*, um homem faz melhor em engolir escorpiões do que em confiar em descendentes das sombras que não se atrevem a mostrar a cara à luz do Sol. É sabido.

— É sabido — concordou Aggo.

Xaro Xhoan Daxos observara toda a conversa de cima das suas almo-fadas. Quando Dany voltou a subir para o palanquim a seu lado, disse:

— Os vossos selvagens são mais sábios do que julgam. Verdades como as que os *Asshai'i* escondem não são de molde a fazer-vos sorrir. — Então obrigou-a a aceitar outra taça de vinho e continuou a falar de amor, luxúria e outras ninharias ao longo de toda a viagem de regresso à mansão.

No sossego dos seus aposentos, Dany despiu os adornos e envergou uma veste solta de seda púrpura. Os dragões estavam com fome, por isso cortou uma serpente e esturricou as postas num braseiro. *Eles estão a crescer*, reparou enquanto os observava a lançar dentadas uns aos outros, na disputa da carne enegrecida. *Devem pesar o dobro do que pesavam em Vaes Tolorro*. Mesmo assim, ainda levaria anos até que fossem suficientemente grandes para serem levados para a guerra. *E também devem ser treinados, caso contrário arrasarão o meu reino*. Apesar de todo o seu sangue Targaryen, Dany não fazia a menor ideia de como se treinava um dragão.

Sor Jorah Mormont veio ter com ela ao pôr-do-sol.

— Os Puronatos disseram-vos que não?

— Tal como vós dissestes que fariam. Vinde, sentai-vos, dai-me o vosso conselho. — Dany puxou-o para as almofadas a seu lado, e Jhiqui trouxe-lhes uma tigela de azeitonas roxas e cebolas afogadas em vinho.

— Não obtereis ajuda desta cidade, *Khaleesi*. — Sor Jorah pegou numa cebola entre o indicador e o polegar. — Cada dia que passa mais me convenço disso. Os Puronatos não vêm além das muralhas de Qarth, e Xaro...

— Xaro pediu-me de novo para casar com ele.

— Sim, e eu sei porquê. — Quando o cavaleiro franzia a testa, as suas pesadas sobranceiras juntavam-se por cima dos seus olhos encovados.

— Ele sonha comigo, de dia e de noite. — Ela riu.

— Perdoai-me, minha rainha, mas é com os vossos dragões que ele sonha.

— Xaro assegura-me que em Qarth os homens e as mulheres mantêm as suas propriedades depois de casar. Os dragões são meus. — Sorriu quando Drogon veio aos saltos e a bater as asas pelo chão de mármore aninhar-se na almofada a seu lado.

— Ele fala verdade naquilo que diz, mas há uma coisa que se esqueceu de mencionar. Os qartenos têm um curioso costume nupcial, minha rainha. No dia da união, uma esposa pode pedir um penhor de amor ao marido. Qualquer coisa que ela deseje dos seus bens terrenos, ele tem de lho conceder. E ele pode pedir-lhe o mesmo. Só uma coisa pode ser pedida, mas seja o que for que seja indicado, não pode ser negado.

— Uma coisa — repetiu ela. — E não pode ser negada?

— Com um dragão, Xaro Xhoan Daxos governaria esta cidade, mas um navio pouco avançaria a nossa causa.

Dany mordiscou uma cebola e reflectiu pesarosamente na deslealdade dos homens.

— Passámos pelo bazar no caminho de regresso do Salão dos Mil

Tronos — disse a Sor Jorah. — Quaithe estava lá. — Contou-lhe o que vira o mago de fogo fazer com a escada de fogo, e o que a mulher da máscara vermelha lhe dissera.

— Em boa verdade, ficaria contente por deixar esta cidade — disse o cavaleiro quando ela se calou. — Mas não na direcção de Asshai.

— Então para onde?

— Para leste — disse ele.

— Mesmo aqui, estou a meio mundo de distância do meu reino. Se for ainda mais para leste, posso nunca encontrar o caminho de regresso a Westeros.

— Se fordes para oeste, arriscareis a vida.

— A Casa Targaryen tem amigos nas Cidades Livres — lembrou-lhe Dany. — Amigos mais verdadeiros do que Xaro ou os Puronatos.

— Se pensais em Illyrio Mopatis, tenho dúvidas. Em troca de ouro suficiente, Illyrio vender-vos-ia tão depressa como a um escravo.

— O meu irmão e eu fomos hóspedes na mansão de Illyrio durante meio ano. Se tencionasse vender-nos, poderia tê-lo feito então.

— Ele vendeu-vos — disse Sor Jorah. — A Khal Drogo.

Dany corou. O cavaleiro tinha a verdade consigo, mas não gostou do tom penetrante que empregara na afirmação.

— Illyrio protegeu-nos das facas do Usurpador, e acreditava na causa do meu irmão.

— Illyrio não acredita em nenhuma causa a não ser na de Illyrio. Como regra, os glutões são homens gananciosos, e os magísteres são tortuosos. Illyrio Mopatis é ambas as coisas. Que sabeis realmente sobre ele?

— Sei que me deu os ovos de dragão.

O cavaleiro fungou.

— Se soubesse que os ovos podiam eclodir, ter-se-ia sentado pessoalmente sobre eles.

Aquilo fê-la sorrir a contragosto.

— Oh, não tenho qualquer dúvida disso, sor. Conheço melhor Illyrio do que julgais. Era uma criança quando deixei a sua mansão em Pentos para desposar o meu sol-e-estrelas, mas não era nem surda nem cega. E agora não sou criança nenhuma.

— Mesmo se Illyrio for o amigo que pensais que é — disse teimosamente o cavaleiro —, não é suficientemente poderoso para vos entornizar sozinho, tal como não o pôde fazer ao vosso irmão.

— Ele é rico — disse ela. — Não tão rico como Xaro, talvez, mas suficientemente rico para contratar navios por mim, e também homens.

— Mercenários têm os seus usos — admitiu Sor Jorah — mas não ireis conquistar o trono do vosso pai com o refugio das Cidades Livres. Nada

une um reino fraccionado tão depressa como um exército invasor no seu solo.

— Eu sou a sua legítima rainha — protestou Dany.

— Sois uma estranha que tenciona desembarcar nas suas costas com um exército de forasteiros que nem sequer sabem falar o Idioma Comum. Os senhores de Westeros não vos conhecem, e têm todos os motivos para vos temer e desconfiar de vós. Tendes de ganhá-los antes de zarpar. Pelo menos alguns.

— E como é que eu posso fazer isso se for para leste como aconselhaiis?

Ele comeu uma azeitona e cuspiu o caroço para a palma da mão.

— Não sei, Vossa Graça — admitiu —, mas sei que quanto mais tempo permanecerdes num local, mais fácil será que os vossos inimigos vos encontrem. O nome *Targaryen* ainda os assusta, e tanto assim é que enviaram um homem para vos assassinar quando ouviram dizer que esperáveis bebé. Que farão quando souberem dos vossos dragões?

Drogon estava enrolado debaixo do seu braço, tão quente como uma pedra que tivesse passado o dia inteiro à torreira do Sol. Rhaegal e Viserion lutavam por um naco de carne, esbofeteando-se mutuamente com as asas enquanto fumo lhes saía a assobiar das narinas. *Os meus furiosos filhos*, pensou Dany. *Nada lhes pode acontecer.*

— O cometa trouxe-me a Qarth por um motivo. Tive a esperança de encontrar aqui o meu exército, mas parece que não será assim. Pergunto a mim própria o que resta. — *Tenho medo*, compreendeu, *mas devo ser corajosa.* — Chegada a manhã, iremos ter com Pyat Pree.

## TYRION

A rapariga não chegou a chorar. Por mais nova que fosse, Myrcella Baratheon era uma princesa nata. *E uma Lannister, apesar do nome*, recordou Tyrion a si próprio, *tanto do sangue de Jaime como do de Cersei*.

Era certo que o sorriso da rapariga estava um tudo-nada trémulo quando os irmãos se despediram dela no convés do *Mar Ligeiro*, mas a rapariga conhecia as palavras adequadas, e proferiu-as com coragem e dignidade. Quando chegou a altura de se separarem, foi o Príncipe Tommen quem chorou, e Myrcella quem o confortou.

Tyrion observou as despedidas do elevado convés do *Martelo do Rei Robert*, uma grande galé de guerra de quatrocentos remos. O *Martelo de Rob*, como os remadores lhe chamavam, constituiria a força principal da escolta de Myrcella. A *Estrela Leonina*, o *Vento Ousado* e a *Senhora Lyanna* também viajariam com ela.

Tyrion sentia-se mais do que um pouco incomodado ao destacar uma parte tão grande da sua já inadequada frota, amputada que estava de todos os navios que tinham partido com Lorde Stannis para Pedra do Dragão e nunca haviam regressado, mas Cersei não queria ouvir falar de nada menos. Talvez tivesse razão. Se a rapariga fosse capturada antes de alcançar Lançassolar, a aliança com Dorne esfrangalhar-se-ia. Até agora, Doran Martell não fizera nada além de chamar os vassalos. Depois de Myrcella estar a salvo em Bravos, prometera deslocar as suas forças para os passos elevados, onde a ameaça poderia levar alguns dos senhores da Marca a repensar as suas lealdades e Lorde Stannis a hesitar quanto a marchar para Norte. Mas era apenas uma simulação. Os Martell não se entregariam realmente à batalha, a menos que o próprio Dorne fosse atacado, e Stannis não era assim tão tolo. *Se bem que alguns dos seus vassalos possam ser*, reflectiu Tyrion. *Devia pensar nisso*.

Limpou a garganta.

— Conheceis as vossas ordens, capitão.

— Sim, senhor. Devemos seguir a costa, permanecendo sempre à vista de terra, até atingirmos a Ponta da Garra Rachada. Daí, devemos avançar através do Mar Estreito na direcção de Bravos. Sob nenhuma circunstância deveremos velejar à vista de Pedra do Dragão.

— E se os nossos inimigos calharem avistar-vos mesmo assim?

— Se for um navio isolado, deveremos fazê-los fugir ou destruí-los.

Se houver mais, o *Vento Ousado* deverá ligar-se ao *Mar Ligeiro* a fim de o proteger, enquanto o resto da frota dá batalha.

Tyrion acenou. Se o pior acontecesse, o pequeno *Mar Ligeiro* deveria ser capaz de se escapar a uma perseguição. Um navio pequeno com grandes velas era mais rápido do que qualquer navio de guerra em existência, ou pelo menos fora o que o capitão afirmara. Depois de Myrcella chegar a Bravos, devia estar a salvo. Tyrion enviava com ela Sor Arys Oakheart a fim de servir como protector ajuramentado, e contratara os bravosianos para a levar o resto do caminho até Lançassolar. Até o Lorde Stannis hesitaria em despertar a ira da maior e mais poderosa das Cidades Livres. Viajar de Porto Real a Dorne via Bravos dificilmente seria a mais directa das rotas, mas *era* a mais segura... ou pelo menos era essa a sua esperança.

*Se o Lorde Stannis soubesse desta viagem, não poderia escolher melhor momento para mandar a sua frota contra nós.* Tyrion olhou de relance para onde a Torrente se esvaziava na Baía da Água Negra, e ficou aliviado por não ver sinal de velas no largo horizonte verde. Segundo o último relatório, a frota Baratheon permanecia ao largo de Ponta Tempestade, onde Sor Cortnay Penrose continuava a desafiar o cerco em nome do falecido Renly. Entretanto, estavam concluídos três quartos da construção das torres de moinete de Tyrion. Naquele preciso momento, homens içavam pesados blocos de pedra para os seus lugares, enquanto decerto o amaldiçoavam por os obrigar a trabalhar durante as festividades. Que amaldiçoassem. *Mais uma quinzena, Stannis, é tudo o que me faz falta. Mais uma quinzena e ficará pronto.*

Tyrion observou a sobrinha, que se ajoelhava perante o Alto Septão, a fim de receber a bênção para a viagem. A luz do Sol incidiu na coroa de cristal do homem e derramou arcos-íris sobre o rosto erguido de Myrcella. O ruído vindo da margem do rio tornava impossível ouvir as preces. Tyrion esperava que os deuses tivessem ouvidos mais aguçados do que ele. O Alto Septão era tão gordo como uma casa, e conseguia ser ainda mais pomposo e palavroso do que Pycelle. *Basta, velho, põe um fim nisso,* pensou Tyrion, irritado. *Os deuses têm melhores coisas a fazer do que ouvir o que tu dizes, e eu também.*

Quando por fim terminaram os zumbidos e murmúrios, Tyrion despediu-se do capitão do *Martelo de Rob*.

— Entregai a minha sobrinha em segurança em Bravos, e haverá um grau de cavaleiro à vossa espera quando regressardes — prometeu.

Enquanto abria caminho pela íngreme prancha até ao cais, Tyrion sentia olhares pouco amistosos postos nele. A galé oscilava suavemente, e o movimento sob os seus pés fazia-o baloiçar mais do que nunca. *Aposto que adorariam trocar.* Ninguém se atrevia, pelo menos abertamente, se bem que tivesse ouvido resmungos misturados com os rangidos da madeira e das

cordas e com o ruído que a corrente do rio fazia em torno das estacas. *Eles não gostam de mim*, pensou. *Bem, pouco admira. Estou bem alimentado e sou feio, ao passo que eles passam fome.*

Bronn escoltou-o através da multidão para se juntar à irmã e aos seus filhos. Cersei ignorou-o, preferindo esbanjar sorrisos no primo. Observou-a a encantar Lancel com olhos tão verdes como o cordão de esmeraldas que lhe rodeava a esguia garganta branca, e fez um pequeno sorriso dissimulado para si próprio. *Conheço o teu segredo, Cersei*, pensou. A irmã visitara frequentemente o Alto Septão nos últimos tempos, a fim de procurar as bênçãos dos deuses para a luta que se avizinhava com Lorde Stannis... ou pelo menos era nisso que queria que ele acreditasse. Na verdade, após uma breve visita ao Grande Septo de Baelor, Cersei vestia um simples manto castanho de viajante e esgueirava-se para se ir encontrar com um certo pequeno cavaleiro que ostentava o improvável nome de Sor Osmund Kettleblack e seus irmãos, igualmente duvidosos, Osney e Osfryd. Lancel contara-lhe tudo a respeito deles. Cersei tencionava usar os Kettleblack para comprar a sua própria força de mercenários.

*Bem, que desfrute dos seus planos.* Era muito mais amável quando pensava que o estava a ultrapassar. Os Kettleblack encantá-la-iam, receberiam o seu dinheiro e prometer-lhe-iam tudo o que ela pedisse, e porque não haveriam de o fazer se Bronn igualava cada dinheiro de cobre, moeda por moeda? Patifes amigáveis, todos os três, os irmãos eram na verdade muito mais habilidosos na fraude do que alguma vez tinham sido no derramamento de sangue. Cersei lograra comprar três tambores vazios; eles fariam todos os ferozes sons trovejantes que ela pedisse, mas não tinham nada dentro. Aquilo divertia Tyrion infinitamente.

Trombetas tocaram fanfarras quando a *Estrela Leonina* e a *Senhora Lyanna* se afastaram da costa, deslocando-se para jusante, a fim de abrir caminho ao *Mar Ligeiro*. Ouviram-se algumas aclamações vindas da multidão que se apertava nas margens, tão ténues e esfarrapadas como as nuvens que corriam no céu. Myrcella sorriu e acenou do convés. Atrás dela encontrava-se Arys Oakheart, com o manto branco a ondular ao vento. O capitão ordenou que as amarras fossem largadas, e os remos empurraram o *Mar Ligeiro* para a vigorosa corrente da Torrente da Água Negra, onde as suas velas desabrocharam ao vento... simples velas brancas, conforme Tyrion insistira, e não panos do carmim Lannister. O Príncipe Tommen soluçou.

— Tu mias como um bebé de peito — silvou-lhe o irmão. — Não é suposto que os príncipes chorem.

— O Príncipe Aemon, o Cavaleiro do Dragão, chorou no dia em que a Princesa Naerys casou com o irmão Aegon — disse Sansa Stark — e os



gêmeos Sor Arryk e Sor Erryk morreram com lágrimas no rosto depois de cada um deles ter dado ao outro um ferimento mortal.

— Calai-vos, senão ordeno que Sor Meryn vos dê a vós um ferimento mortal — disse Joffrey à sua prometida. Tyrion olhou de relance para a irmã, mas Cersei estava absorvida por alguma coisa que Sor Balon Swann lhe dizia. *Poderá ser realmente tão cega que não veja o que ele é?*, perguntou a si próprio.

No rio, o *Vento Ousado* desarmou os remos e deslizou corrente abaixo na esteira do *Mar Ligeiro*. Por fim, foi a vez do *Martelo do Rei Robert*, o poderio da frota real... ou pelo menos da porção que não fugira para Pedra do Dragão no ano anterior com Stannis. Tyrion escolhera os navios com cuidado, evitando todos aqueles cujos capitães pudessem ser de duvidosa lealdade, de acordo com Varys... mas como o próprio Varys era de duvidosa lealdade, restava um certo grau de apreensão. *Dependo demasiado de Varys*, refletiu. *Preciso dos meus próprios informadores. Não que confiasse neles*. A confiança podia matar-nos.

Voltou a interrogar-se a respeito do Mindinho. Não tinham chegado quaisquer notícias de Petyr Baelish desde que partira para Pontamarga. Isso podia não querer dizer nada... ou tudo. Nem mesmo Varys sabia. O eunuco sugerira que talvez o Mindinho tivesse encontrado algum infortúnio nas estradas. Podia até estar morto. Tyrion fungara com ironia.

— Se o Mindinho está morto, eu sou um gigante. — O mais provável era que os Tyrell estivessem a contrariar o casamento proposto. Tyrion dificilmente podia culpá-los por isso. *Se eu fosse Mace Tyrell, mais depressa quereria ver a cabeça de Joffrey num espigão do que a sua picha na minha filha*.

A pequena frota estava bem dentro da baía quando Cersei indicou que era tempo de partir. Bronn trouxe o cavalo de Tyrion e ajudou-o a montar. Aquela era tarefa de Podrick Payne, mas tinham deixado Pod na Fortaleza Vermelha. O magro mercenário tinha uma presença mais reconfortante do que o rapaz.

As estreitas ruas eram defendidas por homens da Patrulha da Cidade, mantendo a multidão afastada com os cabos das lanças. Sor Jacelyn Bywater seguia à frente, encabeçando uma cunha de lanceiros a cavalo com cota de malha preta e mantos dourados. Atrás dele vinha Sor Aron Santagar e Sor Balon Swann, transportando os estandartes do rei, o leão de Lannister e o veado coroadado de Baratheon.

O Rei Joffrey seguia-os num alto palafém cinzento, com uma coroa dourada pousada nos seus caracóis dourados. Sansa Stark montava uma égua castanha a seu lado, sem olhar nem para a esquerda, nem para a direita, com o espesso cabelo ruivo a fluir até aos ombros sob uma rede de pedras da lua. Dois dos membros da Guarda Real flanqueavam

o casal, o Cão de Caça à direita do rei e Sor Mandon Moore à esquerda da rapariga Stark.

A seguir vinha Tommen, a fungar, com Sor Preston Greenfield na sua armadura e manto brancos, e depois Cersei, acompanhada por Sor Lancel e protegida por Meryn Trant e Boros Blount. Tyrion pôs-se ao lado da irmã. Atrás deles seguia o Alto Septão na sua liteira, e uma longa comitiva de outros cortesãos — Sor Horas Redwyne, a Senhora Tanda e a filha, Jalabhar Xho, Lorde Gyles Rosby e os outros. Uma dupla coluna de guardas fechava a retaguarda.

Os barbudos e por lavar fitavam os cavaleiros com um ressentimento surdo, do outro lado da linha de lanças. *Não gosto disto nem um bocadinho*, pensou Tyrion. Bronn tinha uma vintena de mercenários espalhados pela multidão com ordens de pôr fim a qualquer problema antes de ele começar. Talvez Cersei tivesse colocado os seus Kettleblack de forma semelhante. De algum modo, a Tyrion não parecia que ajudasse por aí além. Se o fogo estivesse quente de mais, era difícil impedir que a sobremesa se queimasse atirando uma mão-cheia de passas para dentro da panela.

Atravessaram a Praça dos Peixeiros e avançaram ao longo da Via Lamacenta antes de virar para o estreito e curvo Gancho para dar início à subida da Colina de Aegon. Algumas vozes começaram a gritar “*Joffrey! Viva, viva!*” enquanto o jovem rei passava, mas por cada homem que gritava, uma centena mantinha-se em silêncio. Os Lannister deslocavam-se através de um mar de homens esfarrapados e mulheres esfomeadas, enfrentando uma maré de olhos carrancudos. Mesmo à sua frente, Cersei ria de alguma coisa que Lancel dissera, embora suspeitasse que a sua alegria era fingida. Não podia estar alheia à agitação que os rodeava, mas a irmã sempre acreditara em dar um espectáculo de bravura.

Com metade da viagem percorrida, uma mulher em pranto forçou a passagem por entre dois guardas e correu para a rua à frente do rei e dos seus companheiros, segurando o cadáver do bebé morto acima da cabeça. Estava azul e inchado, grotesco, mas o verdadeiro horror eram os olhos da mãe. Joffrey olhou-a por um momento como se tencionasse atropelá-la, mas Sansa Stark debruçou-se e disse-lhe qualquer coisa. O rei atrapalhou-se com a bolsa e atirou à mulher um veado de prata. A moeda ressaltou na criança e afastou-se a rolar, passando por baixo das pernas dos homens de mantos dourados, para o meio da multidão, onde uma dúzia de homens se pôs a lutar por ela. A mulher nem sequer pestanejou. Os seus braços muito magros tremiam com o peso morto do filho.

— Deixai-a, Vossa Graça — gritou Cersei ao filho —, ela está para lá da nossa ajuda, coitada.

A mãe ouviu-a. De algum modo a voz da rainha abriu caminho atra-

vés da inteligência devastada da mulher. O seu rosto descuidado contorceu-se com repugnância.

— *Putá!* — guinchou. — *Putá de Regicida! Fode-irmãos!* — O seu filho morto caiu-lhe dos braços como uma saca de farinha quando apontou para Cersei. — *Fode-irmãos fode-irmãos fode-irmãos.*

Tyrion não chegou a ver quem atirou a bosta. Só ouviu o arquejo de Sansa e a praga berrada por Joffrey, e quando virou a cabeça, o rei limpava sujidade castanha da cara. Havia mais no seu cabelo dourado e salpicada pelas pernas de Sansa.

— Quem atirou aquilo? — gritou Joffrey. Levou os dedos ao cabelo, fez uma cara furiosa, e atirou ao chão mais uma mão-cheia de bosta. — Quero o homem que atirou aquilo! — gritou. — Cem dragões de ouro para o homem que o denunciar.

— Ele estava além em cima! — gritou alguém da multidão. O rei obrigou o cavalo a descrever um círculo a fim de inspeccionar os telhados e varandas abertas acima deles. Na multidão havia pessoas a apontar, a empurrar, a amaldiçoar-se umas às outras e ao rei.

— Por favor, Vossa Graça, deixai-o ir — suplicou Sansa.

O rei não lhe prestou atenção.

— Trazei-me o homem que atirou aquela imundície! — ordenou Joffrey. — Há-de lambê-la de cima de mim, caso contrário, corto-lhe a cabeça. Cão, trá-lo cá!

Obediente, Sandor Clegane saltou da sela, mas não havia maneira de passar através daquela muralha de carne, muito menos de subir ao telhado. Aqueles que estavam mais próximos dele começaram a torcer-se e a empurrar para se afastar, enquanto outros faziam pressão para a frente, para ver. Tyrion sentiu o cheiro do desastre.

— Clegane, deixai-o, o homem já fugiu há muito.

— Eu quero-o! — Joffrey apontou para o telhado. — Ele estava ali em cima! Cão, abre caminho à espadeirada através deles e traz-me...

Um tumulto de som afogou as suas últimas palavras, um trovão rolante de raiva, medo e ódio que os submergiu por todos os lados. “*Bastardo!*”, gritou alguém a Joffrey, “*monstro bastardo.*” Outras vozes atiraram gritos de “*Putá*” e “*Fode-irmãos*” à rainha, enquanto Tyrion era crivado com gritos de “*Aborto*” e “*Meio-Homem*”. Misturados com os insultos, ouviu alguns gritos por “*Justiça*” e “*Robb, Rei Robb, o Jovem Lobo*”, por “*Stannis!*” e até por “*Renly!*” De ambos os lados da rua, a multidão encapelou-se contra os cabos das lanças enquanto os homens de mantos dourados lutavam por manter a fileira. Pedras, bosta e coisas piores zumbiam por cima das cabeças. “*Alimentai-nos!*”, guinchou uma mulher. “*Pão!*”, trouxe um homem atrás dela. “*Queremos pão, bastardo!*” Num instante, um milhar de vozes

juntou-se ao cântico. O Rei Joffrey, o Rei Robb e o Rei Stannis foram esquecidos, e o Rei Pão governou sozinho. “Pão!”, gritaram. “Pão, pão!”

Tyrion esporeou o cavalo para o lado da irmã, gritando:

— De volta ao castelo. *Agora*. — Cersei fez um aceno brusco, e Sor Lancel desembainhou a espada. À frente da coluna, Jacelyn Bywater rugia ordens. Os seus homens a cavalo baixaram as lanças e avançaram em cunha. O rei fazia rodopiar o palafém em círculos ansiosos enquanto mãos se estendiam para lá da fileira de mantos dourados, tentando agarrá-lo. Uma conseguiu pegar-lhe na perna, mas só por um instante. A espada de Sor Mandon desceu, separando a mão do pulso. — *Cavalga!* — gritou Tyrion ao sobrinho, dando ao cavalo uma forte palmada na garupa. O animal empinou-se, relinchando, e mergulhou para diante, obrigando a turba em frente a desagregar-se.

Tyrion conduziu o cavalo para a abertura, bem perto dos cascos do rei. Bronn acompanhou-o, de espada na mão. Uma pedra irregular passou a voar perto da sua cabeça enquanto cavalgava, e uma couve podre explodiu contra o escudo de Sor Mandon. À esquerda do grupo, três homens de mantos dourados caíram sob a força da multidão, que correu em frente, espezinhando os homens caídos. O Cão de Caça tinha desaparecido atrás deles, embora o seu cavalo cavalgasse sem cavaleiro ao lado de Tyrion. Este viu Aron Santagar a ser puxado de cima da sela, enquanto o veado dourado e negro dos Baratheon lhe era arrancado das mãos. Sor Balon Swann deixou cair o leão dos Lannister para pegar na espada. Atirou golpes à direita e à esquerda enquanto o estandarte caído era rasgado e o milhar de bocados esfarrapados rodopiavam para longe como folhas carmesim num vento de tempestade. Num instante tinham desaparecido. Alguém cambaleou para a frente do cavalo de Joffrey e berrou quando o rei o atropelou. Tyrion não seria capaz de dizer se fora homem, mulher ou criança. Joffrey galopava a seu lado, pálido como leite coalhado, com Sor Mandon Moore à sua esquerda como uma sombra branca.

E de súbito, a loucura ficou para trás e estrondeavam pela praça pavimentada que se abria defronte da barbacã do castelo. Uma fileira de lanceiros defendia os portões. Sor Jacelyn fazia os seus lanceiros descrever meia volta para outra carga. As lanças abriram-se para deixar passar o grupo do rei sob a porta levadiça. Muralhas vermelhas-claras erguiam-se à volta deles, tranquilizadamente altas e repletas de besteiros.

Tyrion não se lembrava de ter desmontado. Sor Mandon ajudava o abalado rei a descer do cavalo quando Cersei, Tommen e Lancel atravessaram os portões com Sor Meryn e Sor Boros logo atrás. Boros tinha a lâmina coberta de sangue, enquanto o manto branco de Meryn lhe fora arrancado dos ombros. Sor Balon Swann entrou sem elmo, com a montada

a espumar e a sangrar da boca. Horas Redwyne trouxe a Senhora Tanda, meio enlouquecida de medo pela filha Lollys, que fora derrubada da sela e deixada para trás. O Lorde Gyles, com o rosto mais cinzento do que nunca, gaguejou uma história sobre ter visto o Alto Septão a ser despejado da liteira, guinchando preces enquanto a multidão o arrastava. Jalabhar Xho disse que pensava ter visto Sor Preston Greenfield da Guarda Real a cavalgar na direcção da liteira virada do Alto Septão, mas não tinha a certeza.

Tyrion ficou vagamente consciente de um mestre a perguntar se estava ferido. Abriu caminho pelo pátio aos empurrões até onde estava o sobrinho, com a coroa suja de bosta assente de esguelha na cabeça.

— Traidores — balbuciava excitadamente Joffrey —, vou cortar as cabeças a todos, vou...

O anão deu um estalo tão forte na sua cara corada que a coroa voou da cabeça de Joffrey. Depois empurrou-o com ambas as mãos e fê-lo estatelar-se no chão.

— Seu maldito e cego *idiota*.

— Eles eram traidores — guinchou Joffrey do chão. — Chamaram-me nomes e atacaram-me!

— *Tu atiçaste-lhes o teu cão!* Que imaginavas que fizessem, que dobrassem docilmente o joelho enquanto o Cão de Caça cortava uns quantos braços e pernas? Seu *rapazinho* mimado e imbecil, mataste Clegane e só os deuses sabem quantos mais, e no entanto *tu* escapaste sem um arranhão. *Maldito sejas!* — E pontapeou-o. Soube tão bem que poderia tê-lo feito mais vezes, mas Sor Mandon Moore puxou-o para trás enquanto Joffrey uivava, e então Bronn estava ali para o conter. Cersei ajoelhou junto ao filho, enquanto Sor Balon Swann refreava Sor Lancel. Tyrion libertou-se de Bronn com uma sacudidela. — Quantos estão ainda lá fora? — gritou para ninguém e para todos.

— A minha filha — chorou a Senhora Tanda. — Por favor, alguém tem de voltar à procura de Lollys...

— Sor Preston não regressou — relatou Sor Boros Blount — nem Aron Santagar.

— Nem a Ama-de-Leite — disse Sor Horas Redwyne. Era a alcunha trocista que os outros escudeiros tinham atribuído a Tyrek Lannister.

Tyrion relanceou os olhos pelo pátio.

— Onde está a rapariga Stark?

Por um momento, ninguém respondeu. Finalmente Joffrey disse:

— Ela cavalgava a meu lado. Não sei para onde foi.

Tyrion apertou as têmporas latejantes com dedos embotados. Se algo tivesse acontecido a Sansa Stark, Jaime era um homem morto.

— Sor Mandon, vós éreis o seu escudo.

Sor Mandon Moore permaneceu imperturbado.

— Quando atacaram o Cão de Caça, pensei primeiro no rei.

— E com razão — interveio Cersei. — Boros, Meryn, regressai e encontraí a rapariga.

— E a minha filha — soluçou a Senhora Tanda. — Por favor, sores...

Sor Boros não pareceu contente com a perspectiva de abandonar a segurança do castelo.

— Vossa Graça — disse à rainha —, ver os nossos mantos brancos pode enfurecer a turba.

Tyrion engolira o máximo que conseguia engolir.

— Que os Outros levem a merda dos vossos mantos! *Tirai-o*, se tendes medo de o usar, maldito imbecil... mas *encontraí-me Sansa Stark* ou, juro, mandarei que Shagga abra essa vossa feia cabeça em duas para ver se há alguma coisa lá dentro além de morcelas.

Sor Boros ficou roxo de raiva.

— Vós chamais-*me* feio, vós? — Começou a erguer a espada ensanguentada que ainda agarrava com o punho coberto de cota de malha. Bronn empurrou sem cerimónia Tyrion para trás do seu corpo.

— *Parai!* — exclamou Cersei. — Boros, ireis fazer o que vos é pedido, ou encontraremos outra pessoa para usar esse manto. O vosso voto...

— Ali está ela! — gritou Joffrey, apontando.

Sandor Clegane entrou a um meio-galope vivo pelos portões, montado no corcel castanho de Sansa. A rapariga vinha sentada atrás, apertando o peito do Cão de Caça com ambos os braços.

Tyrion gritou-lhe.

— Estais ferida, Senhora Sansa?

Escorria sangue pela testa de Sansa, vindo de um golpe profundo no seu couro cabeludo.

— Eles... eles estavam a atirar coisas... pedras e porcaria, ovos... tentei dizer-lhes, não tinha pão para lhes dar. Um homem tentou puxar-me da sela. Acho que o Cão de Caça o matou... o braço dele... — Os olhos dela esbugalharam-se e pôs uma mão sobre a boca. — Ele *cortou-lhe o braço*.

Clegane pô-la no chão. Tinha o manto branco rasgado e manchado, e saía sangue de um rasgão irregular na manga esquerda.

— O passarinho está a sangrar. Alguém que o leve de volta à gaiola e trate daquele golpe. — O Mestre Franken precipitou-se em frente para obedecer. — Despacharam o Santagar — prosseguiu o Cão de Caça. — Quatro homens seguraram-no no chão e revezaram-se a bater-lhe na cabeça com uma pedra da calçada. Esventrei um deles, não que isso tenha feito algum bem a Sor Aron.

A Senhora Tanda dirigiu-se-lhe.

— A minha filha...

— Não cheguei a vê-la. — O Cão de Caça passou os olhos pelo pátio, de sobrolho carregado. — Onde está o meu cavalo? Se aconteceu alguma coisa àquele cavalo, alguém há-de pagar.

— Ele veio a correr connosco durante algum tempo — disse Tyrion — mas não sei o que foi feito dele depois disso.

— *Fogo!* — gritou uma voz de cima da barbacã. — Senhores, há fumo na cidade. O Fundo das Pulgas está a arder.

Tyrion estava indizivelmente cansado, mas não havia *tempo* para o desespero.

— Bronn, leva tantos homens quantos precisares e assegura-te de que os carros de água não são molestados. — *Que os deuses sejam bons, o fogo vivo, se alguma chama chegar até ele...* — Podemos perder todo o Fundo das Pulgas se tiver de ser, mas em caso algum poderá o fogo atingir o Palácio dos Alquimistas, está entendido? Clegane, vós ireis com ele.

Durante meio segundo, Tyrion pensou vislumbrar medo nos olhos escuros do Cão de Caça. *Fogo*, compreendeu. *Que os Outros me levem, claro que ele odeia o fogo, já o experimentou bem de mais.* A expressão desapareceu num instante, substituída pela carranca familiar de Clegane.

— Irei — disse — mas não por ordens *vossas*. Tenho de encontrar aquele cavalo.

Tyrion virou-se para os três cavaleiros restantes da Guarda Real.

— Cada um de vós irá escoltar um arauto. Ordenai ao povo que regresse a suas casas. Qualquer homem que for encontrado nas ruas depois do último repique do toque de anoitecer será morto.

— O nosso lugar é ao lado do rei — disse Sor Meryn com complacência.

Cersei empinou-se como uma víbora.

— O vosso lugar é onde o meu irmão disser que é — cuspiu. — A Mão fala com a voz do rei, e desobediência é traição.

Boros e Meryn trocaram um olhar.

— Deveremos usar os nossos mantos, Vossa Graça? — perguntou Sor Boros.

— Por mim até podeis ir nus. Isso poderá lembrar à turba que sois homens. É provável que o tenham esquecido depois de verem o modo como vos comportastes lá fora na rua.

Tyrion deixou a irmã enfurecer-se. Sentia a cabeça a latejar. Achava que conseguia sentir o cheiro de fumo, embora talvez fosse apenas o odor dos seus nervos desgastados. Dois dos Corvos de Pedra guardavam a porta da Torre da Mão.

— Ide-me buscar Timett, filho de Timett.  
— Os Corvos de Pedra não vão aos guinchos atrás de Homens Queimados — informou-o um dos selvagens com altivez.  
Por um momento, Tyrion esquecera-se de com quem lidava.  
— Então vai-me buscar Shagga.  
— Shagga dorme.  
Não gritar era um esforço.  
— Acorda. O.  
— Não é coisa fácil acordar Shagga, filho de Dolf — protestou o homem. — A sua ira é temível. — E foi-se embora a resmungar.  
O homem dos clãs entrou calmamente, a bocejar e a coçar-se.  
— Metade da cidade está amotinada, a outra metade está a arder, e Shagga ressona — disse Tyrion.  
— Shagga não gosta da água lamacenta que aqui tendes, e por isso tem de beber da vossa cerveja fraca e do vosso vinho amargo, e depois a cabeça dói-lhe.  
— Tenho Shae numa mansão perto do Portão de Ferro. Quero que vás até lá e a mantinhas a salvo, aconteça o que acontecer.  
O enorme homem sorriu, com os dentes transformados numa fenda amarela no território selvagem e peludo da sua barba.  
— Shagga trá-la para aqui.  
— Assegura-te só de que nenhum mal lhe acontece. Diz-lhe que irei ter com ela assim que possa. Talvez esta mesma noite, ou de certeza amanhã.  
Mas ao cair da noite, a cidade continuava em tumulto, embora Bronn relatasse que os incêndios tinham sido apagados e que a maior parte das turbas errantes tinham sido dispersadas. Por mais que Tyrion ansiasse pelo conforto dos braços de Shae, compreendeu que naquela noite não iria a nenhum lado.  
Sor Jacelyn Bywater entregou a conta do carnicheiro enquanto Tyrion jantava capão frio e pão castanho entre as sombras do seu aposento privado. Por essa altura, o ocaso já se transformara em trevas, mas quando os criados tinham vindo acender-lhe as velas e um fogo na lareira, Tyrion rugira-lhes e pusera-os a correr. O seu humor estava tão negro como o aposento, e Bywater não disse nada para lhe dar luz.  
A lista dos mortos era encabeçada pelo Alto Septão, desfeito enquanto guinchava aos seus deuses por misericórdia. *Homens famintos olham com olhos duros para sacerdotes demasiado gordos para andar*, reflectiu Tyrion.  
O cadáver de Sor Preston a princípio não fora notado; os homens de mantos dourados tinham andado à procura de um cavaleiro envergando armadura branca, e ele fora tão cruelmente apunhalado e golpeado que estava vermelho-acastanhado da cabeça aos pés.



Sor Aron Santagar fora encontrado numa valeta, com a cabeça transformada numa polpa vermelha dentro de um elmo esmagado.

A filha da Senhora Tanda cedera a sua virgindade a meia centena de homens aos gritos atrás de uma tanoaria. Os homens de mantos dourados tinham-na encontrado a vaguear, nua, pelo Quarteirão do Porco Salgado.

Tyrek mantinha-se desaparecido, tal como a coroa de cristais do Alto Septão. Nove homens de manto dourado tinham sido mortos, e havia quarenta feridos. Ninguém se incomodara em contar quantos mortos houvera entre a multidão.

— Quero Tyrek encontrado, vivo ou morto — disse secamente Tyrion quando Bywater se calou. — Ele não passa de um rapaz. Filho do meu falecido tio Tygett. O pai sempre foi bom para mim.

— Encontrá-lo-emos. E à coroa do septão também.

— Por mim, os Outros bem podem enrabar-se uns aos outros com a coroa do septão.

— Quando me nomeastes para comandar a Patrulha, dissestes-me que querieis a verdade pura, sempre.

— Por algum motivo, tenho a sensação de que não vou gostar do que quer que tenhais para dizer — disse sombriamente Tyrion.

— Hoje segurámos a cidade, senhor, mas não faço promessas para amanhã. A chaleira está perto da fervura. Há lá fora tantos ladrões e assassinos que nenhuma casa está em segurança, o fluxo sangrento espalha-se pelas casas de pasto ao longo do Gancho da Urina, e não há comida que se compre por cobre ou por prata. Onde antes só se ouviam resmungos vindos da sarjeta, agora fala-se abertamente de traição em palácios de guildas e mercados.

— Precisaís de mais homens?

— Não confio em metade dos homens que tenho agora. O Slynt triplicou o tamanho da Patrulha, mas é preciso mais do que um manto dourado para fazer um vigia. Há homens bons e leais entre os novos recrutados, mas também há mais brutos, bêbados, cobardes e traidores do que quereis saber. Estão meio treinados e são indisciplinados, e a lealdade que têm é para com as próprias peles. Se se chegar à batalha, temo que eles não resistam.

— Nunca esperei que resistissem — disse Tyrion. — Desde o início que sei que assim que as nossas muralhas abrirem uma brecha, estamos perdidos.

— Os meus homens vêm na sua maioria do povo. Caminham pelas mesmas ruas, bebem nas mesmas tabernas, tiram as mesmas tigelas de castanho das mesmas casas de pasto. O vosso eunuco deve ter-vos dito que há pouco amor pelos Lannister em Porto Real. Muitos ainda se lembram

de como o senhor vosso pai saqueou a cidade, quando Aerys lhe abriu os portões. Sussurram que os deuses nos estão a punir pelos pecados da vossa Casa... pelo assassinio do Rei Aerys pelo vosso irmão, pelo massacre dos filhos de Rhaegar, pela execução de Eddard Stark e pela selvajaria da justiça de Joffrey. Alguns falam abertamente de como as coisas eram melhores quando Robert era rei e sugerem que os tempos voltariam a melhorar com Stannis no trono. Ouvem-se estas coisas em casas de pasto, tabernas e bordéis, ... e temo que também se ouçam em casernas e salões de guardas.

— Odeiam a minha família, é isso que me estais a dizer?

— Sim... e virar-se-ão contra ela, se a possibilidade chegar.

— Também me odeiam a mim?

— Perguntai ao vosso eunuco.

— Estou a perguntar-vos a vós.

Os olhos encovados de Bywater enfrentaram os olhos desiguais do anão e não pestanejaram.

— A vós acima de tudo, senhor.

— *Acima de tudo?* — A injustiça sufocava-o. — Foi Joffrey quem lhes disse para comer os seus mortos, foi Joffrey quem lhes atçou o cão. Como podem culpar-me a mim?

— Sua Graça não passa de um rapaz. Nas ruas diz-se que tem conselheiros malignos. A rainha nunca foi conhecida como uma amiga da plebe, nem chamam Aranha ao Lorde Varys por amor... mas é a vós que mais culpam. A vossa irmã e o eunuco estavam cá quando os tempos eram melhores sob o Rei Robert, mas vós não. Dizem que enchestes a cidade de mercenários arrogantes e selvagens que não tomam banho, brutos que roubam o que desejam e não seguem nenhuma lei a não ser a sua. Dizem que exilastes Janos Slynt porque o achastes demasiado franco e honesto para o vosso gosto. Dizem que atirastes o sábio e gentil Pycelle para a masmorra quando se atreveu a erguer a voz contra vós. Alguns até dizem que planeais tomar o Trono de Ferro para vós.

— Pois, e além do mais sou um monstro, hediondo e deformado, há que nunca esquecer isso. — A sua mão enrolou-se num punho. — Já ouvi que baste. Ambos temos trabalho a fazer. Deixai-me.

*Talvez o senhor meu pai tivesse razão em desprezar-me ao longo de todos estes anos, se isto é o melhor que consigo realizar, pensou Tyrion depois de ficar sozinho. Fitou os restos do jantar, sentindo um incómodo na barriga ao ver o capão frio e gorduroso. Repugnado, empurrou-o para longe, gritou por Pod, e enviou o rapaz a correr chamar Varys e Bronn. Os meus conselheiros de maior confiança são um eunuco e um mercenário, e a minha senhora é uma rameira. Que diz isto de mim?*

Bronn queixou-se da escuridão quando chegou, e insistiu num fogo na lareira. Já ardia bem quando Varys surgiu.

— Onde estivestes? — quis saber Tyrion.

— A tratar de assuntos do rei, meu querido senhor.

— Ah, sim, o *rei* — resmungou Tyrion. — O meu sobrinho não é capaz de se sentar numa latrina, quanto mais no Trono de Ferro.

Varys encolheu os ombros.

— Há que ensinar o ofício a um aprendiz.

— Metade dos aprendizes da Alameda dos Vapores eram capazes de governar melhor do que este vosso rei. — Bronn sentou-se do outro lado da mesa e arrancou uma asa ao capão.

Tyrion arranjava o costume de ignorar as frequentes insolências do mercenário, mas naquela noite achava-as vexatórias.

— Não me lembro de te dar licença para acabares o meu jantar.

— Não parecias estar a comê-lo — disse Bronn através de uma boca cheia de carne. — A cidade passa fome, desperdiçar comida é um crime. Tens vinho?

*A seguir há-de querer que lho sirva*, pensou Tyrion sombriamente.

— Tu vais longe de mais — preveniu.

— E tu nunca vais suficientemente longe. — Bronn atirou o osso da asa para cima das esteiras. — Já pensaste em como a vida seria fácil se o outro tivesse nascido primeiro? — Enfiou os dedos no capão e arrancou uma mão-cheia de peito. — O choramingas, Tommen. Parece que faria tudo o que lhe dissessem, como um bom rei devia fazer.

Um arpejo desceu pela espinha de Tyrion quando compreendeu o que o mercenário estava a sugerir. *Se Tommen fosse rei...*

Só havia uma maneira de Tommen se tornar rei. Não, nem podia pensar nisso. Joffrey pertencia ao seu sangue, e era tanto filho de Jaime como de Cersei.

— Podia mandar decapitar-te por dizeres isso — disse a Bronn, mas o mercenário limitou-se a rir.

— Amigos — disse Varys —, discussões de nada nos servem. Peço-vos a ambos: ponde o coração nas mãos.

— O coração de quem? — perguntou Tyrion com amargura. Conseguia pensar em várias hipóteses tentadoras.

## DAVOS

Sor Cortnay Penrose não usava armadura. Montava um garanhão castanho-avermelhado, e o seu porta-estandartes um cinzento sarapintado. Por cima deles esvoaçavam o veado coroadado de Baratheon e as penas cruzadas de Penrose, brancas em fundo castanho-avermelhado. A barba de Sor Cortnay, em forma de pá, era também castanha-avermelhada, embora ele se tivesse tornado completamente calvo na cabeça. Se o tamanho e esplendor do grupo do rei o impressionava, não o mostrava naquele rosto desgastado.

Aproximaram-se a trote, com muito tinir de cotas de malha e chocalar de placas de armadura. Até Davos usava cota de malha, embora não pudesse explicar porquê; doíam-lhe os ombros e os rins devido ao peso pouco habitual. Fazia-o sentir-se oprimido e tolo, e perguntou uma vez mais a si próprio por que motivo estava ali. *Não me cabe questionar as ordens do rei, e no entanto...*

Todos os membros do grupo eram de melhor nascimento e posição mais elevada do que Davos Seaworth, e os grandes senhores cintilavam ao sol da manhã. Aço prateado e embutidos de ouro abrilhantavam as suas armaduras, e os seus elmos de guerra eram ornamentados com uma profusão de plumas de seda, penas e animais heráldicos astuciosamente trabalhados com olhos de pedras preciosas. O próprio Stannis parecia deslocado naquela companhia rica e régia. Tal como Davos, o rei vinha simplesmente vestido de lã e couro fervido, embora o aro de ouro vermelho que lhe rodeava as têmporas lhe emprestasse uma certa grandeza. A luz do Sol relampejava nas pontas em forma de chama sempre que ele movia a cabeça.

Aquilo era o mais perto que Davos chegara de Sua Graça nos oito dias passados desde que a *Betha Negra* se tinha juntado ao resto da frota ao largo de Ponta Tempestade. Pedira audiência menos de uma hora depois de ter chegado, mas só conseguira obter a informação de que o rei estava ocupado. O rei estava frequentemente ocupado, soubera Davos pelo filho Devan, um dos escudeiros reais. Agora que Stannis Baratheon assumira o seu poder, os fidalgos zumbiam em seu redor como moscas em torno de um cadáver. *E ele também parece meio cadavérico, anos mais velho do que quando parti de Pedra do Dragão.* Devan dizia que nos últimos tempos o rei quase não dormia.

— Desde que o Lorde Renly morreu, tem sido perturbado por terrí-

veis pesadelos — confidenciara o rapaz ao pai. — As poções do Mestre não lhes tocam. Só a Senhora Melisandre consegue acalmá-lo o suficiente para voltar ao sono.

*Será por isso que ela partilha agora o seu pavilhão?*, perguntou Davos a si próprio. *Para rezar com ele? Ou será que tem outra maneira de o acalmar o suficiente para voltar ao sono?* Era uma questão indigna, que ele não se atrevia a colocar, mesmo ao seu próprio filho. Devan era um bom rapaz, mas usava orgulhosamente o coração flamejante no gibão, e o pai vira-o junto às fogueiras ao pôr-do-sol, implorando ao Senhor da Luz que trouxesse a alvorada. *Ele é o escudeiro do rei*, disse a si próprio, *era de esperar que adoptasse o deus do rei.*

Davos quase se esquecera de como as muralhas de Ponta Tempestade se erguiam altas e espessas quando vistas de perto. O Rei Stannis parou à sombra delas, a pouco mais de um metro de Sor Cortnay e do seu porta-estandarte.

— Sor — disse, com rígida cortesia. Não fez nenhum movimento para desmontar.

— Senhor. — Aquilo era menos cortês, mas não inesperado.

— É costume tratar um rei por *Vossa Graça* — anunciou o Lorde Florent. Uma raposa vermelha de ouro projectava o focinho brilhante da sua placa de peito através de um círculo de flores em lápis-lazúli. Muito alto, muito palaciano, e muito rico, o Senhor da Fortaleza de Águas Claras fora o primeiro dos vassalos de Renly a declarar o apoio a Stannis, e o primeiro a renunciar aos seus antigos deuses e adoptar o Senhor da Luz. Stannis deixara a sua rainha em Pedra do Dragão com o tio Axell, mas os homens da rainha eram mais numerosos e poderosos do que nunca, e Alester Florent era o que mais se destacava entre eles.

Sor Cortnay Penrose ignorou-o, preferindo dirigir-se a Stannis.

— Isto é uma notável companhia. Os grandes senhores Estermont, Errol e Varner. Sor Jon dos Fossoway da maçã verde e Dor Bryan da vermelha. O Lorde Caron e o Sor Guyard da Guarda Arco-Íris do Rei Renly... e o poderoso Lorde Alester Florent de Águas Claras, com certeza. Aquele é o vosso Cavaleiro das Cebolas que vejo lá atrás? É bom ver-vos, Sor Davos. Temo não conhecer a senhora.

— O meu nome é Melisandre, sor. — Só ela viera sem outra armadura que não fosse as suas soltas vestes vermelhas. Na garganta, o rubi vermelho bebia a luz do dia. — Sirvo o vosso rei e o Senhor da Luz.

— Desejo-vos felicidades com eles, senhora — respondeu Sor Cortnay — mas eu curvo-me perante outros deuses e um rei diferente.

— Não há mais do que um rei verdadeiro e um deus verdadeiro — anunciou o Lorde Florent.

— Estamos aqui para discutir teologia, senhor? Se soubesse, teria trazido um septão.

— Sabeis perfeitamente bem por que motivo estamos aqui — disse Stannis. — Tivestes uma quinzena para reflectir sobre a minha proposta. Enviastes os vossos corvos. Nenhuma ajuda veio. Nem virá. Ponta Tempestade está sozinha, e eu já não tenho paciência. Pela última vez, sor, ordeno-vos que abrais os portões, e me entregais o que é legitimamente meu.

— E as condições? — perguntou Sor Cortnay.

— Permanecem iguais — disse Stannis. — Perdoar-vos-ei pela vossa traição, tal como perdoei estes senhores que vedes atrás de mim. Os homens da vossa guarnição serão livres de entrar ao meu serviço ou de regressar a suas casas sem serem molestados. Podeis conservar as vossas armas e tanta propriedade quanta a que um homem for capaz de transportar. No entanto, irei necessitar dos vossos cavalos e animais de carga.

— E quanto a Edric Storm?

— O bastardo do meu irmão deve ser-me entregue.

— Nesse caso a minha resposta continua a ser não, senhor.

O rei apertou o maxilar. Nada disse.

No seu lugar, Melisandre falou.

— Que o Senhor da Luz vos proteja na escuridão, Sor Cortnay.

— Que os Outros vão ao cu ao vosso Senhor da Luz — cuspiu Penrose de volta — e lho limpem com esse trapo que transportais.

O Lorde Alester Florent pigarreou.

— Sor Cortnay, tende tento na língua. Sua Graça não deseja nenhum mal ao rapaz. O miúdo é do seu sangue, e também do meu. A mãe foi a minha sobrinha Delena, como todos sabem. Se não confiais no rei, confiai em mim. Conheceis-me como um homem de honra...

— Conheço-vos como um homem de ambição — interrompeu Sor Cortnay. — Um homem que troca de reis e de deuses como eu troco de botas. Tal como esses outros vira-casacas que vejo à minha frente.

Um clamor irado ergueu-se entre os homens do rei. *Ele não se enganava muito.* Pouco tempo antes, os Fossoway, Guyard Morrigen e os Lordes Caron, Varner, Errol e Estermont tinham pertencido a Renly. Tinham-se sentado no seu pavilhão, tinham-no ajudado a fazer os seus planos de batalha, tinham planeado o modo de subjugar Stannis. E o Lorde Florent estivera com eles... podia ser tio da Senhora Selyse, mas isso não impedira o Senhor de Águas Claras de dobrar o joelho a Renly quando a estrela deste subia.

Bryce Caron fez avançar o cavalo alguns passos, com o longo manto às listas arco-íris a retorcer-se sob o vento vindo da baía.

— Nenhum homem aqui é um vira-casaca, sor. A minha lealdade

pertence a Ponta Tempestade, e o Rei Stannis é o seu senhor legítimo... e o nosso verdadeiro rei. É o último da Casa Baratheon, herdeiro de Robert e de Renly.

— Se isso é assim, porque não está o Cavaleiro das Flores entre vós? E onde está Matthis Rowan? Randyll Tarly? A Senhora Oakheart? Porque não se encontram eles aqui na vossa companhia, aqueles que mais amavam Renly? *Onde está Brienne de Tarth, pergunto-vos?*

— Essa? — Sor Guyard Morrigen soltou uma gargalhada dura. — Fugiu. E foi o que lhe valeu. Foi dela a mão que matou o rei.

— Mentira — disse Sor Cortnay. — Conheci Brienne quando não passava de uma rapariga que brincava aos pés do pai no Solar do Entardecer, e conheci-a ainda melhor quando o Estrela da Tarde a mandou para cá, para Ponta Tempestade. Ela amou Renly desde o momento em que lhe pôs os olhos em cima, qualquer cego o via.

— Com certeza — declarou o Lorde Florent com desenvoltura — e estaria longe de ser a primeira donzela enlouquecida e levada ao assassinio pela rejeição de um homem. Se bem que, por mim, creia que quem matou o rei foi a Senhora Stark. Ela viera de Correrrio para apelar a uma aliança, e Renly recusara-lha. Não há dúvida que viu nele um perigo para o filho e removeu-o.

— Foi Brienne — insistiu o Lorde Caron. — Sor Emmon Cuy jurou que assim era antes de morrer. Juro que é verdade, Sor Cortnay.

O desprezo deu densidade à voz de Sor Cortnay.

— E de que vale o vosso juramento? Usais o vosso manto de muitas cores, segundo vejo. Aquele que Renly vos deu quando fizestes a vossa jura de protegê-lo. Se ele está morto, como é que vós permanecéis vivo? — Virou o desdém para Guyard Morrigen. — Podia perguntar-vos o mesmo, sor. Guyard, o Verde, não é? Da Guarda Arco-Íris? Que jurou dar a vida pela do rei? Se eu tivesse um manto desses, teria vergonha de usá-lo.

Morrigen irritou-se.

— Ficai feliz por isto ser uma conferência, Penrose, caso contrário arrancar-vos-ia a língua à conta dessas palavras.

— E atirá-la-íeis à mesma fogueira onde haveis deixado o vosso membro viril?

— *Basta!* — disse Stannis. — Foi vontade do Senhor da Luz que o meu irmão morresse pela sua traição. Quem cometeu o acto não importa.

— Talvez não vos importe a vós — disse Sor Cortnay. — Escutei a vossa proposta, Lorde Stannis. Eis agora a minha. — Tirou a luva e atirou-a em cheio à cara do rei. — Combate singular. Espada, lança ou qualquer arma que quiserdes mencionar. Ou se temerdes arriscar a vossa espada mágica e real pele contra um velho, nomeai um campeão, e eu farei o mesmo. — Dei-

tou a Guyard Morrigen e a Bryce Caron um olhar contundente. — Qualquer um destes cachorros servirá lindamente, creio.

Sor Guyard Morrigen escureceu de fúria.

— Eu aceito o desafio, se aprouver ao rei.

— E eu também. — Bryce Caron olhou para Stannis.

O rei rangeu os dentes.

— Não.

Sor Cortnay não pareceu surpreso.

— É da justiça da vossa causa que duvidais, senhor, ou da força do vosso braço? Tendes medo que eu mije na vossa espada flamejante e a apague?

— Tomais-me por um completo idiota, sor? — perguntou Stannis. — Tenho vinte mil homens. Estais cercado por terra e por mar. Porque iria escolher um combate singular quando a minha vitória é certa? — O rei apontou-lhe um dedo. — Ofereço-vos um aviso leal. Se me forçardes a tomar o meu castelo de assalto, não podereis esperar misericórdia. Enforcar-vos-ei por traição, a todos e a cada um.

— Como os deuses queiram. Venha daí o vosso assalto, senhor... e recordai, por obséquio, o *nome* deste castelo. — Sor Cortnay deu um puxão nas rédeas e regressou em direcção do portão.

Stannis não proferiu palavra, mas virou o cavalo e dirigiu-se ao seu acampamento. Os outros seguiram-no.

— Se assaltarmos estas muralhas, milhares de homens morrerão — inquietou-se o velho Lorde Estermont, que era avô do rei pelo lado da mãe. — Não seria melhor arriscar uma única vida? A nossa causa é justificada, e os deuses certamente que abençoariam as armas do nosso campeão com a vitória.

*É deus, velho,* pensou Davos. *Esqueces-te, agora temos só um, o Senhor da Luz de Melisandre.*

Sor Jon Fossoway disse:

— De bom grado aceitaria eu próprio o desafio dele, ainda que esteja longe de ser um espadachim tão bom como Lorde Caron ou Sor Guyard. Renly não deixou cavaleiros de nota em Ponta Tempestade. O serviço na guarnição é para velhos e rapazes inexperientes.

O Lorde Caron concordou.

— Uma vitória fácil, com certeza. E que glória, conquistar Ponta Tempestade com um único golpe!

Stannis varreu-os com um olhar.

— Tagarelais como rolas, e com menos esperteza. Quero silêncio. — Os olhos do rei caíram sobre Davos. — Sor. Acompanhai-me. — Esporeou o cavalo, afastando-o dos seguidores. Só Melisandre o acompanhou, trans-



portando o grande estandarte do coração flamejante com o veado coroadado no interior. *Como se tivesse sido engolido inteiro.*

Davos viu os olhares que viajaram entre os fidalgos enquanto passava por eles para se ir juntar ao rei. Aqueles não eram nenhuns cavaleiros das cebolas, mas homens orgulhosos com Casas cujos nomes carregavam honras antigas. De algum modo soube que Renly nunca os tinha censurado daquela forma. O mais novo dos Baratheon nascera com um dom para a cortesia fácil que infelizmente faltava ao irmão.

Abrandou para um trote lento quando o seu cavalo se pôs ao lado do rei.

— Vossa Graça. — Visto de perto, Stannis parecia pior do que Davos julgara de longe. O seu rosto tornara-se macilento, e possuía círculos escuros sob os olhos.

— Um contrabandista deve ser bom a ajuizar os homens — disse o rei. — O que pensais deste Sor Cortnay Penrose?

— É um homem teimoso — disse Davos com cautela.

— Com fome de morte, diria eu. Atira-me o perdão à cara. Sim, e atira a vida fora ao mesmo tempo, com as vidas de todos os homens que estão dentro daquelas muralhas. *Combate singular?* — O rei soltou uma fungadela de escárnio. — Certamente confundiu-me com Robert.

— É mais provável que estivesse desesperado. Que outra esperança tem?

— Nenhuma. O castelo cairá. Mas como fazê-lo rapidamente? — Stannis cismou sobre aquilo por um momento. Sob o ritmado *clop-clop* dos cascos, Davos conseguia ouvir o ténue som do rei a ranger os dentes. — O Lorde Alester insiste para que traga cá o velho Lorde Penrose. Pai de Sor Cortnay. Conheceis o homem, creio?

— Quando vim como vosso enviado, o Lorde Penrose recebeu-me mais cortesmente do que a maioria — disse Davos. — É um homem velho e acabado, senhor. Enfermiço e fraco.

— O Florent gostaria de o pôr a fraquejar mais visivelmente. À vista do filho, com uma corda em volta do pescoço.

Era perigoso opor-se aos homens da rainha, mas Davos jurara dizer sempre a verdade ao rei.

— Penso que seria mau fazer isso, meu suserano. Sor Cortnay mais depressa ficará a ver o pai morrer do que trairá a sua confiança. Nada nos conquistaria e traria desonra à nossa causa.

— Que desonra? — irritou-se Stannis. — Será que quereis que poupe a vida a traidores?

— Poupastes as vidas àqueles que vêm atrás de nós.

— Censurais-me por isso, contrabandista?

— Não me cabe fazê-lo. — Davos temia ter dito demasiado.  
O rei estava implacável.  
— Estimais este Penrose mais do que os senhores meus vassalos. Por-  
quê?  
— Ele é fiel.  
— Uma fidelidade mal dirigida a um usurpador morto.  
— Sim — admitiu Davos —, mas apesar disso, é fiel.  
— E aqueles que vêm atrás de nós, não?  
Davos chegara longe de mais com Stannis para se acanhar agora.  
— No ano passado eram homens de Robert. Há uma Lua eram de  
Renly. Hoje são nossos. De quem serão amanhã?  
E Stannis riu. Uma súbita gargalhada, rouca e cheia de desdém.  
— Eu disse-vos, Melisandre — disse à mulher vermelha —, o meu  
Cavaleiro das Cebolas diz-me a verdade.  
— Vejo que o conheceis bem, Vossa Graça — disse a mulher verme-  
lha.  
— Davos, senti intensamente a vossa falta — disse o rei. — Sim, tenho  
um séquito de traidores, o vosso nariz não vos engana. Os senhores meus  
vassalos são inconstantes até nas suas traições. Necessito deles, mas deveis  
saber como me repugna perdoar gente desta quando puni homens melho-  
res por crimes menores. Tendes todo o direito de me censurar, Sor Davos.  
— Censurais-vos a vós próprio mais do que eu alguma vez seria ca-  
paz de fazer, Vossa Graça. Precisais desses grandes senhores para conqui-  
star o vosso trono...  
— Com os dedos e tudo, ao que parece. — Stannis fez um sorriso  
sombrio.  
Sem pensar, Davos levou a mão mutilada à bolsa que usava ao pesco-  
ço e sentiu os ossos dos dedos lá dentro. *Sorte.*  
O rei viu o movimento.  
— Ainda aí estão, Cavaleiro das Cebolas? Não os perdestes?  
— Não.  
— Por que motivo os guardais? Com frequência tenho tido curiosi-  
dade a esse respeito.  
— Lembram-me aquilo que eu era. De onde vim. Lembram-me a  
vossa justiça, meu suserano.  
— E *foi* justiça — disse Stannis. — Um bom acto não lava os maus, e  
um mau não lava os bons. Cada um deve ter a sua recompensa. Vós fostes  
um herói e um contrabandista. — Relanceou o olhar para trás, para o Lorde  
Florent e os outros, cavaleiros do arco-íris e vira-casacas, que o seguiam à  
distância. — Aqueles senhores perdoados fariam bem em reflectir nisso.  
Homens bons e leais lutarão por Joffrey, considerando-o erradamente o le-

gítimo rei. Um nortenho até pode dizer o mesmo de Robb Stark. Mas estes lordes que se reuniram aos estandartes do meu irmão *sabiam* que ele era um usurpador. Viraram as costas ao seu legítimo rei por nenhum motivo melhor do que sonhos de poder e glória, e eu tomei nota do que eles são. Perdoei-lhes, sim. Estão desculpados. Mas não esqueci. — Caiu no silêncio por um momento, cismando sobre os seus planos de justiça. E então, abruptamente, disse: — Que diz o povo da morte de Renly?

— Sofre. O vosso irmão era muito querido.

— Os tolos amam um tolo — resmungou Stannis — mas eu também sofro por ele. Pelo rapaz que foi, não pelo homem em que se tornou. — Ficou em silêncio durante algum tempo, e depois disse: — Como receberam os plebeus a notícia sobre o incesto de Cersei?

— Enquanto nós estávamos entre eles, gritaram pelo Rei Stannis. Não posso falar do que disseram depois de termos zarpado.

— Então julgais que eles não acreditaram?

— Nos meus tempos de contrabando, aprendi que alguns homens acreditam em tudo e outros em nada. Encontrámos dos dois tipos. E também há outra história a ser disseminada.

— Sim. — Stannis cortou a palavra à dentada. — Selyse deu-me cornos e atou uma campainha de bobo à sua ponta. A minha filha gerada por um bobo retardado! Uma história tão torpe como absurda. Renly atirou-ma aos dentes quando nos encontrámos para conferenciar. Há que se ser tão louco como o Cara-Malhada para acreditar em tal coisa.

— Pode ser que sim, meu suserano... mas quer acreditem na história, quer não, adoram contá-la. — A muitos sítios chegara antes deles, envenenando o poço para a história verdadeira que transportavam.

— Robert podia encher uma taça de urina e os homens chamar-lhe-iam vinho, mas eu ofereço-lhes água pura e fresca e olham-na de viés, suspeitosos, enquanto comentam uns com os outros, aos murmúrios, o estranho sabor que tem. — Stannis rangeu os dentes. — Se alguém dissesse que eu me tinha transformado num javali para matar Robert, provavelmente também acreditariam nisso.

— Não podeis impedi-los de falar, meu suserano — disse Davos — mas quando levardes a vingança aos verdadeiros assassinos do vosso irmão, o reino saberá que tais histórias são mentiras.

Stannis só pareceu ouvir metade do que ele disse.

— Não tenho qualquer dúvida de que Cersei teve um dedo na morte de Robert. Obterei justiça por ele. Sim, e por Ned Stark e Jon Arryn também.

— E por Renly? — As palavras saíram antes que Davos conseguisse parar para as pensar.

Durante um tempo longo, o rei não falou. Então, muito baixo, disse:

— Por vezes sonho com isso. Com a morte de Renly. Uma tenda verde, velas, uma mulher a gritar. E sangue. — Stannis baixou os olhos para as mãos. — Ainda estava na cama quando ele morreu. O vosso Devan dir-vos-á. Tentou acordar-me. A alvorada aproximava-se e os meus senhores estavam à espera, preocupados. Devia estar a cavalo, de armadura posta. Sabia que Renly atacaria ao nascer do dia. Devan diz que me sacudi com violência e gritei, mas que importa? Era um sonho. Estava na minha tenda quando Renly morreu, e quando acordei, tinha as mãos limpas.

Sor Davos Seaworth sentiu uma comichão a surgir nas pontas fantasma dos seus dedos. *Há aqui algo de errado*, pensou o antigo contrabandista. Mas acenou com a cabeça e disse:

— Estou a ver.

— Renly ofereceu-me um pêssego. Na nossa conferência. Troçou de mim, desafiou-me, ameaçou-me e ofereceu-me um pêssego. Pensei que estava a puxar duma espada e levei as mãos à minha. Qual era o seu objectivo, fazer-me mostrar medo? Ou seria uma das suas brincadeiras fora de propósito? Quando falou de como o pêssego era doce, teriam as suas palavras algum significado escondido? — O rei abanou a cabeça, como um cão que sacudisse um coelho para lhe quebrar o pescoço. — Só Renly me conseguiria irritar tanto com uma peça de fruta. Ele condenou-se a si próprio com a traição que cometeu, mas eu gostava dele, Davos. Sei disso agora. Juro, irei para a cova a pensar no pêssego do meu irmão.

Nesse momento, já se encontravam no interior do acampamento, avançando por entre as fileiras ordenadas de tendas, as bandeiras enfundadas e as pilhas de escudos e lanças. Um fedor a bosta de cavalo pairava, pesado, no ar, misturado com o fumo de madeira e o cheiro de carne a cozinhar. Stannis parou o tempo suficiente para ladrar uma brusca despedida ao Lorde Florent e aos outros, ordenando-lhes que estivessem presentes no seu pavilhão dali a uma hora para um conselho de guerra. Os homens inclinaram as cabeças e dispersaram, enquanto Davos e Melisandre se dirigiam ao pavilhão do rei.

A tenda tinha de ser grande, visto ser ali que os senhores seus vassallos vinham para os conselhos. No entanto, nada nela havia de grandioso. Era uma tenda de soldado de tecido grosso, pintado do amarelo-escuro que por vezes passava por dourado. Só a bandeira real que esvoaçava no topo do mastro central a identificava como a tenda de um rei. Isso e os guardas à porta; homens da rainha apoiados em longas lanças, com o símbolo do coração flamejante cosido sobre os seus.

Palafreiros aproximaram-se para os ajudar a desmontar. Um dos guardas aliviou Melisandre do pesado estandarte, espetando profunda-

mente o mastro na terra mole. Devan estava a um lado da porta, esperando o momento de erguer a aba para o rei passar. Um escudeiro mais velho aguardava a seu lado. Stannis tirou a coroa e entregou-a a Devan.

— Água fria, taças para dois. Davos, prestai-me serviço. Senhora, mandar-vos-ei chamar quando necessitar de vós.

— Às ordens do rei. — Melisandre fez uma vénia.

Após o brilho da manhã, o interior do pavilhão parecia frio e sombrio. Stannis sentou-se num simples banco de acampar e indicou outro a Davos com um gesto.

— Um dia talvez faça de vós um senhor, contrabandista. Nem que seja para abespinhar os Celtigar e os Florent. Mas não me agradecereis. Significará que tereis de aguentar estes conselhos e fingir interesse no zurrar de mulas.

— Por que motivo os reunis, se não servem nenhum propósito?

— As mulas adoram o som dos seus zurros, por que outro motivo? E eu preciso delas para puxarem pela minha carroça. Oh, com certeza, muito de longe a longe é sugerida uma ideia útil. Mas não hoje, parece-me... ah, eis o vosso filho com a nossa água.

Devan pousou o tabuleiro na mesa e encheu duas taças de barro. O rei borrifou a sua com uma pitada de sal antes de beber; Davos tomou a sua água pura, desejando que fosse vinho.

— Faláveis do vosso conselho...

— Permitti-me que vos diga como se desenrolará. O Lorde Velaryon insistirá para que eu assalte as muralhas do castelo à primeira luz da aurora, opondo arpéus e escadas a setas e azeite a ferver. As mulas jovens acharão esta ideia magnífica. Estermont preferirá instalarmo-nos para os vencer pela fome, como os Tyrell e os Redwyne em tempos tentaram fazer comigo. Isso pode levar um ano, mas as mulas velhas são pacientes. E o Lorde Caron e os outros que gostam de escoicear quererão aceitar a manopla de Sor Cortnay e arriscar tudo num combate singular. Cada um deles imaginando que seria *ele* o meu campeão e conquistaria uma fama imortal. — O rei terminou a água. — O que me aconselharíeis vós a fazer, contrabandista?

Davos pensou um momento antes de responder.

— Avançar de imediato contra Porto Real.

O rei bufou.

— E deixar Ponta Tempestade por tomar?

— Sor Cortnay não possui poder suficiente para vos causar dano. Os Lannister possuem. Um cerco levaria demasiado tempo, o combate singular é demasiado arriscado, e um assalto custaria milhares de vidas sem certeza de sucesso. E não há necessidade. Uma vez Joffrey destronado, este castelo tem de passar para o vosso controlo com tudo o resto. Diz-se no

acampamento que o Lorde Tywin Lannister corre para oeste a fim de salvar Lannisporto da vingança dos nortenhos...

— Tens um pai bastante esperto, Devan — disse o rei ao rapaz que se encontrava em pé junto ao seu cotovelo. — Faz-me desejar ter mais contrabandistas ao meu serviço. E menos senhores. Apesar de vos enganardes num pormenor, Davos. *Existe* necessidade. Se deixar Ponta Tempestade por tomar na minha retaguarda, dir-se-á que fui aqui derrotado. E não posso permitir tal coisa. Os homens não me adoram como adoraram os meus irmãos. Seguem-me porque me temem... e a derrota é morte para o medo. O castelo tem de cair. — A sua mandíbula moveu-se de um lado para o outro. — Sim, e *depressa*. Doran Martell convocou os vassalos e fortificou os caminhos da montanha. Os seus homens de Dorne estão em posição para cair sobre a Marca. E Jardim de Cima está longe de esgotado. O meu irmão deixou a maior parte do seu poderio em Pontamarga, perto de seis mil homens a pé. Enviei o irmão da minha esposa, Sor Errol, com Sor Parmen Crane para colocar essa força sob o meu comando, mas não regressaram. Temo que Sor Loras Tyrell tenha chegado a Pontamarga antes dos meus enviados e se tenha assenhoreado dessa hoste.

— Mais um motivo para tomar Porto Real tão depressa quanto possível. Salladhor Saan disse-me...

— Salladhor Saan só pensa em ouro! — explodiu Stannis. — Tem a cabeça cheia de sonhos acerca do tesouro que imagina haver por baixo da Fortaleza Vermelha, portanto não falemos mais de Salladhor Saan. O dia em que eu precisar de aconselhamento militar vindo de um salteador liseño é o dia em que ponho de parte a minha coroa e visto o negro. — O rei fez um punho. — Estais aqui para me servir, contrabandista? Ou para me aborrecer com discussões?

— Pertencem-vos — disse Davos.

— Então escutai-me. O lugar-tenente de Sor Cortnay é primo dos Fossoway. Lorde Meadows, um rapaz inexperiente com vinte anos. Se algum azar abater Penrose, o comando de Ponta Tempestade passará para este jovem, e os seus primos crêem que ele aceitaria as minhas condições e entregaria o castelo.

— Recordo outro jovem a quem foi dado o comando de Ponta Tempestade. Não podia ter muito mais de vinte anos.

— O Lorde Meadows não é tão obstinadamente casmurro como eu era.

— Casmurro ou cobarde, que importa? Sor Cortnay Penrose pareceu-me forte e vigoroso.

— Também o meu irmão o era no dia anterior à sua morte. A noite é escura e cheia de terrores, Davos.

Davos Seaworth sentiu os cabelinhos da nuca a pôr-se em pé.

— Senhor, não vos entendo.

— Não exijo o vosso entendimento. Só o vosso serviço. Sor Cortnay estará morto antes de amanhã. Melisandre viu-o nas chamas do futuro. A sua morte e a forma que tomou. É escusado dizer que não morrerá num combate de cavaleiro. — Stannis estendeu a taça e Devan voltou a enchê-la. — As chamas dela não mentem. Viu também o destino de Renly. Viu-o em Pedra do Dragão, e contou a Selyse. O Lorde Velaryon e o vosso amigo Salladhor Saan queriam que eu avançasse contra Joffrey, mas Melisandre disse-me que, se me dirigisse a Ponta Tempestade, poderia conquistar a maior parte do poderio do meu irmão, e teve razão.

— M-mas — gaguejou Davos — o Lorde Renly só veio até cá porque tínheis montado cerco ao castelo. Antes marchava contra Porto Real, contra os Lannister, teria...

Stannis mexeu-se no banco, franzindo o sobrolho.

— *Marchava, teria*, que é isso? Ele fez o que fez. Veio até cá com os seus estandartes e os seus pêssegos, direito ao seu destino... e foi bom para mim que o tenha feito. Melisandre viu também outro dia nas suas chamas. Um amanhã em que Renly chegava do sul na sua armadura verde para esmagar a minha hoste sob as muralhas de Porto Real. Se tivesse encontrado o meu irmão aí, podia ter sido eu a morrer no seu lugar.

— Ou podíeis ter juntado as vossas forças às dele para derrubar os Lannister — argumentou Davos. — E porque não? Se ela viu dois futuros, bem... não podem ser *ambos* verdadeiros.

O Rei Stannis apontou-lhe um dedo.

— É aí que errais, Cavaleiro das Cebolas. Há luzes que lançam mais do que uma sombra. Ponde-vos em frente da fogueira da noite e vereis por vós próprio. As chamas mudam e dançam, nunca estão quietas. As sombras crescem e mingnam, e cada homem lança uma dúzia. Algumas são mais ténues do que outras, é tudo. Pois bem, os homens lançam também as suas sombras sobre o futuro. Uma sombra ou muitas. Melisandre vê-as a todas.

»Vós não gostais da mulher. Eu sei disso, Davos, não sou cego. Os meus senhores tampouco simpatizam com ela. Estermont pensa que o coração flamejante foi mal escolhido e pede para lutar sob o veado coroadado como antigamente. Sor Guyard diz que uma mulher não devia ser o meu porta-estandarte. Outros sussurram que ela não tem lugar nos meus conselhos de guerra, que a devia mandar de volta para Asshai, que é pecaminoso mantê-la na minha tenda durante a noite. Sim, eles sussurram... enquanto ela serve.

— Serve como? — perguntou Davos, temendo a resposta.

— Como é necessário. — O rei olhou-o. — E vós?

— Eu... — Davos lambeu os lábios. — Eu estou às vossas ordens. Que quereis que faça?

— Nada que não tenhais feito antes. Basta que acostais com um barco sob o castelo, sem serdes visto, no cerrado da noite. Podeis fazer isso?

— Sim. Esta noite?

O rei confirmou com um aceno brusco.

— Ireis necessitar de um barco pequeno. A *Betha Negra* não. Ninguém pode saber o que fazeis.

Davos quis protestar. Era agora um cavaleiro, já não um contrabandista, e nunca fora um assassino. Mas quando abriu a boca, as palavras não quiseram vir. Aquele era *Stannis*, o seu senhor justo, ao qual devia tudo o que era. E também tinha de pensar nos filhos. *Que os deuses sejam bons, que lhe fez ela?*

— Estais calado — observou Stannis.

*E assim devia ficar*, disse Davos a si próprio, mas disse:

— Meu suserano, tendes de tomar o castelo, compreendo isso agora, mas certamente haverá outras maneiras. Maneiras mais *limpas*. Deixai que Sor Cortnay fique com o bastardo, e ele provavelmente cederá.

— Eu tenho de ter o rapaz, Davos. *Tenho* de o ter. Melisandre também viu isso nas chamas.

Davos procurou outra resposta.

— Ponta Tempestade não tem nenhum cavaleiro que seja capaz de se opor a Sor Guyard ou ao Lorde Caron, ou a qualquer outro de uma centena de cavaleiros que tendes ao serviço. Este combate singular... será possível que Sor Cortnay procure uma maneira de ceder com honra? Mesmo se isso signifique a sua vida?

Uma expressão perturbada cruzou o rosto do rei como uma nuvem passageira.

— O mais certo é que planeie alguma traição. Não haverá nenhum combate de campeões. Sor Cortnay estava morto antes mesmo de arremessar aquela luva. As chamas não mentem, Davos.

*E no entanto precisam de mim para que se tornem verdadeiras*, pensou. Passara-se muito tempo desde a última vez que Davos Seaworth se sentira tão triste.

E foi assim que deu por si uma vez mais a atravessar a Baía dos Naufrágios noite cerrada, manobrando um barco minúsculo com uma vela negra. O céu era o mesmo, e o mar também. Havia o mesmo cheiro salgado no ar, e os risinhos da água contra o casco eram tal e qual como se lembrava. Um milhar de fogueiras oscilantes ardiam em torno do castelo, tal como as fogueiras que os Tyrell e os Redwyne tinham dezasseis anos antes. Mas tudo o resto era diferente.



Da última vez foi vida o que trouxe a Ponta Tempestade, esculpida para se parecer com cebolas. Desta vez era morte, sob a forma de Melisandre de Asshai. Dezasseis anos antes, as velas tinham rangido e batido a cada mudança de vento, até que ele as arriara e prosseguira com remos envoltos em panos. Mesmo assim, avançara com o coração na garganta. Mas os homens nas galés Redwyne tinham-se desleixado depois de tanto tempo, e ele deslizara através do cordão com a suavidade de cetim negro. Daquela vez, os únicos navios à vista pertenciam a Stannis, e o único perigo viria dos vigias nas muralhas do castelo. Mesmo assim, Davos sentia-se tenso como a corda de um arco.

Melisandre era um montículo sobre um banco, perdida nas dobras de um manto vermelho-escuro que a cobria da cabeça aos pés, com a face pálida sob o capuz. Davos adorava a água. Dormia melhor quando tinha um convés a baloiçar por baixo do corpo, e o suspiro do vento no cordame era para ele um som mais doce do que qualquer coisa que um cantor conseguisse tirar das cordas da sua harpa. Mas nem mesmo o mar lhe trazia conforto naquela noite.

— Consigo cheirar o medo em vós, sor cavaleiro — disse a mulher vermelha em voz baixa.

— Alguém me disse um dia que a noite é escura e cheia de terrores. E esta noite não sou nenhum cavaleiro. Esta noite sou de novo Davos, o contrabandista. Bem gostaria que vós fôsseis uma cebola.

Ela riu.

— É de mim que tendes medo? Ou daquilo que fazemos?

— Daquilo que vós fazeis. Eu não terei nenhum papel nisso.

— A vossa mão içou a vela. A vossa mão segura a cana do leme.

Em silêncio, Davos prestou atenção à rota. A costa era uma confusão de rochedos, e por isso levava-os por bem longe, do outro lado da baía. Esperaria até que a maré virasse antes de dar a volta. Ponta Tempestade minguava atrás deles, mas a mulher vermelha não parecia preocupada.

— Vós sois um bom homem, Davos Seaworth? — perguntou.

*Estaria um bom homem a fazer isto?*

— Sou um homem — disse. — Sou gentil para a minha mulher, mas conheci outras mulheres. Tentei ser um pai para os meus filhos, ajudar a criar para eles um lugar neste mundo. Sim, quebrei leis, mas nunca me senti mau até esta noite. Diria que os meus papéis estão misturados, senhora. Bons e maus.

— Um homem cinzento — disse ela. — Nem branco nem preto, mas com um pouco de ambos. É isso o que sois, Sor Davos?

— E se for? Parece-me que a maioria dos homens são cinzentos.

— Se metade de uma cebola estiver negra de podridão, é uma cebola podre. Um homem ou é bom ou é mau.

As fogueiras atrás deles tinham-se fundido num vago brilho contra o céu negro, e a terra estava quase fora de vista. Era tempo de dar a volta.

— Cuidado com a cabeça, senhora. — Empurrou a cana do leme, e o pequeno barco vomitou uma onda de água negra enquanto virava. Melisandre curvou-se sob a verga oscilante, com uma mão no alcatrate, tão calma como sempre. Madeira rangeu, pano estalou e água espadanou, tão alto que se poderia jurar que o castelo certamente teria ouvido. Davos sabia que não. O interminável esmagar das ondas nas rochas era o único som que penetrava as massivas muralhas viradas para o mar de Ponta Tempestade, e apenas de forma ténue.

Uma esteira ondulante estendeu-se atrás do barco quando viraram em direcção à costa.

— Falais de homens e cebolas — disse Davos a Melisandre. — E as mulheres? Não é o mesmo com elas? Sois boa ou má, senhora?

Aquilo fê-la soltar um risinho.

— Oh, muito bem. Sou uma espécie de cavaleiro, querido sor. Um campeão da luz e da vida.

— E no entanto planeais matar um homem esta noite — disse ele. — Tal como haveis matado o Mestre Cressen.

— O vosso Mestre envenenou-se a si próprio. Tencionava envenenar-me, mas eu estava protegida por um poder superior e ele não.

— E Renly Baratheon? Quem foi que o matou?

A cabeça dela virou-se. À sombra do capuz, os olhos ardiam como chamas de vela vermelhas-claras.

— Eu não fui.

— Mentirosa. — Davos tinha agora a certeza.

Melisandre voltou a soltar uma gargalhada.

— Estais perdido no escuro e na confusão, Sor Davos.

— E ainda bem. — Davos indicou com um gesto as distantes luzes que tremeluziam ao longo das muralhas de Ponta Tempestade. — Sentis como o vento sopra frio? Os guardas aninhar-se-ão perto dos seus archotes. Um pouco de calor, um pouco de luz, são um conforto numa noite como esta. Mas isso cegá-los-á, de modo que não nos verão passar. — *Espero eu.* — Agora é o deus da escuridão que nos protege, senhora. Até a vós.

As chamas nos seus olhos pareceram arder com um pouco mais de força ao ouvir aquilo.

— Não mencioneis esse nome, sor. Para não atrairdes o seu olho negro sobre nós. Ele não protege ninguém, garanto-vos. É o inimigo de tudo o

que vive. São os archotes que nos escondem, vós mesmo o dissestes. O fogo. A brilhante oferta do Senhor da Luz.

— Seja como quiserdes.

— Como ele quer, na verdade.

O vento estava a mudar. Davos podia senti-lo, podia vê-lo no modo como o pano negro ondulava. Estendeu a mão para as adriças.

— Ajudai-me a arriar a vela. Levar-nos-ei o resto do caminho a remos.

Juntos, prenderam a vela enquanto o barco balouçava por baixo dos seus pés. Enquanto Davos estendia os remos e os fazia deslizar para as agitadas águas negras, disse:

— Quem vos levou até Renly?

— Não houve necessidade — disse ela. — Ele estava desprotegido. Mas aqui... esta Ponta Tempestade é um lugar antigo. Há feitiços entretecidos nas pedras. Muralhas escuras que nenhuma sombra consegue penetrar... antigas, esquecidas, mas ainda no lugar.

— Sombra? — Davos sentiu a pele a arrepiar-se. — Uma sombra é uma coisa que pertence à escuridão.

— Sois mais ignorante do que uma criança, sor cavaleiro. Não há sombras na escuridão. As sombras são as servas da luz, as filhas do fogo. A mais brilhante das chamas lança as mais escuras das sombras.

Franzindo o sobrolho, Davos mandou-a calar. Estavam de novo a aproximar-se da costa, e as vozes chegavam longe por sobre a água. Remou, fazendo com que o ténue som dos remos se perdesse no ritmo das ondas. O lado virado para o mar de Ponta Tempestade empoleirava-se numa pálida colina branca, cuja pedra calcária se erguia abruptamente até vez e meia a altura da maciça muralha exterior do castelo. Uma abertura bocejava na falésia, e era para aí que Davos levava o barco, como levava dezasseis anos antes. O túnel abria-se numa caverna sob o castelo, onde os antigos senhores da Tempestade tinham construído o seu cais.

A passagem só era navegável durante a maré-cheia, e nunca era menos que traiçoeira, mas a sua perícia de contrabandista não o abandonara. Davos abriu caminho com habilidade por entre os rochedos recortados até que a abertura do túnel se ergueu à frente deles. Deixou que as ondas os levassem para dentro. Esmagavam-se em redor, atirando o barco para um lado e para o outro e ensopando-os até aos ossos. Uma projecção de rocha entrevista surgiu de súbito da escuridão, rosnando de espuma, e Davos só por pouco conseguiu mantê-los afastados com um remo.

E então tinham passado, submersos em escuridão, e as águas acalmaram. O pequeno barco abrandou e rodopiou. O som da sua respiração ecoou até parecer rodeá-los. Davos não esperara o negrume. Da última vez,

ardiam archotes ao longo de todo o túnel, e os olhos de homens esfomeados espreitavam através dos alçapões do tecto. Sabia que a porta levadiça estava algures mais à frente. Davos usou os remos para abrandar o barco e deslizaram contra a porta quase com suavidade.

— Não podemos avançar mais, a menos que tenhais um homem lá dentro que nos ice o portão. — Os murmúrios correram pelas águas que batiam contra o casco como uma fileira de ratos com patas suaves e cor-de-rosa.

— Passámos para dentro das muralhas?

— Sim. Por baixo. Mas não podemos avançar mais. A porta levadiça desce até ao fundo. E as barras são tão apertadas que nem uma criança consegue esgueirar-se entre elas.

A única resposta foi um pequeno roçar. E então uma luz germinou nas trevas.

Davos ergueu uma mão para proteger os olhos, e ficou com a respiração presa na garganta. Melisandre atirara o capuz para trás e saía de dentro da sufocante veste. Por baixo estava nua, e enormemente grávida. Seios inchados pendiam pesadamente sobre o peito, e a barriga projectava-se como se estivesse prestes a rebentar.

— *Que os deuses nos protejam* — sussurrou Davos, e ouviu a gargalhada que ela soltou em resposta, profunda e gutural. Os olhos eram carvões quentes, e o suor que lhe manchava a pele parecia cintilar com uma luz própria. Melisandre *brilhava*.

Arquejando, a mulher agachou-se e abriu as pernas. Sangue escorreu-lhe pelas coxas, negro como tinta. O grito dela podia ter sido de agonia, de êxtase ou de ambas as coisas. E Davos viu o topo da cabeça da criança a abrir caminho para fora dela. Dois braços libertaram-se, agarrando-se, com dedos negros que se enrolavam em volta das coxas retesadas de Melisandre, empurrando, até que a sombra deslizou por completo para o mundo e se ergueu, mais alta do que Davos, tão alta como o túnel, pairando por cima do barco. Teve apenas um instante para olhar para ela antes que desaparecesse, retorcendo-se por entre as barras da porta levadiça e correndo pela superfície da água, mas esse instante foi mais do que o suficiente.

Conhecia aquela sombra. E conhecia o homem que a lançava.